

The background of the image is a composite of two photographs. The top half shows a pregnant woman from the chest down, wearing a light pink, textured knit sweater over a white top. She is holding her belly. The bottom half shows a man with dark hair and a beard, wearing a dark blue suit and a light blue shirt. He is sitting in a car, holding a glass of water to his lips with his right hand and a cigar in his left. The background of the car interior is dark, and there are some blurred lights outside.

Uma
gravidez
para o
CEO

ALINE PÁDUA



Uma
gravidez
para o
CEO

ALINE PÁDUA

Copyright 2023 © Aline Pádua

2º edição – fevereiro 2023

Todo o enredo é de total domínio da autora, sendo todos os direitos reservados. proibida qualquer forma de reprodução total ou parcial da obra, sem autorização prévia e expressa da autora.

**QUALQUER SEMELHANÇA COM A REALIDADE É
MERA COINCIDÊNCIA.**

Edição: AAA DESIGN

Sumário

[Nota I](#)

[Playlist](#)

[Sinopse](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[“Mas eu sou fogo e vou manter seu frágil coração quente...”](#)

[Nota II](#)

[Redes Sociais](#)

Nota I

Esse livro é um relançamento. Anteriormente, essa história foi lançada como “CEO – o que sobrou do desejo”. Essa passou por nova edição e diagramação, e agora chega até você. Seja essa sua primeira ou segunda vez com eles, espero de coração que Marta e Gustavo possam ocupar um pedacinho do seu.

Com amor,

Aline



...Ready For It? – Taylor Swift

All To Well – Taylor Swift

august – Taylor Swift

Call It What You Want – Taylor Swift

Call Out My Name – The Weeknd

Can't Remember to Forget You – Shakira feat. Rihanna

Catch Me – Demi Lovato

champagne problems – Taylor Swift

Chuva de Arroz – Luan Santana

Close – Nick Jonas feat. Tove Lo

coney island. – Taylor Swift

Count On Me – Bruno Mars

Cruel Summer – Taylor Swift

Dia, lugar e hora – Luan Santana

Don't Blame Me – Taylor Swift

Dynamite – BTS

Enchanted – Taylor Swift

Escreve aí – Luan Santana

evermore – Taylor Swift feat. Bon Iver

exile – Taylor Swift feat. Bon Iver

gold rush – Taylor Swift

Hands To Myself – Selena Gomez

Heartbreak Anniversary – Giveon

Heaven – Julia Michaels

Leave The Door Open – Silk Sonic

Like I Want You – Giveon

Mercy – Shawn Mendes

Never Be the Same – Camila Cabello

New Rules – Dua Lipa

Peer Pressure – James Bay feat. Julia Michaels

Señorita – Shawn Mendes feat. Camila Cabello

Stuck On You – Giveon

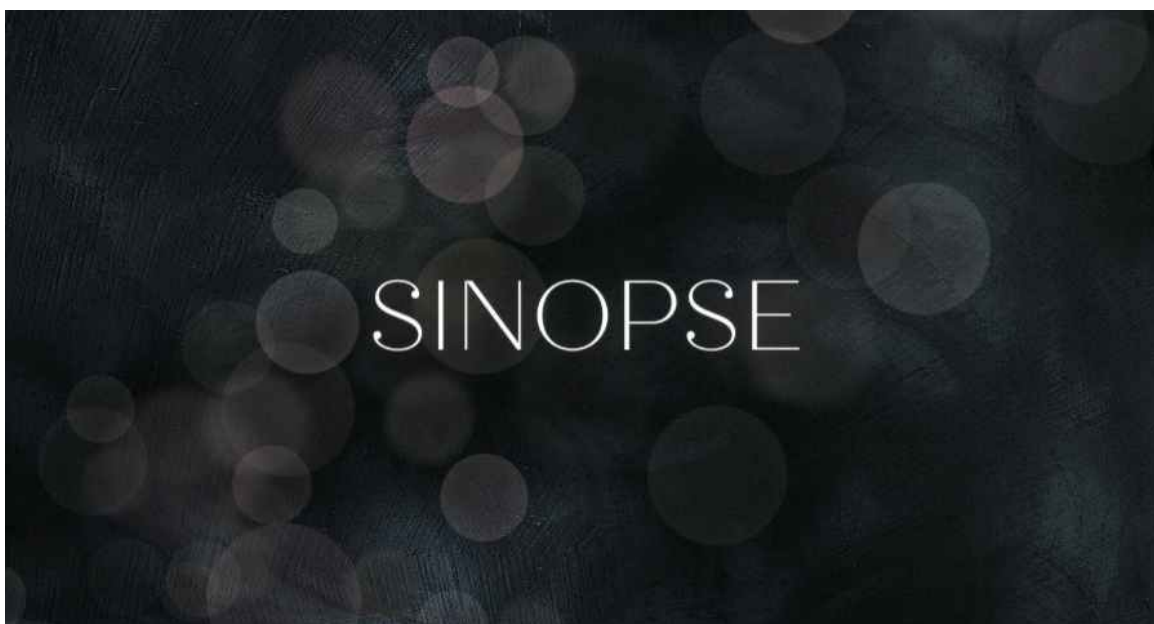
Take Time – Giveon

The Way I Loved You – Taylor Swift

Tudo que você quiser – Luan Santana

Vanish – Giveon

Worst In Me – Julia Michaels



“Apenas uma noite e nada mais”

Marta Sousa não queria se envolver. Na verdade, tinha para si que *não* deveria se envolver com *ele*. Mesmo que todo seu corpo gritasse para se aproximar, racionalmente, ela tinha a certeza de que os olhos quase gelo de Gustavo Di Lucca não poderiam estar presentes nas suas tórridas noites e, muito menos, no amanhecer do dia seguinte.

Quando o destino continua interferindo e eles sempre acabam a frente um do outro, a proposta de “Apenas uma noite e nada mais” não parece uma ideia tão terrível assim.

Até que ela descobre que está grávida *dele*, e o CEO de olhos de gelo está de casamento marcado com *outra*.



PREFÁCIO

“Eu quis tanto ser a tua paz, quis tanto que você fosse o meu encontro. Quis tanto dar, tanto receber. Quis precisar, sem exigências. E sem solicitações, aceitar o que me era dado. Sem ir além, compreende? Não queria pedir mais do que você tinha, assim como eu não daria mais do que dispunha, por limitação humana. Mas o que tinha, era seu.”

Caio Fernando Abreu



“Soube que ele era um assassino desde primeira vez em que o vi

Imaginei quantas garotas ele amou e deixou assombradas”^[1]

Marta

Sorri para Laura que correu em direção ao jardim, e me encostei contra os armários da cozinha. Suspirei profundamente, pensando e repensando em como tive sorte de encontrar um emprego como aquele. Antes de conseguir a vaga como empregada na casa dos Lourenzinni-

Guttermann, dividia-me em três empregos, para conseguir ganhar o mesmo salário que tirava ali, apenas em meio período.

Eu estava grata.

Eu estava feliz.

Pensava em como seria mais fácil conseguir conciliar a faculdade com o trabalho, e que meu objetivo, cada vez mais, parecia próximo – eu me formaria. Meu celular tocou e o peguei rapidamente, encarando o nome de minha madrinha. Só poderia ser ela, na realidade.

— Oi, tata!

— *Nem vem com carinho, que eu estou maluca cocê!* — gritou do outro lado da linha e eu sorri. — *Mas posso te xingar depois, sei que está no trabalho. Só liguei para dar um “oi”.*

— Obrigada por cuidar de mim, tata. — comentei e segurei-me levemente contra o balcão de granito.

Ela sabia o que aquelas palavras representavam. Lucinda Oliveira me criara como sua filha e nunca me esqueceria daquilo. Ela era a única família que conheci e que tive amor. Depois que meus pais faleceram em um acidente de carro, e ela, como minha madrinha e melhor amiga deles, me adotou aos cinco anos, já que a família de nenhum dos dois poderia cuidar de uma criança, ela se tornara meu tudo.

Quando olhava para trás, ela sempre estava lá.

Quando pensava no passado ou no futuro, eu sempre pensava nela.

— Num esquece que eu só te suporto! — rebateu, fazendo-me rir e saber que era uma cópia fiel dela. Não sabia falar abertamente sobre sentimentos, mas conseguia expressá-los de outras maneiras.

— Preciso ir, mas... Vou tentar te visitar nesse fim de semana.

— Me avisa que faço sua comida favorita.

— Tchau tata. — falei e desfiz a ligação, guardando o celular no bolso traseiro da calça.

Sorri ainda mais, porque de alguma forma, parecia estar encontrando meu lugar. De certa maneira, concluindo um sonho que antes foi de meus pais, depois de minha madrinha, e agora, era meu – ter uma graduação.

Enquanto me concentrava em guardar alguns copos já secos, senti como se meu corpo todo queimasse e a sensação se tornara esmagadora. Assim que me virei dei de cara com um homem ruivo, parado a uns cinco passos de mim. Seu olhar era de um azul tão claro, quase transparente, que me recordava a gelo. Ele usava um terno que caía perfeitamente em seu corpo e fiquei paralisada diante de tamanha beleza.

Ainda mais, porque meus olhos não conseguiram não o varrer por completo. *Merda, Marta!*

— Desculpe atrapalhar. — Adiantou-se, com o olhar preso ao meu, e deu um passo à frente, esticando sua mão. — Sou Gustavo Di Lucca, amigo da família. Estou com sede, então...

— Desculpe, senhor Di Lucca. — Apressei-me a dizer e parar de comer o homem com os olhos. Ele parecia ser alguns anos mais velho, mas mesmo assim, era tão bonito que me via querendo olhar para ele novamente. — Quer que eu pegue algo ou...

— Eu posso pegar, sem problema. — comentou, e só então notei que permaneceu com a mão em minha direção.

No segundo em que tomei coragem de apertar sua mão e senti todo meu corpo queimar ainda mais, soube que ele vinha com uma faixa neon escrito “proibido”, diante de toda a beleza e sensações que me trazia.

— Marta Sousa. — falei, e ele desfez o toque, caminhando em direção a geladeira.

Aquela cozinha era gigante, mas naquele instante, pareceu tão pequena, que poderia jurar que a qualquer momento, estaria presa em seu corpo. *De onde saíra tudo aquilo?*

Foquei em guardar os copos e tentar entender que aquele formigamento que percorria todo meu corpo, era apenas por ele se tratar do homem mais lindo que já colocara os olhos. Tinha que ser aquilo. O desejo crescente em minhas veias, e que *por todos os universos*, tinha que ser unilateral.

— Marta?

Seu chamado soou como um comando perfeito para que meu corpo traidor se virasse e não consegui entender como estava reagindo daquela forma a alguém.

— Sim. — falei, sem conseguir desviar do olhar, que parecia tão preso ao meu, quanto o meu ao dele. *Será que ele sentiu a mesma intensidade ou eu estava perdendo a cabeça?*

— É um prazer conhecê-la. — comentou e eu assenti, sabendo que o homem apenas estava sendo educado, e eu, parecia uma tonta no meio da cozinha.

— O prazer é meu, senhor Di Lucca. — falei, e não quis pensar no duplo sentido que as palavras tiveram em minha mente. *Pelos céus, Marta Sousa!*

— Pode me chamar só de Gustavo ou Di Lucca.

Assenti para ele, odiando o fato de me dar qualquer sinal de intimidade. *O homem estava apenas sendo educado, inferno!* Xinguei-me internamente, enquanto ainda o encarava, e logo o perdi de vista quando seguiu pelo corredor. Soltei o ar com força e segurei-me contra a bancada.

O que diabos tinha acontecido ali?

Não tinha ideia, mas o nome *Gustavo Di Lucca* ficara preso a minha mente. E torcia, fielmente, para que seu nome fosse a única coisa a ficar presa a mim.



CAPÍTULO 1

“Me matando devagar, do lado de fora da janela

Eu estou sempre esperando que você esteja esperando lá embaixo

Demônios jogam os dados, anjos reviram os olhos

O que não me mata, me faz te querer mais”^[2]

Cinco anos depois

Marta

Não devia estar pensando tanto.

Suspirei profundamente, tentando nublar meus pensamentos, de como tudo ficara tão confuso. A cada novo encontro com Gustavo Di Lucca mais meu corpo queria se entregar. Aquela antecipação e negação me matavam por dentro. E por mais que tentasse fugir dele, os círculos eram curtos demais para nunca esbarrar com seu olhar, nem que fosse em um almoço de domingo.

Aos quase trinta anos, tentava me lembrar de que não poderia vacilar em absolutamente nada. Tinha a faculdade, TCC, trabalho... Tinha tanto para focar, e ali estava eu, parada encarando as prateleiras do supermercado, sem querer escolher que suco levaria, mas sim, pensando nos olhos azul gelo dele.

Gustavo me atormentava há anos. Nunca conseguira, por mais que tentasse, tirá-lo de meu sistema. No começo, foi até simples. Eu era a empregada na casa de seu melhor amigo, e nosso contato era mínimo, contudo, por mais que quisesse, depois que nos vimos pela primeira vez, o Rio de Janeiro se tornou a menor cidade que já estive. Até mesmo menor do que a cidade do interior de Minas em que nasci. Perdi as contas de quantas vezes esbarrei com ele em ruas e locais aleatórios, e até mesmo na faculdade. Perdi a conta de quantas vezes estive sozinha com ele, em um mesmo ambiente, na casa em que trabalhava.

Existiam coincidências demais entre nós.

Existiam perigos demais em pensar sobre ele.

Gustavo vivia uma realidade completamente diferente da minha, e nele, enxergava tudo o que não me atraía em um homem. Mas ele... Ele tinha algo diferente. E nada me preparou para que seu gosto fosse tão bom quanto em meus sonhos mais indecentes. Ele tinha gosto de luxúria pura, e eu só conseguia pensar em como todos os beijos perdidos que demos, nunca nos levaram para a cama.

Eu o queria.

Por que diabos não o tinha?

A realidade era que tinha medo de gostar de alguém. Ainda mais, alguém que despertava o inferno em mim apenas com o olhar. Por mais que nos encontrássemos bastante, e nossos melhores amigos fossem casados, e nosso círculo de amizade o mesmo, eu não me via sabendo nada além da casca daquele homem. O olhar frio me chamava para ele, o tanto quanto repelia. E me assustava o fato de parecer presa em um clichê de CEO, e ainda mais, um clichê romântico.

— Odeio essa merda. — falei, pegando a primeira garrafa de suco e colocando no carrinho.

— Por que eu acho que não encontrou seu suco favorito? — a pergunta de Lilian, ao meu lado, fez-me perceber que esqueci por

completo que ela veio comigo. Como sempre, ela se perdeu na frente de vários chocolates e só agora me encontrou. — Que cara é essa? — indagou, e eu quis negar de imediato, mas pela primeira vez, não consegui fingir que estava tudo bem.

As palavras de Gustavo em nosso último encontro inesperado que terminara em ceder ao desejo, rondando minha mente.

Meus lábios inchados pelo beijo devastador. Seus lábios com meu batom vermelho borrando-os. Ele então levou aquela boca indecente até minha orelha e fez-me quase gemer ao seu sussurrar: Um dia, vai querer ser minha o tanto quanto eu quero ser seu.

O que diabos aquelas palavras fizeram comigo?

— Isso tá com cara do Di Lucca. — Apontou, e odiei o fato de que ela e Melissa estavam certas o tempo todo.

Elas me conheciam melhor do que qualquer pessoa, mesmo que as conhecesse há apenas cinco anos. Lilian Oliveira e Melissa Lourenzinni eram amigas há muitos anos, e não sabia dizer como, quando me tornei empregada na casa de Melissa, acabamos tornando aquilo muito maior do que imaginei – ela se tornara parte de mim, e com Lilian, acabou acontecendo o mesmo. Agora éramos vizinhas de porta e fazíamos compras juntas. O tempo passara voando.

— Sabe que uma hora vai ter que falar sobre ele, né? Estão nesse chove e não molha há quanto tempo? Cinco anos? — fiz uma careta e assenti.

— Desde que nos conhecemos? — indaguei, sem nem eu mesma saber por que falava daquilo. Talvez estivesse cansada de fugir e não assumir que queria ficar com ele por ao menos uma noite.

— Já te pegamos beijando *ele* no aniversário da Laura. — Apontou e eu sabia o quanto aquilo soava ridículo. — São adultos, solteiros e se querem... Por que não assumem isso logo?

— Não é assim também. — Cortei-a rapidamente. — Não quero um compromisso, e tenho outras prioridades. Você sabe disso!

— Eu sei que você nunca se dá um momento de prazer. Puro prazer, Marta. — Encarei-a, sabendo que era verdade. — Tudo bem não querer se casar com ele, mas pode, por favor, ir ao apartamento dele e foder uma noite inteira?

— Só uma noite não vai me fazer perder o foco, né? — perguntei, talvez para mim mesma, e Lilian me encarava com claro deboche.

— Você tá totalmente desfocada porque fica sonhando acordada com o CEO gostosão. — Provocou e eu revirei os olhos, empurrando o

carrinho em sua direção. — Qual é, vai dizer que ele não faz jus ao apelido?

— Eu não vou dizer mais nada. — falei por fim, e sorri para minha amiga. Enquanto tentava encarar as prateleiras que apareciam, com maior interesse.

— Eu tenho o número dele, aliás. — comentou por cima, fazendo-me parar e virar para ela.

— O que quer que faça? — perguntei de uma vez, e ela arregalou ainda mais os grandes olhos azuis. — Lilian!

— Eu posso, sabe... Talvez, ter o endereço dele também. — falou e fiquei ainda mais incrédula. — *Ei!* Pedi para Levi, e ele me jurou que não contou a Gustavo sobre. Na verdade, se contasse, faria sentido nenhum, mas...

— Você acha mesmo que eu vou bater na portaria do prédio dele e dizer “Ei, gostosão, tô aqui no teu prédio depois de te dizer várias vezes que não vamos ter nada?”

— Sim! Eu não acho, tenho certeza! — falou, e parecia ser a maior torcedora do casal. — Qual é, Marta? O cara tá totalmente na sua, e isso é claro para todos ao redor. Até mesmo vi Victória falando sobre isso no último jantar entre amigos. Ela falou disso para a mesa inteira e

ele não negou! — pontuou e aquela informação me pegou completamente desprevenida. — Não falamos nada já que você, bom, nunca quer sequer ouvir o nome dele.

— Isso é loucura! — pontuei cada palavra e voltei a andar, deixando-a para trás com o carrinho.

Era loucura, não era?

Só podia ser a parte minha, que sequer sabia que existia, sendo completamente irracional.

— Eu vou te mandar o endereço e telefone por mensagem, e não me responsabilizo pelo resto... — falou em um fôlego só, assim que me alcançou e quis esganá-la. — Sabe por que está tão mal-humorada, né?

— Se disser que é porque não fodi com Di Lucca, eu...

— Ei! — cortou-me e fez-se ofendida, levando uma mão ao peito. — Ia dizer que é porque não transa faz tempo, a parte do Di Lucca foi sua vontade agindo...

— Eu te odeio! — falei, e ela sorriu ainda mais.

— Também amo você.

Neguei com a cabeça e parei à frente das bebidas alcoólicas. Lembranças de Gustavo Di Lucca me atingindo em cheio – o gosto de

uísque em sua boca. Aquilo estava indo longe demais, e minha sanidade, já estava indo pelo ralo.



CAPÍTULO 2

“Agora estou nervosa, não estou pensando direito

Ultrapassando todos os limites, você me intoxica”^[3]

Marta

Eram nove da noite e eu já estava na cama.

Nada parecia me fazer ficar conectada de fato. Tentar adiantar alguma matéria da faculdade seria loucura, já que as aulas retornariam dali uma semana, e eu precisava respirar antes de voltar para a rotina.

Tentar trabalhar seria desperdício de tempo, já que conseguira finalizar meu dia de hoje e de amanhã as sete da noite.

Tentar assistir algo me levava diretamente para me imaginar ao lado de Gustavo. Tentar ler, submetia-me a incoerência de vê-lo em meus pensamentos. Tentar ficar nas redes sociais, fazia-me querer entrar, pela milésima vez, no perfil de seu Instagram – que não tinha absolutamente nada demais.

Fechei os olhos por alguns segundos e nosso último esbarrão por aí, me acertou em cheio. Em meus pensamentos, era como se conseguisse sentir seu cheiro, o seu gosto em minha boca, tirando tudo de mim e exigindo muito mais do que poderia dar. Neguei com a cabeça e abri os olhos, encarando o teto.

Peguei meu celular novamente e a conversa com Lilian permanecia aberta. Ela realmente tinha o endereço dele e me mandara. Além de tudo, ela me enviara o telefone dele. Eu não devia ficar olhando para aquelas informações e ponderar qualquer coisa, certo?

Sentei-me na cama, com as pernas para fora e dei uma última olhada no número, antes de apertá-lo e deixar tocar. Deixei o celular no viva-voz e aqueles segundos pareceram carregados – assim como todo o ar ficava quando estava próxima a ele. Só precisava de uma noite – era o

que dizia a mim mesma. Gustavo Di Lucca, com toda certeza, também buscava o mesmo.

Não dava mais para correr.

— *Di Lucca!*

Paralisei diante da voz grossa do outro lado da linha e respirei fundo algumas vezes. Nunca fui covarde para me entregar a algo casual, por que com ele tudo parecia mais complicado? Sabia que a diferença era que nunca tinha me sentido daquela maneira por ninguém. Aquilo me confundia... me intoxicava.

— Sou eu, Marta. — falei, finalmente deixando minha racionalidade de lado. — Sei que é tarde, uma terça-feira, mas... Lembra quando me disse que eu sabia como te encontrar se te quisesse?

— *Lembro. — A voz dele soou mais baixa e meu coração disparou no peito. O meu corpo todo ansiando para que dissesse de uma vez. — Por que está me ligando, Marta?*

— Porque eu te quero... Apenas uma noite e nada mais.

Sequer reconheci minha voz ou consegui ponderar a proposta antes de ela escapar de minha boca.

— *Apenas uma noite. — Ele sim pareceu ponderar as palavras e era como se pudesse imaginá-lo ali, pessoalmente, dando-me um sorriso*

de lado que poderia desmontar qualquer pessoa. Ele era tão bonito que doía. — Posso te buscar agora?

Assustei-me com sua pergunta direta e reta, sem querer disfarçar ou adiar algo. Se pensasse bem, já estávamos adiando aquilo há cinco anos...

— Eu só... — pensei por um segundo se deveria trazê-lo ao meu apartamento, contudo, sabia que seria intimidade demais. Uma noite, no apartamento dele, seria o melhor. Poderia simplesmente fugir e nunca mais dar as caras. Sem ter que encarar os lençóis e relembrar. *Pelos céus!* O que eu estava pensando? — Pode ser daqui uma meia hora?

— *Quando quiser. — A voz dele soou como um sopro e o tirei do viva-voz, trazendo o telefone para minha orelha.*

— Até já, então.

— *Até.*

Desfiz a ligação, como se sua voz me queimasse, e percebi que não tinha mais volta. Por mais que pensasse que me culparia ou ficaria pensativa sobre, eu sorri. Sorri, porque depois de tanto tempo, deixava meu corpo falar. Precisava daquela noite para não reconsiderar, mas nenhum “e se”.

Corri diretamente para o banheiro e tomei uma ducha rápida. Meu corpo todo parecia sofrer pela antecipação, e por um segundo, percebi que não lhe passei meu endereço, e muito menos, ele me perguntou. Assim que me enrolei na toalha e deixei meus cabelos presos em outra, digitei uma mensagem para ele.



Destinatário: Olhos Gelo

Não te passei meu endereço, mas tenho a impressão e suspeita de que
você já sabe onde moro...

Parecia meio besta em enviar uma mensagem meio aberta, contudo, era o que conseguia fazer. Por um segundo, indaguei-me se Gustavo evitava saber sobre mim como eu o fazia, ou então, sabia tudo que era possível de acordo com nossas amizades.

A resposta veio um segundo depois.



Remetente: Olhos Gelo

Sei tudo o que meus amigos puderam me passar sobre você.

Desculpe por isso.

Ele precisava se desculpar? Obviamente que não, já que nunca me pressionou ou bateu na minha porta. Contudo, ponderei por um segundo que era justamente aquilo que eu gostaria de fazer. Peguei meu macacão preto favorito e o vesti, pensando que não usaria sutiã naquela noite tanto pelo modelo, tanto porque queria as mãos dele sobre mim. Realmente, não conseguia pensar em nada mais que não fosse as suas mãos sobre meu corpo, e meus dedos em cada parte de sua pele.

Um suspiro saiu e encarei-me no espelho, enquanto penteava meus cabelos pretos. Meus olhos eram da mesma cor, e tentei dar um jeito na pele que parecia ainda mais pálida naquele dia. Encarei os batons vermelhos e não pude evitar passar um. Consequia me ver marcando cada parte da pele dele com aquela cor.

Por um segundo, indaguei a mim mesma: *e se todas aquelas expectativas fossem, na verdade, frustradas? E se transar com Gustavo não fosse nada demais?*

Não conseguia nos imaginar não queimando pelo quarto ou qualquer outro cômodo pela noite toda. Talvez porque o seu beijo me desnortasse e fizesse meu corpo implorar por mais, mesmo que minha mente se negasse a aceitar. Talvez porque tudo o que fiz, desde que o conheci foi imaginar, nos meus sonhos perdidos no meio da noite, em como seria tomar aquele corpo como meu.

Gustavo Di Lucca despertava meu lado irracional e por mais que me assustasse aquilo e o evitasse ao máximo que poderia, vi-me, naquele instante, correndo diretamente para os braços dele.

Bebi um logo gole de água e agradei aos céus por aquele batom vermelho não sair com tanta facilidade, pois era completamente descuidada. Corri até o espelho e tentei me acalmar quando encarei as horas em meu celular e já tinham se passado os trinta minutos que pedi. Sabia de algo concreto sobre ele – Gustavo Di Lucca nunca se atrasava.

Meu celular vibrou no mesmo instante, como se me alertando de que aquilo era real. Vi-me beliscando o braço, antes de encarar a mensagem e ter a certeza de que era mesmo Gustavo Di Lucca, na frente do meu prédio. Respondi-lhe brevemente, de que estava descendo e corri até meu quarto, pegando minha bolsa de sempre.

Trouxe um blazer a tiracolo, caso sentisse frio, porém, duvidada que o faria. Assim que adentrei o elevador, meu coração parecia

descontrolado e a cada andar, vi-me contando os segundos para chegar até a portaria. Não devia estar naquela expectativa, contudo, permiti-me apenas sentir.

Uma noite.

Eu tinha uma noite.

Quando finalmente atravesssei os portões e procurei por ele à vista, soube exatamente para onde olhar, já que meu corpo parecia detectá-lo, aonde quer que fosse. Virei-me para a esquerda, e foi quando o encontrei encostado contra o carro, em um terno sob medida.

A cada passo que dava para perto dele, o ar parecia ficar mais pesado e um suspiro preso. Quando nos encontramos frente e a frente, soube que não precisávamos falar nada. Uma de minhas mãos foram diretamente para o rosto dele e ouvi-o praguejar um palavrão, o que me fez sorrir.

No olhar quase gelo, eu soube, estava onde deveria estar. Não precisava mais fugir e bom... eu não queria.



CAPÍTULO 3

“Não consigo me conter
Não importa o quanto eu esteja tentando
Eu quero você todo pra mim”^[4]

Marta

Eu queria seus lábios nos meus, contudo, ganhei apenas a abertura da porta do carona e notei que ele parecia longe dali. Por um segundo, considerei que estivesse errada sobre tudo, até mesmo, sobre suas próprias palavras a respeito de nós. Entretanto, no segundo em que

me segurou levemente pelo quadril e senti sua boca próxima a minha orelha, soube que não estava errada em absolutamente nada.

— Eu não posso te tocar agora, porque se eu fizer isso... Não vou conseguir parar.

Queria dizer para ele não parar, porém, apenas senti todo meu corpo energizado e me sentei no banco do carro, tentando distrair toda aquela tensão sexual, colocando o cinto de segurança. No segundo em que ele se sentou, e cometi o erro de encará-lo, e os cabelos ruivos, assim como a barba estavam maiores do que me lembrava, sabia que precisava tocá-lo.

Antes que ele desse a partida no carro, parei sua mão, e notei que ele evitava me olhar, contudo, quando o fez, claramente sem entender minhas ações, soube que não podíamos evitar nos querer de tal maneira.

Nossas bocas se uniram de imediato e gemi no primeiro encostar de sua língua na minha. Poderia morrer para beijar aqueles lábios, mais uma vez. A confirmação poderia me assustar, porém, fez-me tomar mais coragem para tomar tudo dele para mim.

Afastei-me pela falta de ar, com meu corpo não sobre o seu porquê o cinto me impossibilitou e puxei levemente seu lábio inferior com os dentes.

— Não posso evitar.

— Nunca sei o que fazer com você... — admitiu e sorri, encarando o azul dos seus olhos, enquanto ele avaliava o preto dos meus.

— Tão linda.

— Eu sei exatamente o que fazer com você hoje.

— Vinte minutos e vou te ter nua na minha cama. — Sua fala, fez meu corpo todo arrepiar e ele me deu um último beijo, antes, de dar partida no carro.

No segundo em que saiu com o veículo, a sua mão direita veio para minha coxa esquerda, segurei um gemido diante do poder que aquele simples toque tinha sobre meu corpo. Olhei-o, e ele parecia compenetrado no trânsito, como se em busca de racionalidade pelos minutos que faltavam para podermos jogá-la pela janela.

Ali eu soube, nunca vira coisa mais linda. Nem nunca, desejara algo como ele.

Gustavo

Eu apenas não podia evitar olhá-la.

Em quase trinta e seis anos, nunca me sentira de tal forma. Por tanto tempo foi o que fiz, mesmo sabendo que era impossível resguardar o que ela me fazia sentir. Marta Sousa era a mulher que me teve para ela desde quando seu olhar recaiu no meu. Minha avó dizia que o amor pode ser construído, assim como, pode ser simplesmente, encontrado. E no meu caso, foi a segunda opção.

Por mais que julgasse o desejo que sentíamos como apenas aquilo, a princípio, sabia que ela fazia meu coração bater freneticamente, e não apenas por seu corpo. Nunca se tratou apenas daquilo, mesmo que tivesse que nos resumir a tal coisa. Sabia que não podia trazê-la para o meu mundo daquela forma, ainda mais, no que aconteceu por algum tempo. Contudo, sabia, que no momento certo, em que pudesse entregar tudo de mim, e ela me quisesse, o daria. Tudo.

Enquanto ela me oferecia “Apenas uma noite e nada mais”, eu também aceitaria. Os olhos negros compenetrados em meu corpo, queimando-me descaradamente, sem conter o que ambos sabíamos que compartilhávamos. Eu a queria tanto, que meu corpo implorava pelo

simples toque. E no momento em que faltavam apenas duas quadras para o meu prédio, e uma de suas mãos subiu para meu pescoço, foi impossível não me sentir ainda mais exposto.

Meu corpo todo ansiava por ela.

Meu coração esperava por ela.

No segundo em que finalmente estacionei o carro, e pude tirar o cinto de segurança, agradei aos céus que tinha um elevador privativo. Pulei para fora do carro, antes que aqueles olhos do próprio diabo considerassem se jogar sobre meu colo. Ela era a mulher mais sexy que já conheci e poderia fazer o que quisesse comigo, mesmo que não soubesse.

Abri a sua porta, e no segundo em que se colocou ereta a minha frente, não pude evitar puxá-la levemente para mim.

— Queria te dizer tanta coisa... — comecei a falar e ela negou com a cabeça, tocando meus lábios com os dedos.

— Temos tempo para conversar depois, não acha? — indagou, e assim que se virou levemente para pegar a bolsa que deixara dentro do carro e eu notei a fenda em suas costas, minhas mãos arderam para tocá-la.

— Vem cá! — pedi, trazendo seus dedos para os meus, e os entrelaçando.

No momento em que adentramos o elevador e seu olhar subiu para o meu, o sorriso diabólico em seu rosto, fez-me saber que ela não se contentaria apenas em me encarar pelo reflexo do espelho. Tudo o que se passava em minha mente, era jogá-la contra aquela parede de metal e beijá-la até esquecermos nossos nomes.

Contudo, ela foi mais rápida, e se virou, puxando-me para si, enquanto me empurrava contra a parede. De relance, trouxe-a para cima, pegando-a como se não pesasse absolutamente nada, e devorei sua boca. Poderia ficar a noite toda, apenas assim, com ela em meus braços.

Entretanto, eu queria mais...

Muito mais.



CAPÍTULO 4

“Oh, quando seus lábios me despem, eu fico viciada em sua língua

Oh, amor, seu beijo é mortal, não pare”^[5]

Marta

Lábios perdidos nos meus. Minhas costas batendo contra a parede do corredor e senti suas mãos se livrarem de tudo o que eu segurava, restando apenas eu em seus braços, e uma leve peça de roupa. Minhas unhas estavam cravadas em seu peito, arrebatando cada botão que ameaçasse manter a pele daquele homem longe da minha.

Apenas abri os olhos no segundo em que escutei o barulho de uma porta. Por um segundo me esqueci por completo que quase me despira no meio do corredor de um prédio.

— Esse andar é meu. — explicou, como se entendesse a pergunta explícita em meu olhar, e não pensei em mais nada.

Saí de seu colo apenas para retirar o macacão e sem enrolar por nada mais, já iria tirar minha calcinha.

— Me deixa fazer isso. — pediu, quase em uma súplica e paralisei diante da cena a minha frente.

Gustavo estava com a camisa toda aberta, claramente arruinada. O terno não estava mais presente e eu não tinha ideia de onde acabara caindo. Sua calça já não tinha mais cinto e meu corpo todo pulsou com a antecipação do desejo latente nele, que senti, no segundo em que minhas mãos o mapearam.

Eu queria tudo.

Em dois passos ele estava a minha frente, e finalmente, notei a nossa diferença de altura, já que os saltos deveriam estar perdidos no corredor. Encarou-me profundamente, antes de se ajoelhar lentamente, com o nariz resvalando cada parte de meu torso, até chegar a meu

umbigo. Minhas mãos foram automaticamente para os cabelos ruivos, e por mais que negasse, vi-me presa aos sonhos sujos que tive com ele.

No segundo em que os olhos gelo bateram nos meus, e sua boca encontrou-se onde mais precisava dele, meus joelhos quase cederam. Os sonhos não faziam jus a um por cento do que sentia naquele instante. Gustavo então me pressionou contra a parede, fazendo minhas pernas abraçarem sua cabeça e perdi qualquer linha de raciocínio.

Ele me adorava com a sua boca, e eu já esquecia por completo o meu próprio nome. Porém, não me esqueci de que era o homem que eu mais desejava, com a boca em mim, satisfazendo-se do meu prazer como se fosse o dele.

— Me fode.

Minha voz soou em meio a um gemido e ele pareceu sequer ouvir, contudo, eu sabia do que precisava. Eu precisava dele, ali, agora. Já tinha esperado demais.

— Gustavo... — chamei-o e seus olhos vieram para os meus de imediato. Era como se tivesse algum poder sobre ele. — Me fode. — Pedi, quase implorando, mesmo sabendo que não precisava.

— Marta... — tirei minhas pernas de seus ombros e puxei-o para se levantar. Ele pareceu conseguir ler no meu olhar que não precisava ter

prazer ali. Eu precisava me perder no corpo dele. Eu precisava arder com ele.

Ele se livrou do resto das roupas como em um passe mágica e fez o mesmo com minha calcinha, que já estava completamente arruinada, após ele me devorar, apenas colocando-a de lado. Tive apenas um vislumbre de sua nudez e meu corpo todo ardeu diante daquela imagem.

Puxei-o para um beijo, e praticamente escalei seu corpo, sendo encostada na parede, no segundo seguinte.

— Preciso entrar em você ou vou enlouquecer. — Sua voz soou tão ardente que me senti pulsar ainda mais.

Nos perdemos em mãos, beijos e mordidas. Contudo, foi impossível não gemer e procurar seus olhos, no segundo em que me tomou para si. Tomou tudo de mim. Tomou meus pensamentos. Tomou meus gemidos. Tomou meu suor. Tomou meu prazer.

Gemidos. Corpos se encontrando. O desejo explodindo enquanto todo o cômodo queimava. Nós queimávamos um no outro. A cada encontrar de nossos corpos, eu tive a certeza, de que aquele toque me inflamaria ainda mais.

Eu queria mais...

Sempre mais dele...

Gustavo

Não conseguia parar de olhar para ela.

Suspirei profundamente, puxando o lençol para cima e ainda perdido nas curvas que me enlouqueceram por horas e horas. Poderia perder todas as horas com ela, sempre que desejasse. Por mais que estivesse com sono, não conseguia simplesmente dormir. Por alguns segundos, realmente acreditava que ao fechar os olhos e abri-los novamente, a imagem daquela mulher sumiria dali.

Marta permanecia sendo intocável para mim, mesmo depois de ter tomado seu corpo. Sabia que não era exatamente tudo o que desejava dela. Contudo, não poderia lhe cobrar nada, até mesmo, porque eu não poderia lhe oferecer mais naquele exato momento.

Ela merecia tudo.

Levantei-me e fui até a cozinha, com um sorriso que tinha certeza de que não sairia de meu rosto tão cedo. Abri a geladeira e encarei as opções, como se buscasse alguma solução para poder chamar aquela

mulher além de amiga. Nem mesmo sabia se poderia chamá-la de tal forma.

Sabia que eu não queria chamá-la daquela maneira, contudo, estava disposto ao que ela quisesse me dar. Suspirei profundamente, e peguei a garrafa de vidro com água, girando a tampa e bebendo um longo gole. Pensei em como fazia tempos que ninguém atravessava a porta daquele lugar.

No caso de Marta, ela praticamente colocou a porta abaixo. Não consegui raciocinar por tê-la ali. Sua ligação inesperada, fez todo meu corpo e mente se perderem apenas pela expectativa, enquanto meu coração já o fazia há muito tempo. Sorri ao encarar a bagunça pela sala de estar. Uma bagunça de nós.

Fechei os olhos, e encostei-me contra a porta da geladeira, fechando-a. Por um segundo, voltei ao exato momento em que a vi pela primeira vez. Nunca me sentira tão vivo quanto no instante em que aqueles olhos negros encontraram o azul dos meus. Nunca me imaginei como um romântico até que estive a frente dela. Naquele momento, entendi um dos meus melhores amigos – Caleb – por inteiro.

Entendi como era cair perdidamente.

Preso em meus pensamentos, apenas percebi que a dona deles, se apoderava de meu corpo novamente, quando seu toque me queimou. Abri os olhos de imediato, surpreso pela forma que ela me encarava e sorria levemente, como se estivesse envergonhada.

Sabia que nunca seria *apenas uma noite e nada mais*. Ao menos, não para mim.

— Então aqui é onde se esconde de nós, meros mortais? — perguntou, dando um passo atrás e olhando ao redor da cozinha. — Victória já comentou uma ou duas vezes sobre como vive enfiado nesse apartamento.

— Vic sempre tem um ponto sobre tudo, na verdade. — falei, e ela me encarou sobre o ombro, sorrindo e assentindo. — Mas é isso! Os rapazes também vinham aqui com frequência, digo, durante a época da faculdade... Mas aí, começaram a se casar, Daniel saiu do país... Ficou apenas eu.

— Vocês têm uma bela amizade. — comentou, e fui em direção à sala, diretamente para as paredes de vidro que lhe davam a visão perfeita para o mar. Para mim, a visão perfeita, era ela, dentro de uma camisa minha, com certeza nua debaixo dela, e na minha casa com meu cheiro em seu corpo. — Digo, todos. Sei o quanto Melissa se sente feliz desde

que voltaram a estar na casa dela, e bem, as coisas com Levi se acertaram.

— Ela sempre foi um doce com todos nós. — comentei, sabendo que era verdade, e tendo certeza que não conseguiria ter aquela conversa com mais ninguém. Com ela, parecia apenas simples.

Deixei a garrafa sobre o balcão da cozinha e segui até ela, parando a alguns passos, enquanto Marta parecia perdida em olhar para o mar.

— Falar de nossos amigos, me faz lembrar você. — Admiti, e seu olhar voltou para o meu, sobre o ombro, e dei os passos que faltavam para tocar levemente seus braços. Sem fugir, o que me surpreendia, ela se acomodou com as costas em meu peito e passei os braços por seu quadril. — Fico pensando em como...

— Por que estamos pensando? — cortou-me, e se virou, com os olhos implorando por algo que não consegui decifrar. Mesmo que em alguns momentos parecia saber exatamente o que se passava por aquela mente linda, ela permanecia um enigma. — Vim aqui para esquecer meu nome na sua cama... nos seus braços.

— Sei que...

— Não estraga nada, por favor. — pediu, e assenti, com seu toque em meu rosto, tirando-me o foco. — Sei que é um homem intenso, desde quando te vi pela primeira vez. Mas eu não posso te prometer nada mais que uma noite e sei que não pode fazer o mesmo.

— Qualquer noite que quiser. — falei por fim, antes de baixar meu nariz para o seu, e seu cheiro me inflamar por completo. — Que seja agora então.

Ela então uniu nossos lábios e agarrei-me a eles, como se necessitasse dos mesmos para sobreviver. Talvez meu coração o fizesse. Puxei-a para meu colo e entre beijos e encontros com a parede, finalmente deitei-a em minha cama. Aquela mulher, fruto de qualquer sonho acordado ou no meio da noite, era real.

E era minha, para o que desejasse. Mal sabia ela, que eu desejava tudo. Contudo, quando suas unhas castigaram meus braços, em meio aos beijos, e ela puxou minha calça de moletom para baixo, o raciocínio se foi. O quarto ardia ao meu redor, assim como seu corpo sob o meu. Minhas mãos entre os cabelos em sua nuca, pedindo mais dela, enquanto tomava-a novamente para mim. O gemido que escapou de sua boca me fez esquecer tudo, menos que eu pertencia a ela.

Aquilo bastava, por enquanto.



CAPÍTULO 5

“Três: Não seja amiga dele

Você sabe que acordará na cama dele pela manhã

E se você estiver debaixo dele, você não vai superá-lo”^[6]

Marta

— Bom dia!

Minha voz saiu fraca e senti meu coração pesar, enquanto olhava os prédios para trás. Suspirei profundamente, ainda sentindo seu cheiro em todo meu corpo e sabendo que tinha me ferrado. A música no rádio

não ajudava em nada, jogando na minha cara que eu não poderia superá-lo tão cedo. Sertanejo tem um poder descomunal quando tocado no momento certo para atingir a ferida.

Encostei minha cabeça contra o estofado e as lembranças encheram minha mente. Enquanto os minutos passavam, tentava convencer a mim mesma que aquilo era o suficiente. *O que mais eu poderia querer?*

Não podia misturar as coisas, muito menos, esquecer dos meus objetivos. Tinha trabalhado e batalhado para chegar naquele exato ano crucial – o ano de formação. Precisava dar cem por cento de mim na faculdade e conseguir ter os melhores contatos possíveis. Suspirei fundo, sabendo que poderia estar estragando tudo por uma noite. Ou não?

— Não foi nada demais.

Falei baixo, para mim mesma. Era o meu jeito de conseguir me convencer de algo. O motorista me encarou pelo retrovisor, claramente com a pergunta nos lábios e eu sorri, negando com a cabeça.

— Falo sozinha. — Esclareci e ele sorriu, claramente, parecendo em um bom dia ou sendo cordial.

Meu celular vibrou e no segundo em que olhei o visor, soltei o ar que segurava, por saber que não era Gustavo. Uma parte de mim se

sentia desapontada, mas o que diabos eu estava esperando? Nem eu mesma me entendia mais.

— Bom dia, flor do dia! — Lilian praticamente gritou do outro lado da linha e a esganaria se estivesse à minha frente. — Estou com Vic e Mel no seu café favorito...

— Não posso. — falei de imediato.

— Por que eu acho que alguém não dormiu em casa? — indagou e odiei o fato de que ela era minha vizinha de porta, e muitas vezes, sabia mais da minha vida, do que eu mesma.

— Lili...

— Qual é? Somos suas amigas e mais... Não vou perguntar se foi até Gustavo. Prometo!

— Você jura? — insisti na pergunta e ela praticamente gritou um “sim”.

Nunca entenderia como minhas amigas conseguiam ser tão felizes as sete da manhã. Eu mal funcionava naquele horário, se não fosse, por obrigação. Desfiz a ligação, sabendo que qualquer coisa que soltasse faria Lilian mudar sua posição e me interrogar.

Pedi ao motorista se poderia mudar o destino e felizmente, ele concordou. Olhei-me rapidamente pelo espelho que sempre carregava na

bolsa, e por algum milagre, parecia apresentável.

O blazer que levava comigo ajudava a disfarçar um pouco do amassado do meu macacão, e felizmente, conseguira usar o banheiro antes de fugir como uma criminosa do apartamento de Di Lucca. *É o melhor!* Repetia a mim mesma internamente.

Fechei os olhos por alguns minutos, sabendo que demoraria um bom tempo até o café e sorri sozinha, ao lembrar do rastro que deixamos pelo apartamento até o corredor do lado de fora. Sequer conseguimos esperar chegar a qualquer outro local que não fosse a parede mais próxima.

O corpo de Gustavo entendia o meu, perfeitamente.

O corpo dele me enlouqueceu ainda mais do que imaginei.

E em minha mente, guardaria as lembranças daquele deus nórdico em forma humana – perfeito.



Quando avistei a mesa com apenas Victória, sorri levemente e lhe dei um aceno. Ela me encarava com os olhos azuis gigantes, interrogativos e como sempre, tendo uma opinião sobre tudo. Sempre adorei aquilo nela, mas ali, odiei – porque era direcionado a mim.

— Marcas de mordida no ombro. — falou em minha orelha, assim que me abraçou levemente, e sorriu ao se afastar. — Um ótimo dia?

— Uma ótima noite. — Esclareci e me vi sorrindo para ela. — O dia já começou comigo querendo esquecer a noite. — Confessei e fiz exatamente o contrário do que imaginava. Sempre guardava absolutamente tudo sobre Gustavo, para de repente, deixar que saísse livremente. — Desculpe por isso.

— Não se desculpe por ser sincera. — Piscou um olho e vi-a levantar um copo que parecia ter café preto e mais nada.

— Olha aí, quem chegou! — Lilian falou animada, jogando-me para o lado e se sentando junto a mim. Revirei os olhos, sorrindo para Melissa, que se acomodou ao lado de Victória. — Então, encontro do clube das mulheres com homens gostosões *mais* Lilian.

— Às vezes, eu odeio você. — Victória se manifestou e Lilian fingiu sentir uma dor no peito. Dramática que apenas ela.

— Alguém que me entende. — comentei e Melissa riu baixinho, lendo os nomes em dois copos de cor branca, e colocando um a minha frente. — A boazinha aí, não me entende nunca.

— Sei que é o jeito de se amarem, eu que não vou me meter. — Piscou um olho e levou o copo até a boca, fazendo-me revirar os olhos.

— Esperta. — Vic pontuou e eu assenti, sabendo que se existia uma pessoa com antro de paciência, era Melissa. — Posso deixar o meu gostosão para você, Lilian!

— Ah nem vem! — rebateu de imediato, fazendo-me quase cuspir o café que começara a beber. — Um dia vai ver que aquele homem, minha filha, é realmente teu.

— Bom... — Victória deu de ombros e eu me perguntei, pela milésima vez, como ela não enxergava que Caleb era loucamente apaixonado por ela?

Existia algo no olhar dele que era como uma completa adoração. Entretanto, eu entendia o lado dela. Eles foram obrigados a se casar por um contrato, e aquilo, com toda certeza, não poderia salvar um amor unilateral. *Ou poderia?*

Senti meu rosto queimar e os olhos de todas sobre mim, como se me investigando ou dissecando.

— O que foi? — perguntei e surpreendendo-me, Melissa se adiantou.

— Valeu a espera? — indagou na lata e eu fiquei em choque por alguns segundos. Esperava aquela pergunta de qualquer uma das outras na mesa, mas não dela.

— Você prometeu, Lilian! — acusei-a, e ela deu de ombros.

— Ela prometeu, eu não. — Melissa explicou e como sempre, ela tinha a razão sobre tudo. — *Qual é?* Eu adoro Gustavo e não sou tão fanática quanto a Lilian, mas é claro que vocês dariam certo e...

— Não! — cortei-a. — A noite foi fora do comum. — Comecei e todas me encararam atentamente. — O homem é um deus, ok? Mas foi apenas uma noite e pronto. O desejo que tínhamos acabou e vamos ser amigos... — comentei, mesmo sabendo que apenas eu achava aquilo. Seríamos amigos? Como agiríamos frente a frente?

A mesa toda ficou em silêncio, como se processando a informação e fingi que não tinha mais nada para falar.

— Parece que essa conversa virou um enterro. — Lilian falou e eu tive que sorrir, sabendo que seu deboche me salvava em vários momentos. — *Mas é sério!* Não precisava dormir com ele para ter certeza de que ele é um deus, né não? *Olha para aquele homem!*

— Eu olhei e como olhei...

Soltei sem querer e Victória sorriu abertamente, como quem dizia “Se fodeu”. Tinha certeza, que o olhar de Melissa dizia a mesma coisa, talvez, sem o palavrão – e era a mais pura verdade.

Tomei no cu!

Gustavo

Virei na cama e o vazio que encontrei nos lençóis já frios, deu-me a certeza de algo que por um segundo, considerei que não aconteceria. Abri os olhos, puxando os lençóis para meu nariz e senti o cheiro de baunilha dela. Fechei-os e era como se pudesse senti-la ali novamente. Neguei com a cabeça e assim que encarei a mesa de cabeceira, sorri ao notar um dos cartões da empresa, que deveria estar jogado sobre a poltrona, com uma caligrafia totalmente nova para mim.

Tive que ir

Amigos, certo?

obs: a noite foi única

M

Pensei no que poderia lhe responder, mas se ela realmente queria uma resposta sincera, ela estaria ali. Suspirei, sabendo que não poderia julgá-la por agir de tal forma. Eu não poderia lhe oferecer nada além da minha amizade, por mais que quisesse tudo. Não naquele momento. Lhe daria tudo o que ela quisesse, e se minha amizade era o bastante... que o fosse.

Peguei meu celular e encarei seu contato por alguns segundos, revivendo tudo o que aconteceu naquele apartamento. Levantei-me e os raios solares mostravam claramente o rastro de nosso estrago por todo o lugar. Caminhei até a parede de vidro e o borrão vermelho de seu batom estava ali, como se deixando parte dela comigo.

Uma parte que eu não poderia tocar, mas me dava a certeza de que aquela marca não sairia tão cedo. Não de meu corpo.

Talvez nunca.

Tinha cancelado todos os compromissos daquela manhã, imaginando que talvez pudesse arrastar nossa noite por um tempo maior.

O fiz durante toda a madrugada, mas assim que o sono me bateu, ela simplesmente escapou dentre meus dedos.

Virei meu olhar em direção ao centro da sala de estar e encontrei um elástico de cabelo na cor preta, jogado sobre o tapete de cor branca. Peguei o objeto e o encarei por alguns segundos, imaginando em que momento ela poderia ter deixado para trás. Um recado. Uma marca de batom. Um elástico de cabelo. Ela me deixara três partes pequenas de si para trás, mas eu sabia, que assim que saísse daquela armadilha, eu buscaria por mais. Tudo o que ela pudesse me dar.



CAPÍTULO 6

“Mas cada toque é tipo oh, la, la, la

É verdade, la, la, la

Oh, eu deveria estar fugindo

Oh, mas você me faz ir ao seu encontro”^[7]

Uma semana depois...

Marta

— Garota eu já te disse que sua mãe vai nos matar! — reclamei, enquanto Laura permanecia girando à frente do espelho, como se duvidando da que parecia ser a milésima roupa que experimentava para simplesmente irmos a uma padaria.

— Mamãe não mata uma mosca, tia! — rebateu, e odiei o fato de que ela nos conhecia tão bem, que com toda certeza, se aproveitava daquilo. Ela conseguia enrolar tanto a mim, quanto a qualquer pessoa em seu círculo pessoal.

— Devo lembrar então que eu tenho que estar na faculdade à tarde, e se enrolar mais um pouco, não vou poder...

— É essa! — gritou, dando duas palmas e revirei os olhos. Laura Lourenzinni Gutterman por muitas vezes parecia ser muito mais que uma adolescente. Aquela garota era perigo certo e tinha pena de quem sonhasse com a possibilidade de enganá-la, no que fosse.

— Ok, miss espelho! — comentei, e lhe entreguei sua pequena bolsa na cor lilás. Olhei-me de relance no espelho e percebi que esqueci, mais uma vez, os meus óculos de sol. Tinha gastado setenta reais neles e jurei que tomaria gosto pela coisa, e nem mesmo, o calor a trinta e cinco graus me fazia lembrar do objeto. *Que merda!*

— To animada que finalmente vamos sair juntas. — Laura falou, assim que chegamos à escada e sorri a suas costas.

Foi comum, por muitos anos trabalhar naquela casa, o que era estranho não estar tão presente ali, como antes. Contudo, a minha vida tinha mudado. Principalmente, com o último ano da faculdade. Tinha guardado um bom dinheiro e poder trabalhar como assessora de Melissa – mãe de Laura, por aquele tempo, fez com que eu conseguisse me dividir melhor.

Anos antes de chegar a trabalhar para os Lourenzinni-Guttermann, era praticamente como Julius de Todo Mundo Odeia o Chris, dividida em três empregos, ou até mesmo, como Tiana de A Princesa e o Sapo – gastava o mínimo e poupava o máximo que podia. O sonho de ser cursar uma faculdade era maior do que qualquer coisa para mim, e bom, apenas eu podia fazer aquilo, ninguém mais.

Nunca pensei que as coisas seriam mais fáceis que antes em alguns quesitos. Agora eu tinha um emprego que pagava muito bem e poderia ser exercido do meu apartamento alugado, que Daniel – o irmão mais velho de Melissa e dono do imóvel, não aceitava o dinheiro do aluguel de forma alguma.

Sabia que ele o fazia para me ajudar, contudo, sempre utilizava a desculpa de que fui uma das melhores funcionárias da empresa dele no

curto período em que estagiei por lá. Assim, o dinheiro que não ia para a aluguel, eu guardava e deixava como minha renda de emergência. Nunca conseguiria agradecer o quanto minha vida mudou desde o momento em que conheci Melissa.

— Papai!

Saí de meus devaneios e levantei o olhar, para ver Laura correr em direção a porta de entrada da casa, e se jogar sobre o pai – Levi Gutterman. Sorri para ele, que me deu um leve aceno de cabeça, enquanto tentava equilibrar a filha e uma pasta enorme ao mesmo tempo.

— Hoje ela tá atacada! — mencionei, e no momento que ele a soltou, gargalhou baixo.

— Quando ela não está? — perguntou e eu dei de ombros, ouvindo Laura bufar. — Vão encontrar minha menina, certo? — indagou e eu assenti, indo até ele, e dando um leve beijo em seu rosto. — Pode dizer a ela que já estou em casa?

— Claro que sim. — Respondi, mesmo sem entender por que ele não fazia aquilo por si.

— Não quis atrapalhar ligando ou mandando mensagem, sabe que quando ela está imersa no trabalho...

— Eu sei, eu sei. — falei sorrindo, e ele assentiu, claramente grato. — Vamos, Laurinha?

— Vamos! — a pequena gritou e vinha em minha direção, até a saída, quando a vi paralisar e não compreendi. — Esqueci meu celular!

— O drama! — reclamei, enquanto ela saía correndo e Levi fazia o mesmo caminho, claramente preocupado com que ela se quebrasse toda subindo a escada correndo. Ele parecia não ter notado que a filha já cresceu há um bom tempo. Mas enfim, a cena foi cômica.

Resolvi então esperar do lado de fora da casa e tive de presente o sol diretamente nos meus olhos.

— Ótimo dia para não usar os óculos de setenta pau! — debochei de mim mesma e dei passos até a grande árvore que ficava no jardim da frente, em busca de poder ficar na sombra.

Foi quando meu corpo todo sentiu um arrepio e poderia jurar que estava dentro de algum episódio de A Maldição da Residência Hill, se não fosse pelo fato, de parecer que meu corpo gostava daquilo. Por um segundo, indaguei-me se o pouco do sol forte que tomara naquele curto momento, teria me afetado.

— Marta.

Paralisei diante de meu nome saindo da última boca que gostaria de ouvi-lo. Justamente a boca que o dizia da maneira que eu nunca ouvi antes. Ninguém me chamava como ele, muito menos, quando... *Esqueça isso!*

— Di Lucca! — comentei, virando-me levemente e tentei me preparar psicologicamente para olhá-lo. Contudo, nem mesmo todos os dias que se passaram, me permitiram aquilo. Não depois de ter estado sob e sobre o corpo do homem à minha frente. O pior de tudo me atingiu – ele ainda me queimava. E para ajudar, parecia ainda mais forte do que antes.

Sorri, porque era tudo o que sabia fazer quando me sentia acuada. Gustavo Di Lucca tinha o poder de me deixar sem fala, sem direção e sem fôlego. O combo que vinha com ele não poderia ser pior.

— Posso apenas...

— Tio Guto!

Eu amava Laura e naquele momento, jurei ainda mais amor aquela menina. Pelo jeito, o universo não conspirava tão fortemente contra mim, não naquele dia. Fiquei presa por alguns segundos com a cena de Laura abraçando Gustavo, e fugi por completo do olhar que ele me lançou, enquanto se afastava dela.

— Estamos atrasadas e Melissa vai nos matar! — apressei-me a falar, e peguei a mão de Laura. — Até qualquer dia, rapazes. — falei, vendo Levi se aproximar, o qual acenou um leve *tchau* com a mão.

Dei-lhes as costas e felizmente, Laura me acompanhou sem querer enrolar por mais nada. O que eu gostaria de dizer a Gustavo, na realidade, era *até nunca*. Porém, aquele homem parecia destinado a me encontrar em todos os lugares possíveis. Desde o começo fomos assim. E mesmo depois de estarmos juntos, algo ainda queria que estivéssemos juntos.

E eu? Eu só queria... Só queria me desintoxicar dele, após aquela noite. No fim, acabei de envenenar por completo.



— Olá, mamãe do ano! — falei, assim que nos aproximamos da mesa do segundo andar de uma cafeteria, em que Melissa adorava ir trabalhar de vez em quando.

Segundo ela, como escritora, mudar de ares, ajudava com que a escrita fluísse melhor, principalmente, em pontos imprescindíveis da trama. *Eu entendia aquilo?* Nem um pouco. Porém, era claro o amor que ela tinha pelo trabalho. E como sua amiga e assessora de marketing, não poderia estar menos satisfeita por vê-la tão empenhada e animada.

— Como estão meus irmãos? — Laura perguntou, fazendo-me rir, enquanto se sentava à frente de Melissa, e ela tinha os braços em torno do pescoço da mãe. Nem parecia uma adolescente naquele momento, falando baixo e olhando diretamente na barriga da mãe, como se em busca dos irmãos.

— Levi pediu para avisar que já está em casa. — falei, enquanto Laura começava a sussurrar aleatoriamente para a barriga, e Melissa a deixava pousar as mãos e falar com os irmãos. A cena em si era linda, e me peguei pensando, em um sonho futuro, que tinha completamente planejado – ser mãe. Sonhava poder ser a mãe que a minha própria desejaria ter sido, segundo tudo o que *tata* me contava. — Ele disse que não ligou para não te atrapalhar.

— Ele está cuidadoso demais. — comentou, revirando os olhos e fechando a tela do notebook. Fiz uma careta, e ela riu, como se entendesse.

— Se ele não for cuidadoso e lamber o chão que você pisa até o último segundo da vida dele, pode ter certeza, que eu vou ser a responsável pelo último suspiro. — Avisei, sabendo que nunca entenderia de fato como Melissa o perdoara. Entretanto, não a julgava.

Era o amor dela, e eu não poderia me intrometer. Conhecia-a o bastante para saber que nunca mais faria algo por pressão ou por alguém. Ela estava com ele porque o amava, e acreditava no amor dele.

— Vamos falar de Levi e amor? — perguntou, arqueando uma sobrancelha, fazendo-me não entender nada. — Tá fugindo do Gustavo ainda? — mudou de assunto de repente, fazendo-me arregalar os olhos, e olhar incrédula na direção de Laura. — *O que?* Laura não é fofqueira, né pequena?

— Não contar ao tio Guto que vocês falam dele de vez em quando. — Laura falou a frase revirando os olhos, e levantou as mãos, como se em um gesto de confiança.

— Fez até sua filha entrar nessa? — indaguei completamente incrédula. — Não leva nada disso a sério, Lau! — pedi a ela, que revirou os olhos, claramente não se importando, e pegando um dos bolinhos de chocolate em cima de um prato a sua frente.

— Laura sabe mais da gente do que a gente mesmo. — Melissa deu de ombros. — Aliás, a gente se conhece muito bem. Não esquece que já moramos juntas e você cuidou da coisinha linda aqui. — Fez um gesto de cabeça para a filha. — Um voto secreto é um voto secreto. — Piscou um olho para a filha, que assentiu, e parecia entretida em comer, enquanto mexia em algo no celular.

— Não vamos falar de Gustavo.

— Tio Guto *tava* lá em casa. — Laura me cortou e a encarei incrédula. — E a tia aí, praticamente correu comigo de lá!

— Marta!

— Laura!

A minha voz e de Melissa soaram ao mesmo instante e tudo o que pude fazer, no segundo seguinte foi rir. Aquilo tudo era patético. Eu fugia do homem como o diabo foge da cruz, e de repente, até uma adolescente notaria aquilo. Gustavo Di Lucca me tornava o que mais temia – em alguém irracional.

— Lili vai amar saber disso. — Melissa praticamente assoviou as palavras e me encarou com um olhar duro. — Aliás, Victória pediu para você ir visitá-la qualquer dia desses.

— Obrigada universo por você mudar de assunto! — levantei as mãos aos céus e ela riu baixinho. — Victória se tornou uma agregada oficial do nosso trio ou é impressão? — indaguei, já sabendo a resposta, e Melissa assentiu.

— Ela é uma boa amiga e a segunda maior torcedora de GuMar! — fingi ânsia diante daquela junção horrível de nomes, e ela gargalhou alto. — Dê créditos a ela que me disse que é terrível o nome, mas que você dois são lindos.

— Não vou nem comentar a respeito. — Peguei um dos bolinhos de chocolate que ainda estavam no prato e levei a boca, notando que Melissa arrumava suas coisas na mochila. — Vamos almoçar aqui mesmo? — perguntei, assim que parei de comer, e ela assentiu.

— A não ser que queira ir na casa de Di Lucca e quem sabe...

— Por Deus, a Lili entrou em você hoje foi? — perguntei e ela gargalhou alto.

— Eu só estou cumprindo meu papel por duas, enquanto Lili não pode nos dar o ar da graça. — revirei os olhos, depositando os cotovelos na mesa, e baixando a cabeça entre eles. — Sei que está pensando: odeio vocês. Eu sei, mas vai nos agradecer um dia.

— Pelo que? Por me deixarem maluca falando de um homem que eu apenas... — parei de falar, lembrando-me de Laura, e engoli em seco.

Um homem que apenas fodi... Eu estava sendo a minha própria piada, certo? Porque depois daquela noite, eu estava completamente fodida, e no pior sentido da palavra. A cabeça perdida. O corpo gritando. O coração uma bagunça.

Fechei os olhos levemente, e vi-me imaginando como seria receber alguma mensagem dele ou algo. Ele não me falou se seríamos ou não amigos, entretanto, por que eu esperava a resposta? Pelo que diabos eu esperava?

Eram perguntas demais para uma única mente. Eram anos do mesmo desejo atormentando, e quando pensei que cessaria, ele apenas aumentou.

— Mudança de planos! — Melissa falou ao ler algo no celular, e Laura apertou meu rosto como se para me trazer a realidade. — Victória disse que tem estrogonofe de frango e eu não sei você, mas eu...

— Eu topo!

Levantei-me assim que ela o fez, e uma das mãos de Laura vieram diretamente para a minha. Estar com elas me trazia paz e me via indagando, porque de repente, aquilo não era o suficiente para parar de

pensar sobre tudo. Parecia que uma parte faltava, só ainda não conseguia admitir, que a resposta estava nos olhos azul gelo que não abandonavam meus pensamentos há cinco anos.



CAPÍTULO 7

“Há coisas que simplesmente nunca mudam

Você diz que somos apenas amigos

Mas os amigos não conhecem o seu gosto, la, la, la”^[8]

Gustavo

Fazia apenas alguns dias que meus olhos não encontravam os dela. Sabia que ela queria espaço e que talvez, nunca mais me desse qualquer momento para estarmos a sós, contudo, ficava cada vez mais difícil, simplesmente não bater na sua porta. Só queria poder dizer que

podia ser seu amigo, mesmo que custasse minha sanidade mental. Ela acreditaria em mim? Ela me veria de tal forma?

Dei mais um longo gole no uísque e encarei a pista de dança, e torci internamente, que ela aparecesse por ali. Não que fosse de costume ela estar naquela boate, mas já a encontrara ali antes. O que aumentava a minha chance de vê-la por acaso (não tão acaso assim), em quem sabe, um por cento?

Busquei os olhos negros na multidão. Busquei o meu respirar que mal sabia que era dela, e infelizmente, não encontrei. Meu corpo todo se negando a olhar para outra, e minha mente da mesma forma. Por que eu estaria com outra mulher se já encontrara aquela que parecia possuir tudo de mim? Não fazia sentido algum.

Bebi o resto do uísque e saí da ala vip, descendo as escadas no mesmo instante. Só queria ir para casa, tirar aquela roupa social e me trocar, e ir até ela. Foi exatamente o que fiz. Tomei um banho, coloquei a primeira roupa que encontrei e busquei um vinho branco. Não era o meu favorito, mas eu sabia, por notar que ela geralmente tinha essa bebida na taça em jantares em comum, que poderia ser uma boa escolha. Se não fosse por mim, que fosse pelo vinho.

Se ela queria que fôssemos amigos, então seríamos.

Eu estava livre para ser o que ela quisesse, e finalmente, por completo.

Poderia parecer maluco aparecer na porta da sua casa, as dez da noite com uma garrafa de vinho? Poderia. Entretanto, nada poderia soar pior do que ter saído do trabalho diretamente para o lugar onde a encontrei por coincidência, meses antes. Esperar que o destino trabalhasse ao meu favor, depois de tudo que vivi com ela seria no mínimo, sonhar demais.

Estava sonhando com ela há muito tempo. Estava mais do que na hora de tentar realizar.

Marta

— Está fugindo! — Lilian falou, colocando as mãos sobre meus papéis e anotações, e só não a xinguei porque estava exausta.

Estava estudando desde as três da tarde e já eram em torno de dez da noite. Era o meu jeito de já estar preparada para o TCC, relendo e

lendo artigos, organizando as ideias e focada em não deixar que nada passasse. Ao menos, o máximo que pudesse.

— E está usando o estudo como escape! — acusou e olhei-a profundamente.

— O que quer que eu diga? Eu amei a noite com ele, mas é só isso. Não vamos nos casar, ter filhos e sermos felizes para sempre. Gustavo é o CEO gostosão que você tanto diz, e com certeza, tem mais para se preocupar do que comigo. E eu, tenho a faculdade para terminar, e minha carreira para dar certo. Será que pode deixar de tentar me fazer amar a ideia de ser um casal, apenas hoje?

— Sabe por que eu insisto tanto? — perguntou, e sorriu de lado, soltando um suspiro. — Porque o jeito que se olham, Marta. Se você notasse isso de fora, saberia o porquê.

— Eu sei que não faz isso para me pressionar e não colocaria fé em algo que não acredita. Mas olha pra mim, Lili! — fiz um sinal para a bagunça na mesa. — Não tenho como viver um relacionamento e me dedicar a ele.

— Talvez porque ainda não estive com o cara certo. — Piscou um olho, sonhadora e eu acabei sorrindo. — Agora, mudando de pato pra

ganso... Tá mais do que na hora de abrir um vinho e distrair essa cabeça com alguma alienação!

— Eu sei. — concordei e ela levantou as mãos aos céus, como se agradecida por eu ouvir. — Obrigada por trazer um pouco do seu jantar.

— Te conheço, garota! — fuzilou-me com os olhos. — Quando está em semestre letivo, mal lembra de comer!

— Eu sei, eu sei... — concordei, e levei as mãos ao rosto, sustentando-o. — Obrigada por cuidar de mim.

— De nada. — Fez uma reverência horrenda e veio até mim, dando-me um leve abraço de lado. — Mas lembra que você tem que cuidar de você, entendeu?

— Eu sei! — falei mais uma vez, e ela sorriu, como se feliz por me ver admitir aquilo.

— Agora, vou dormir, como boa senhora que sou. Porque passou das nove e não estou na cama!

— Não sei como não apagou no meu sofá. — Acusei, e ela deu de ombros, sorrindo.

— Boa noite, rainha do marketing de sucesso e futura esposa do CEO gostoso! — falou, enquanto abria a porta, e joguei o estojo

diretamente nela, mas que bateu na porta sendo fechada, e consegui ouvir sua risada alta.

Lilian era uma das melhores partes da minha vida, por mais maluca e romântica que fosse. Encarei minha mesa da sala de estar, que deveria ser onde eu comeria, mas que se tornara uma bagunça de livros, notebook e folhas de anotação.

Fechei a tela do notebook e me levantei, indo em direção ao prato enorme feito, com o macarrão divino de Lilian, que ela me trouxe. Coloquei-o no micro-ondas e enquanto esquentava, peguei o vinho branco que ainda tinha.

Abri-o e como era apenas um resto, tomei-o diretamente do bico. Cada golada, me lembrando que após aquele encontro rápido na casa de Melissa, nunca mais tive notícias de Gustavo.

Ele sequer me disse se queria ser meu amigo.

— Se controla, cacete! — falei para o nada, mas sabia que era para mim mesma. Eu usava o trabalho e faculdade como se para controlar a minha vida, desde sempre. O meu foco era tamanho que esquecia de comer ou fazer qualquer outra coisa.

Suspirei cansada e sabendo que precisava parar de pensar tanto. No segundo em que o micro-ondas apitou, pensei ter escutado batidas na

porta. Achei que estava ouvindo coisas no primeiro instante, ou então, Lilian tinha passado a bater, o que não fazia sentido.

Tirei o prato do micro-ondas com cuidado e os olhos focados na porta. Deixei o prato sobre o balcão e segui até lá, odiando o fato de não ter um olho mágico. Assim que coloquei a mão na maçaneta, meu celular vibrou em algum lugar da casa, e levei a mão ao peito.

— Cacete!

Quando cheguei próxima ao celular e notei a mensagem de Gustavo, fiquei perplexa. *Ele não...* Ele não estaria ali, não é?

Com o celular em mãos, abri a porta de uma vez, e meu coração, corpo e alma sofreram com a imagem dele, em uma roupa completamente casual, trazendo um vinho branco consigo. Abri a boca para dizer algo, para até mesmo, chamá-lo de maluco, contudo, não consegui.

Era bom vê-lo.

Era, enlouquecidamente bom vê-lo.

— Amigos trazem vinhos após um dia cheio, certo? — perguntou e parecia tão acuado e com medo de minha reação, que só consegui sorrir. Por que ele tinha que ser tão lindo e ter aquela aura que me levava para sim?

— Sempre é um momento bom para um amigo e vinho. — falei,
e abri a porta de vez. — Pode entrar.

— Obrigado.

Assim que ele passou por mim, o pequeno espaço entre meu corpo e o seu, fez todo o meu reagir. Queria aquele toque novamente. Seu olhar parou no meu por um milésimo e eu soube que por mais que estivéssemos seguindo o que eu mesma pedi, parecia impossível.

Eu o desejava, ainda mais que antes.

Sorri, e fugi de seu olhar ao me concentrar em fechar a porta. Contudo, no segundo em que me virei, e o encontrei parado no meio da minha pequena sala de estar, com um vinho em mãos, soube que talvez não fosse a escolha correta. Entretanto, mais uma vez, senti que era bom tê-lo ali. Bom até demais.



CAPÍTULO 8

“Em seu quarto mais uma vez, tentado

Ruim para mim, é a verdade, mas não posso deixar isso

Não diga aos meus amigos que eu vim para visitar

Não diga aos meus amigos que estou aqui”^[9]

Marta

— Já jantou? — perguntei de relance, mesmo sabendo que o normal seria indagar se ele estava bem.

Gustavo permaneceu em pé, no meio da sala, como se não soubesse o que fazer. Tê-lo ali, deixava-me em alerta, porque ele, por mais surpreendente que parecesse, combinava até mesmo com o meu tapete preto.

Foco, Marta!

— Não sou bom em simplesmente aparecer, não é? — perguntou e eu assenti, sorrindo em sua direção.

Dei passos para perto, e a aquela proximidade, fez meu corpo todo ansiar pelo toque. Precisava *daquilo* naquele instante e não neguei. Encostei levemente nossos dedos ao pegar o vinho de suas mãos, e seu olhar permaneceu preso no meu. *Ele sentia o mesmo, não era? Ele sabia que não dava para sermos apenas amigos?*

— É bom em escolher vinhos. — falei, e fiz um sinal para me seguir até o balcão que dividia a sala e cozinha. — Senta, por favor! Sou uma péssima anfitriã, espero que não se importe. — Confidenciei, e ele se sentou, concentrado em meus olhos, como se buscasse algo neles.

Talvez a certeza de que tê-lo tão perto, me enlouquecia?

— Eu não sou tão impulsivo quanto pareço, mas é que com você... Tudo sempre é diferente com você.

Debrucei-me sobre o balcão e segurei meu rosto com as mãos.

— Podemos só curtir a noite, não é? — indaguei e ele assentiu, como se feliz por saber que mesmo colocando uma barreira entre nós, eu o entendia. *E como entendia!* — Lili me trouxe comida, e tem muito macarrão perfeito ao molho bolonhesa! Aquele que ela leva em alguns jantares e até tentou ensinar vocês.

— Sou bom em escolher bebidas e só. — comentou, e tive que gargalhar baixo. — Não vai me dizer que é uma expert da cozinha, ou vai? — ironizou e percebi ali, que ele parecia saber muito mais sobre mim do que a maioria das pessoas fazia.

O vinho que ele trouxe era branco, diferente do vinho tinto que sempre o via escolher durante os jantares entre amigos. Aquela escolha foi por mim? *Pare de pensar tanto, porra!*

— Eu sou péssima! — falei o óbvio. — Mas faço um miojo como ninguém. — Ele sorriu de lado, claramente zombando, e eu o fuzilei com o olhar. — Ei!

— Até eu sei fazer macarrão instantâneo, Marta!

Optei por sorrir, do que me derreter pela forma como meu nome soava tão mais bonito saindo dos lábios dele. Eu estava enlouquecendo, e ele só estava há cinco minutos dentro da minha casa.

Era aquilo.

Gustavo Di Lucca estava dentro da minha casa, com vinho, massa e à noite por vir...

Foco!

— Eu vou esquentar o macarrão mais um pouco, porque eu gosto de comida bem quente, então... Quer ver se está bom para você? — perguntei, e me virei para pegar um garfo na gaveta.

Quando peguei um pouco de macarrão com o talher, e lhe direcionei, percebi tamanha intimidade que construímos baseada em anos sendo amigos de amigos, e depois daquela noite que não saía da minha cabeça nem por reza brava^[10].

Ele deslocou a cabeça até mim, pegando o macarrão com a boca, e eu fiquei perdida, lembrando das coisas pecaminosas que aquela boca fez em mim. *Merda!*

— Está ótimo. — falou, e então foquei em pegar outro prato e transferir parte do conteúdo para ele.

No meio do caminho, peguei o abridor de vinhos e um garfo, e coloquei-os a sua frente, deixando duas taças sobre o balcão em seguida.

— Quer terminar esse vinho primeiro? — perguntou, e encarei a taça de vinho quase vazia que deveria ter apenas um gole ou nada.

— Eu praticamente acabei com ele, e estava bebendo no bico antes de você bater na minha porta. — comentei e ele me encarou surpreso. — Nunca tomou vinho diretamente da garrafa? — perguntei e ele deu de ombros, concordando e discordando com a cabeça.

— Na faculdade, algumas vezes... A gente bebia tanta coisa que nem sei ao certo o que era ou de onde. — comentou despreocupado e eu sorri para ele, enquanto me virava para colocar meu prato no micro-ondas novamente.

— Eu não vou em muitas festas da faculdade, confesso. — falei, em pé e fugindo de seu olhar, encarando o prato girando dentro do eletrodoméstico. — Às vezes arrisco, mas sempre estive tão comprometida em estudar, que... — parei de falar, sem entender porque de fato me explicava para com ele. — Ok, sou uma péssima festeira!

— Sempre te vi muito focada. — comentou, e o micro-ondas apitou no mesmo instante.

Peguei o prato e coloquei-o a minha frente, e notei que ele me esperava para comer.

— Bom, não sei como são os jantares de milionários, mas... Bom apetite!

— São normais. — falou, e tentei focar no meu prato. Contudo, era impossível, com aquele azul gelo me perfurando. Eu o queria tanto, que doía. — Às vezes solitários, por delivery... Minha família não fica muito no país.

Foi naquele instante que notei que não sabia quase nada sobre ele e sua família. A única coisa que me lembrava era que seus avós o criaram, e que estava à frente da sede da empresa da família no Brasil, enquanto a maioria morava no exterior. Além daquilo, sabia que ele namorava há alguns anos, quando nos encontramos pela primeira vez.

Me corroía por saber daquilo e por já ter o visto com ela. Eles eram lindos juntos, mas dentro de mim, aquilo doeu, mesmo sem sentido algum. Comemos em silêncio e por mais perturbador que ele pudesse ser, cada vez que o encarava e lembrava que meu desejo mais irreverente estava ali, a minha frente, a um toque, era bom. *Por que tudo em Gustavo Di Lucca tinha que ser bom?*

Excepcionalmente bom.

Assim que terminei de comer, notei que ele me observava, já que finalizara antes de mim. Não o encarei no momento em que terminei, e caminhei em direção a pia, deixando o prato lá. Meu coração batia freneticamente, e minha mente estava presa a ideia de que não daria para

sermos apenas amigos. Eu não devia, em hipótese alguma, tê-lo deixado entrar.

— Posso? — indagou, aparecendo ao meu lado do nada, e levei tamanho susto que não consegui disfarçar. Ele colocou o prato na pia, e me encarou profundamente. — *Tá* tudo bem?

— Quantas mentiras mais vamos contar um para o outro? — perguntei, com o nó na garganta se desfazendo e a ponto de simplesmente beijá-lo. O gosto do meu vinho branco favorito no meu homem favorito – eu estava maluca.

— O quer que eu diga? — falou, e deu um passo à frente, ficando a um fio de cabelo de distância.

— Eu...

Eu não consigo olhar para você e mentir que não quero ter seu gosto como meu. Eu não consigo estar tão perto e mentir que quero ser apenas sua amiga. Eu quero me perder no seu corpo novamente.

— A gente não consegue ser amigo. — ele falou por fim, e sua mão veio para meu rosto, como se pedindo permissão para tocá-lo. Assenti, e seu toque desencadeou o inferno dentro de mim. — Eu sinto muito por vir aqui e te deixar assim.

— Assim como? — perguntei, e o encarei, notando a culpa em seu olhar. — Perdida por querer seu toque? Maluca por querer sua boca? Doida por saber que não posso me relacionar, mas estou a ponto de rasgar as suas roupas?

Ele me puxou com força para si, e fechei os olhos, tamanha intensidade daquela proximidade.

— Não vou te pedir nada além do que pode me dar. — falou baixo e calmo, no tom rouco que sabia que ele se segurava para não me beijar. Olhei-o e percebi que além do fogo, existia *mais* nele. Muito mais.

Eu estava preparada para aquilo?

— Posso ser apenas um caso se quiser, eu posso... — confessou e o encarei ainda mais perplexa. — Tenho sonhado com o seu toque há anos e depois de te ter, eu estou a ponto de enlouquecer apenas por mais dele.

— Nunca pensei que diria isso, mas... Estou me sentindo da mesma forma que você, Gustavo.

— A forma como diz meu nome. — Suspirou pesadamente e sua mão envolveu meu queixo, forçando-me a olhá-lo. — Podemos ser amigos e deixar acontecer, o que acha?

Nunca uma ideia tão ruim me soou tão boa.

— Me beija, por favor.

Não me reconhecia, implorando por aquele homem, dentro da minha casa e tirando-me completamente da zona de conforto. Puxei-o pela camiseta branca que usava, e sua boca se tornou minha. Tudo nele era meu no momento que seus braços me prendiam, assim como, meu corpo o trazia para mim.

Tudo dele.

Tudo de mim.

Sem prós e contras. Sem perguntas e indagações. Sem condições. Foi naquele momento que entendi, que nunca seria apenas uma noite. Porque aquela noite, nos marcou tanto, ou mais, do que a primeira vez que nos vimos.



CAPÍTULO 9

“Por você, eu cruzaria a linha

Eu desperdiçaria meu tempo

Eu perderia a cabeça

Eles dizem "ela foi muito longe dessa vez"^[1]

Marta

Suada, cansada e com sono. Meu corpo estava sobre o dele, como se eu não pudesse me mexer mais nem um músculo depois de ter esquecido meu nome por completo nos seus braços. O desejo que sentia

por Gustavo não se desfazia, pelo oposto, ele explodia ainda mais quando o olhava.

Mas naquele instante, olhá-lo, com o braço sobre os olhos, o corpo nu debaixo do meu, respirando de forma pesada, como se recuperando de uma maratona, fez-me sorrir. Sorrir porque estar com ele, me trazia algo que nunca imaginei encontrar em um homem – plenitude. Mesmo sendo a ideia mais errada que já aceitei, tê-lo ali, me entregava algo além do prazer, me entregava ele.

Onde eu estava com a cabeça por aceitar aquilo?

Eu sabia muito bem onde. E sabia que não adiantava fugir, porque o fiz por anos e anos, o fiz nos últimos dias, e ali estávamos nós novamente. Em lençóis bagunçados, respirações entrecortadas e corpos marcados. Espreguicei-me sobre seu corpo, e meus lábios procuraram os dele, no segundo em que os olhos azuis finalmente encontraram os meus.

Sua mão foi diretamente para meu queixo, em um movimento que parecia tão dele sobre mim, que me indagava se ele era sempre assim com as outras pessoas. Ele seria? Ou seria único comigo? Fechei os olhos, sentindo seu gosto novamente, e virando meu corpo para o lado, e caindo na cama, no segundo seguinte.

— Eu não consigo ir. — falou, e abri meus olhos, encarando a imensidão total dele.

— Isso é um autoconvite para passar a noite aqui? — indaguei, e ele sorriu, assentindo levemente.

— Pode ser um pedido, já que dormiu no meu apartamento e agora...

— Não consigo dizer não para você! — confessei, sentindo meu coração pular no peito e temendo que estivesse tão exposta. Eu poderia confiar em alguém que fugi por tanto tempo? Eu poderia me jogar de cabeça por alguém que tinha uma vida tão diferente da minha? Nós éramos realmente tão diferentes?

— Isso soou como horrível. — falou, apertando levemente meu nariz, e eu sorri. Levantei-me um pouco, e me encostei contra a cabeceira da cama. — Você me negou por anos, mesmo após beijos perdidos e olhares sem fim. — Acusou e estreitei os olhos, sabendo que ele tinha completa razão. — Mas eu te perdoo por isso, até porque, não podia ter momento melhor para estar com você.

— Ah é!? — indaguei, tocando sua barba. — Por que eu sempre pareço a vilã da história?

— Porque sempre foi má comigo. — brincou, e se sentou o suficiente para ficar próximo a mim. — Mas pode se redimir, me deixando ficar e não se importando de eu acordei as cinco. — comentou, e imaginei que o trabalho o aguardava, assim como o meu.

— Bom, saiba que eu odeio acordar cedo, mas... A vida me cobra isso, todo dia. Então... Pode ficar, mas vai dormir no sofá, tudo bem? — perguntei, e coloquei minha atriz para jogo, torcendo para que ele caísse naquela atuação. A forma como sua expressão se transformou, fez-me segurar a gargalhada por alguns segundos. Ele parecia confuso e assustado com aquela informação. — O que foi? — perguntei, fingindo inocência e até mesmo, que conseguiria dormir longe dos braços dele, estando sob o mesmo teto. *Pelos céus!* Eu queria dormir em cima dele se possível.

— Eu...

A boca permaneceu aberta, o olhar gelo perdido e ele claramente, não sabia o que dizer. Não consegui mais segurar, e gargalhei alto, vendo-o mudar a expressão novamente, como se habituando com o fato de que eu estava apenas zombando dele.

— Eu digo, você é terrível comigo! — falou, e o vi se levantar, enquanto gargalhava alto, e ele me encarava, a coisa mais linda do universo, nua no meio do meu quarto.

Aquele era o melhor sonho erótico se tornando realidade.

— E o que vai fazer a respeito? — indaguei, sentando-me, como boa megera que entrava em cartaz, e ele apenas deixou o sorriso pender para o lado, e veio até mim.

Suas mãos se espalharam por meu corpo, e a cada toque, eu ria mais alto. Ele parecia saber exatamente em que ponto tocar para me fazer gargalhar, e aquele ataque de cócegas, me fez adorar o fato de que estar com ele, por mais complexo que pensei que seria, quando estávamos ali, juntos, era simples.

Quando me deixou respirar novamente, puxou-me para seu colo, fazendo-me segurar contra seu corpo.

— Um banho? — indaguei, e ele assentiu, com olhar tão mais leve e sorridente, que eu poderia beijá-lo por ser tão transparente assim para comigo.

Se eu pudesse dizer algo a Marta do passado sobre ele seria – *minha filha, olha direito para esse homem!*

— Vou te dar banho e depois, dormir à noite toda enroscado em você. — Acusou e ri, pelo fato de que seu tom soara como se aquilo pudesse ser horrível para mim.

— Vou sofrer a noite toda então. — Entrei na brincadeira, dramatizando e ele sorriu, enquanto eu indicava com a mão o banheiro que ficava no corredor.

Meu apartamento era pequeno, mas o suficiente para uma pessoa, mas eu faria com que coubéssemos, os dois naquele box. Não se poderia duvidar de uma mulher ansiosa para ver o homem que desejava nu com água caindo por seu corpo.

Não perderia a chance por nada.

Sentei-me sobre a tampa do vaso fechado, e fiz sinal para ele entrar.

— Entra você primeiro, porque preciso assistir essa cena de camarote. — Pedi, e ele não negou, vendo-me morder o lábio inferior, enquanto o box de vidro totalmente transparente, me dava a visão do pecado.

Ele era lindo.

Ele tirava todo meu fôlego, e mesmo assim, via-me ansiando por mais.

Nem que fosse apenas para olhá-lo, debaixo da ducha quente, com os cabelos ruivos molhados contra sua testa e as minhas marcas

presentes em todo o corpo, deixando claro, mesmo sem querer (ou talvez querendo), que ele era meu.

Levantei-me, sem resistir, e fui até ele, espremendo-os dentro do pequeno espaço, e mesmo de olhos fechados, senti seu maxilar mexer sobre minha cabeça, enquanto eu o abraçava levemente. Ele estava sorrindo, e eu, presa em um sonho bom.

O melhor em muito tempo.

Gustavo

De repente, era fácil.

De repente, ela me aceitava.

Uma coisa sobre Marta Sousa que eu tinha certeza, era que nunca estaria certo sobre nada a respeito dela.

Levantei-me com cuidado para não a acordar, e me vesti, encarando a cena de ela dormindo tranquilamente, abraçada firmemente ao travesseiro em que eu estava deitado antes.

Se soubesse que ir ali, me traria tal presente, não teria pensado e adiado tanto aquilo. Porém, também acreditava que as coisas têm seu tempo correto. Com ela, finalmente, o era.

Fui até o banheiro, reparando em cada detalhe do seu apartamento. Cada pedaço daquele lugar me remetia a ela, e com toda certeza, gostava de decorar cada cantinho. Minutos depois fui para a sala e reparei na mesa bagunçada de papéis e o notebook no meio deles.

Sabia que marketing era sua paixão, já que a vi falar sobre a faculdade em certos momentos em alguns jantares entre amigos. E vendo dali, mais o pouco que consegui conhecer dela, sabia que se dedicava e muito.

— Então ia sair de fininho? — a indagação a minhas costas, fez-me sorrir.

Virei-me para ela, que parecia uma bagunça de cabelos negros e olhos ainda meio fechados e cara inchada, dentro de uma camiseta enorme do com a palavra “problema” em uma fonte gigante. Mesmo assim, ela continuava linda. Porque tudo nela, sempre parecia no lugar certo para mim. Ela toda era certa para mim.

— Não queria te acordar. — Defendi-me, e ela revirou os olhos, vindo para perto. Deu-me um leve beijo na altura do peito e seguiu para a

cozinha. Fiquei ali, por alguns segundos, perplexo por aquela mulher ser a mesma que apenas fugiu do meu apartamento dias antes.

— Eu ainda não estou acordada de verdade. — Confessou, bocejando e abrindo a porta da geladeira em seguida. — Preciso tomar água para me sentir viva.

— Eu preciso ir. — falei, sabendo que tinha o tempo certo para ir para casa, tomar um banho e estar na empresa. — A manhã cheia de reuniões.

— Eu tenho uma reunião as sete com Melissa. — falou, encostando-se contra a geladeira e tomando um longo gole da garrafa. — Mas tenho que terminar essa bagunça aí, ou parte dela, antes disso. — Apontou para os papéis na mesa ao meu lado.

— Cheios de trabalho então! — concluí, e ela veio até mim, com um sorriso pequeno, e a garrafa ainda em mãos.

— Um CEO dos investimentos e uma estudante de marketing, isso vai ser um caos de horários cheios. — comentou, fazendo-me sorrir, e tocar levemente seu rosto.

— Eu te ligo assim que puder. — falei, e ela assentiu, ficando na ponta dos pés e quase da minha altura. — Por que deixar você parece um sacrifício?

— Porque eu sou gostosa. — falou, fazendo-me dar um tapa na sua bunda, e ela soltou um “ai” seguido de um sorriso sacana. — Vai lá, CEO gostosão, como Lili diria!

— Posso me acostumar com isso. — Uni nossos lábios, e naquele beijo rápido de bom dia, soube que nunca começara o dia tão bem.

Tê-la em minha vida, mesmo sendo recente, mudava tudo de forma. Sabia que era ela, mesmo antes de saber. *Como era possível?*

Marta veio comigo até a porta e seu sorriso permanecia aberto, com o olhar negro ainda pequeno, mas que me entregava muito mais do que um dia imaginei receber dela.

— Até mais, deusa. — falei, sussurrando em sua orelha, a palavra que sempre me passara em mente, todas as vezes que a olhava.

Ela se arrepiou por inteira, e me olhou como se pudesse me devorar por inteiro.

— Vai, antes que eu perca o resto de razão...

Dei-lhe um último beijo, antes de seguir pelo corredor, sem querer de fato ir. Ouvi de relance um grito agudo e me virei, tendo a visão de Lilian em um pijama de bichos de pelúcia com uma xícara em mãos.

— Bom dia, Gustavo! — deu um grito, e sorri para ela, dando-lhe um leve acenar de cabeça.

— Bom dia, Lilian!

Vi de relance Marta praticamente a jogar para dentro de seu apartamento, e sorri ao entrar no elevador. Aquela mulher era o meu encaixe perfeito. Só queria, que de alguma forma, ela conseguisse enxergar o mesmo.



CAPÍTULO 10

“Você sempre terá meu ombro quando chorar

Eu nunca te deixarei, nunca direi adeus

Você sabe que você pode contar comigo como um, dois, três

Eu estarei lá”^[12]

Marta

— Eu te mato se abrir a boca sobre isso! — aponteí um dedo para Lilian, que bebia seu café, quase cusbindo-o pelo sorriso em seu rosto.

Batidas na porta e o entrar calmo de Melissa me pegaram completamente de surpresa. Elas tinham um *time* de merda para aparecer de surpresa.

— Por que já estamos matando Lili a essa hora? — Mel perguntou, trazendo dois copos consigo, e colocando-o um sobre o balcão da cozinha, com um sorriso de quem adorava acordar cedo, estampado no rosto. Dei-lhe um olhar mortal, e peguei o copo que deixara ali, sabendo que era para mim. — Por que eu sinto que também vou ser morta?

— Não cruzou com Di Lucca lá embaixo? — a pergunta de Lilian, fez-me concentrar no café e me neguei a olhar para as duas, mesmo sabendo que estariam exultantes.

— Não! — Melissa falou e senti seu olhar sobre mim.

— Sim! — Lilian gritou, e eu a encarei, implorando para que não gritasse ainda.

— Ainda nem são seis da manhã, tenham pena dessa pobre alma! — praticamente implorei, devido ao fato de que elas me atormentariam por uma vida.

Não que Gustavo e eu esconderíamos aquele caso. Contudo, se era um caso, não era para as pessoas saberem, certo? Nem mesmo nossos

amigos. Entretanto, lembrei-me da forma como cumprimentou Lili, completamente despojado e feliz, e parecia tão bem em sua pele, que o invejei.

Eu estava a ponto de fugir das minhas melhores amigas.

— Ok ok! — Melissa falou, sentando-se na banquetta e me encarando. — Esqueceu que dia é hoje? — indagou, e a olhei completamente incrédula.

Era comum Lilian bater na minha porta aquele horário, justamente, para me cobrar de comer. Já Melissa, de fato não entendia por que estava ali. Ela morava em outro canto da cidade. Não fazia sentido algum se nossa reunião era dali mais de duas horas.

— Dia de atormentar a Marta as cinco da manhã? — perguntei, bebendo mais um longo gole de café, e Melissa riu. Lilian se fez de magoada, e se sentou na bancada, fuzilando-me com o olhar.

Pensei por um segundo e no olhar pidão de Melissa, encontrei a resposta. *Putá merda!*

— Vieram para me ajudar com a comida, não é? E eu que escolhi o horário e ainda disse que poderíamos fazer a reunião aqui... — comentei, e fechei os olhos, odiando-me.

O toque de Gustavo me tirava completamente do controle, e eu me perdi por completo no meu próprio combinado com minhas melhores amigas, e mais, no meu próprio tempo. Sabia que estar com ele, seria absurdamente devastador, mas nada me preparara para ser assim. Justamente assim.

— Ei, não pensa tanto! — Lilian falou, e estalou os dedos na minha frente. — É normal se perder um pouco na própria organização. Isso se chama ser humana e não um planner ambulante, Marta Sousa!

— Eu sei, eu só... To fodida, ok? — confessei, e notei o olhar atencioso de Melissa, enquanto Lilian sorriu.

— Parece muito bem fodida para mim.

— Por Deus, Lilian! — Melissa falou, gargalhando e me levando a mesma reação. — Agora, sem a conotação sacana que a Lili não pode deixar passar... Por que está assim?

— Eu não me envolvo porque tenho medo de desfocar. Evitei Gustavo por cinco anos e agora... Agora eu simplesmente aceitei ser amiga dele.

— Amiga que transa? — Melissa insistiu e assenti, e a careta em seu rosto, demonstrava que ela achava a ideia tão horrível quanto eu.

— Ai, não me olha assim! — levei as mãos ao rosto e tentei lembrar porque concordei com aquilo. Eu sabia muito bem. Porque o queria e ele estava disposto a dar o que eu pudesse entregar. — Sei que pode dar merda!

— Ou pode terminar em casamento. — Lilian comentou e a encarei, vendo que parecia pensar sobre o assunto. — Gustavo não é um canalha, e a gente sabe disso. Você não é uma megera, então... Por que só não pensar positivo?

— Só consigo pensar que quando tô com ele, eu não raciocino direito. Por isso o evitei tanto, mas daí, ele bateu na minha porta e... Aconteceu! Nunca nem trouxe outro cara para esse apartamento. — Reclamei e me senti patética.

— Até porque não tem se envolvido com ninguém nos últimos tempos. — Melissa falou, como boa voz da razão que era. — Não vamos pensar nisso como um clichê romântico, ok? Apenas deixa acontecer, porque é justamente isso que eu estou vendo acontecer.

— E se eu surtar com tudo e o machucar? — perguntei, sem conseguir mais guardar a angústia aquela dúvida, que de repente, era tão real.

— E se ele te machucar? — revidou e respirei profundamente, pois não tinha considerado tão versão daquela história. — Não acredito que farão isso um com o outro, mas... Não pode sofrer pelo que não aconteceu, apenas, dar o seu melhor.

— Te odeio por ser tão calma e boa com as palavras. — Admiti, e ela sorriu levemente, bebendo algo em seu copo. — *É sério!* Vamos só esquecer o fato de que eu estou tendo um caso com Di Lucca e...

— Não consigo esquecer! — Lili falou, e tive que sorrir da forma como ela parecia realizada. — Estou há anos fazendo campanha por esse casal, até mesmo, convenci Victória, nossa agregada, a torcer! Tem noção do trabalho da *fanfiqueira* aqui?

— Você parece uma adolescente as vezes, Lilian! — falei, revirando os olhos, e ela deu de ombros. — Aliás, contei a ele sobre o apelido!

— Não! — ela pareceu horrorizada, e Melissa sufocou uma risada, que de mim, saiu facilmente. — Nunca mais olho na cara dele!

Dei de ombros e terminei meu café, sorrindo ainda de sua expressão de quase morte.

Por mais maluco que meu dia começara, era bom estar com elas. Na realidade, sempre o era. A vida me presenteara de forma tão absurda

quando me colocou no caminho essas duas mulheres, que não conseguia me enxergar, em um futuro, em que elas não estivessem. Elas eram parte do meu mundo, e dividir, as pequenas coisas e surtos com elas, tornava tudo mais fácil.

Gustavo

— Alguém acordou feliz hoje! — a voz de Tamara chegou a minhas orelhas e ela me encarou, como se tentando entender tamanha felicidade.

Ela era minha prima mais próxima e estava tendo seu primeiro contato com a empresa da família, através do estágio como secretária executiva. De toda forma, ela estava sendo exemplar naquela posição. Sabia, que cedo ou tarde, conversaríamos sobre ela querer ou não permanecer na sede do Rio de Janeiro, ou quem sabe, ser transferida para outros países.

— Essa felicidade tem nome. — falei, e ela me encarou ainda mais exultante.

— E eu vou conhecer quando? — indagou e se aproximou de minha mesa, colocando uma pasta a minha frente.

— No momento que ela desejar. — Pisquei um olho e ela me encarou surpresa, segurando a risada. — O que foi?

— Meu primo, você tá completamente domado! — falou, e eu não neguei.

O que eu poderia dizer?

Que de repente, aquela mulher tinha controle de tudo e me fazia ir diretamente para ela? Era fato. Era controlador em várias partes da minha vida, principalmente, como responsável da sede principal da Di Lucca Investimentos. Mas com ela, tudo era diferente.

Com ela, eu conseguia apenas dançar conforme a música ou até mesmo, puxá-la para dançar comigo.

Com ela, podia ser eu mesmo.

A noite passada me mostrara tal coisa, claramente.

— Sonhando acordado! — Tamara bateu duas palmas à frente de meu rosto, e sorri da forma que me encarava. — Sabe que seus pais vão fazer um inferno quando souberem. — Apontou o óbvio e eu assenti. — Eles ainda não esqueceram a ideia estúpida de eu me tornar sua esposa.

— Fez uma careta de nojo e eu gargalhei alto, entendendo-a perfeitamente.

Tínhamos apenas dois anos de diferença em idade, e Tamara não se formara antes na área, porque optou por conhecer o mundo antes de encarar toda a correria que seria assumir um papel principal na empresa da família.

O que nos surpreendeu foi a insistência sem sentido de nossos pais, em peso, por anos, para que nos casássemos e não corrêsemos o risco de colocar outras pessoas à frente da empresa. Aquilo era tão absurdo quanto estúpido.

Reuniões infinitas para os sócios majoritários entrarem em consenso, e pior, horas e horas aguentando todos os piores tipos de justificativas. Já vira aquele filme antes, de casamentos por contrato ou conveniência, e ele nunca terminava bem. Para ambos os lados.

— Bom, já estamos conversados sobre isso, e se insistirem...

— Nona está preparada para usar seu voto de peso! — complementou e eu assenti. Tamara e eu tínhamos uma relação de filhos para com nossos avós, e por aquilo, acabávamos sendo os mais privilegiados da família. Alguns nos odiavam, outros, sequer ligavam. Os nossos pais, tentavam a todo custo ganhar em cima daquilo.

Eu era um homem com um futuro muito bem determinado, e sabiam que tinha minha palavra final. Apenas uma pessoa tinha o poder de me desestabilizar, e se tudo corresse tão bem quanto aquela manhã, ela poderia bagunçar o inferno em mim, e eu não reclamaria.



CAPÍTULO 11

“Repito os erros de ontem

O que eu estou tentando dizer é para não esquecer

Você só vê o lado bom, uma memória seletiva

O jeito que ele me faz sentir, o jeito que ele me faz sentir

Nunca agi de uma forma tão idiota

Oh lá vamos nós”[\[13\]](#)

Marta

— Até mais, gente! — falei para minhas colegas mais próximas e segui para fora da sala de aula. Eram cerca de dezoito horas e eu estava exausta. Respirei fundo, caminhando pelos corredores e pensando em olhos azul gelo, que me faziam distrair um pouco a mente carregada de informações.

— Ei, garota!

O grito a minhas costas me fez parar e me virei levemente, para encontrar Marcos, veterano já formado no mesmo curso que eu, que pelo pouco que sabia, fazia mestrado naquele momento.

— Impressão minha ou está sumida? — perguntou, com um sorriso cafajuste no rosto, e como sempre, apenas consegui sorrir educadamente. Ele era um cara bonito, não poderia negar, mas ainda assim, não passou de um momento. Um momento que mal tive tempo de guardar.

— O semestre acabou de voltar, então... — respondi, e ele pareceu pensar direito sobre a pergunta sem nexos. — É bom te ver. — falei, porque antes de tudo, ele foi um bom colega. A questão era que sempre que me via, me chamava para sair, o que me levava diretamente para a resposta de “não”.

— Estou ficando meio patético, não é? — indagou, e eu tentei disfarçar a resposta positiva, mas pareceu não surtir efeito. — Desculpe ser tão insistente, é que a nossa noite foi... — parou de falar, como se esperasse algo de mim, e fiquei sem saber o que dizer. Foi uma boa noite de sexo, e apenas aquilo.

Por um segundo, coloquei-me em seu lugar, e imaginei que a noite incrível que tive e repeti com Di Lucca, poderia ter apenas o gosto de uma boa noite de sexo para ele. Em que universo eu esperava que estivéssemos sentindo o mesmo?

Foco, Marta!

— Eu ando muito ocupada, como sempre. E eu... — engoli em seco, sem querer dizer que tinha uma pessoa, e algo dentro de mim gritou: *você tem? Você realmente quer ter?* — Só consigo te ver como um bom colega.

— Nunca me deu falsas esperanças. — Deu de ombros e pareceu finalmente entender aquele meu ponto.

Vi-me viajando novamente e indagando-me se o que vivia com Di Lucca era repleto de falsas esperanças pela parte dele. Não poderia ser, não é? *Por que eu sempre pensava demais quando era sobre ele?*

E desde quando nos encarava como algo certo?

Desde o momento em que aceitou a péssima ideia de ser amiga e foder com o homem que tanto deseja, sendo que sabe que isso não vai dar certo, minha mente gritou.

— Quer uma carona? — perguntou de repente, trazendo-me para a realidade. — Lembro que comentou que ia se mudar para mais perto e bom, eu moro próximo daqui também.

— Não precisa se incomodar, Marcos. — Respondi, tamanho foi o baque pelo convite. Contudo, pensei por um momento, sabendo que era horário de pico e quanto tempo demoraria o ônibus e o preço absurdo de um táxi. — Ai, eu vou aceitar! — falei por fim, e ele sorriu, como se esperasse por aquilo.

— Vamos então!

Caminhei com ele até o estacionamento e no segundo em que meus olhos passearam pelo lugar, fiquei em choque por meu corpo reconhecer tão facilmente o do homem que estava há mais de vinte passos dali. Ele sorria para alguém, que parecia conhecer muito bem, e meu coração se apertou ao vê-lo abraçar a mulher.

Sabia que ele se formara naquela faculdade e um pouco do que as pessoas cochichavam sobre o quarteto de gostosos que já passara por ali — Levi Gutterman, Daniel Lourenzinni, Caleb Soares e Gustavo Di

Lucca. *Ele tinha mesmo que ser parte de um pote de ouro no fim do arco-íris?*

Algo dentro de mim se remoeu e vi-me virando para Marcos e negando a carona no último segundo, alegando que precisava passar algumas horas na biblioteca ainda. Assim que o carro dele saiu, e me acenou um leve tchau, virei-me na direção na qual vi Gustavo parado da última vez, e notei que não estava mais lá.

Por que o nosso mundo parecia tão pequeno?

— Bu!

— Puta que pariu! — gritei, tendo o choque da pior coisa que alguém poderia me fazer – me dar um susto. Bati com o livro em mãos no peito dele, e seu cheiro me inebriou de imediato. — Como conseguiu chegar aqui tão rápido e eu nem notar? — perguntei, ainda me recuperando do susto, e o olhar gelo me incendiando por completo.

— Eu conheço esse lugar como a palma da minha mão. — Revidou e eu revirei os olhos.

— O que faz aqui por agora? — indaguei, por fim. O meu coração batendo forte, suspeitando de que ele estava ali por mim. Eu estava realmente, no fim da linha.

— Uma professora me convidou para falar com alguns orientados e terminamos mais ou menos por agora. — respondeu e meu coração murchou, sem eu conseguir controlar tais sensações. Aquilo era uma merda.

Viajei para o passado por um segundo, sabendo que já dei de cara com ele naqueles mesmos corredores, enquanto corria para não me atrasar para uma aula. Lembrava do meu corpo batendo no dele, de quase caindo, e ainda o xingando antes de levantar e reconhecer os olhos gelo – malditos olhos gelo.

— Olho para onde anda, porra! — xinguei, e no segundo em que o reconheci, me senti a pessoa mais burra do universo. O cara bonito e rico, que me despertou um interesse fora do comum, e que pior, era amigo íntimo dos meus mais novos patrões. Eu estava fodida!

— É bom te ver também, Marta! — falou, com um sorriso de lado e agradei (e amaldiçoei) os céus no segundo em que uma mulher loira o puxou pelo braço, claramente preocupada, e me deu o time perfeito para simplesmente voltar a correr.

Naquele dia descobri que o amigo gostoso dos meus patrões tinha namorada, e pior, que eu tinha uma boca grande demais para coincidências como aquela.

— Vai me xingar hoje também? — perguntou, tocando meu queixo e me fazendo piscar, voltando a realidade. — Pensando em mim, deusa?

Revirei os olhos para o apelido cafona, mas que soava tão único nos lábios dele, que apenas fingia que não o adorava.

— Pensando em como jurei que Levi e Melissa me demitiriam! — fiz um sinal da cruz, e ele sorriu baixinho. — Aliás, você namorava naquela época.

— Passado. — Levantou mais um pouco do meu queixo, e pensei em me afastar, mas não consegui. — Quer uma carona para casa? — perguntou e não resisti a tentação de estar presa com ele em algum lugar.

Segui-o até o carro, com uma de suas mãos presa a minha cintura, queimando minha pele mesmo sobre o tecido. Notei de relance que ele não dirigia e que tinha outra pessoa no volante, o que parecia ser seu motorista. Cumprimentei-o, enquanto observava outras pessoas entrarem nos carros estacionados ao lado, no mesmo segundo em que o fizemos.

— Motorista e seguranças? — perguntei, e ele assentiu, assim que me sentei com cuidado no banco que deveria valer minha vida todinha. — Às vezes eu esqueço o quão ricos vocês todos são, principalmente

você. — Aponte o óbvio e o encarei, o qual me encarava como se pudesse me ler por inteira. — O que foi?

— Está linda! — admitiu, e senti o carro se mexer.

— Não pode falar esse tipo de coisa se eu não posso subir sobre você. — Sussurrei perto de sua orelha e notei seu corpo se arrepiar a minha voz. Uma de suas mãos foi para meu quadril, prendendo-me perto dele, enquanto nossas bocas quase se chocaram. — O que vai fazer em, gostoso?

— Se eu tivesse como vender meu motorista... — sussurrou em minha orelha, fazendo meu corpo todo reagir ao dele, ardentemente. — Aliás, isso me dá ideias, de você vendada e amarrada na minha cama.

— Di Lucca! — seu sobrenome saiu como uma maldição e não ousei olhá-lo.

— Venha para casa comigo. — pediu, quase como um implorar e eu quis negar, queria apenas correr, mas não consegui. Porque no fundo, lá no fundo, eu queria, mais do que tudo, estar mais um pouco com ele.

Eu estava enlouquecendo?

Eu estava me deixando enlouquecer?

Vi-me assentindo para ele, e sentindo seu aperto em minha cintura aumentar, e quando o encarei de fato, vi o sorriso em seu rosto, deixando-

o ainda mais lindo. Respirei fundo, e toquei sua barba levemente por fazer, e que poderia marcar todas as partes do meu corpo.

Suas marcas. Seu corpo. Minhas marcas. Meu corpo.



CAPÍTULO 12

“Esgueirando-me (...) quando as luzes estão baixas

Sem um toque, eu poderia ter uma overdose

Você disse: Pare de ser cautelosa

Garota, eu quero ver você perder o controle”^[14]

Marta

— Eu acho que posso me acostumar com champanhe e morangos na banheira. — falei, apertando o laço de meu roupão, que no caso era dele, e ficara enorme em mim.

Gustavo estava de costas, olhando alguns papéis, e consegui ouvir o indício de risadinha em seu tom.

— Enquanto eu analiso planilhas, você estava nua na minha banheira e nem pensou em me convidar? — indagou, fazendo-se de magoado, quando os olhos bateram nos meus.

Fui até ele, o qual me deu espaço suficiente para me esgueirar sobre seu colo, e me sentar. Senti uma de suas mãos em meus cabelos ainda molhados, e que caíam para fora do roupão. A outra parou sobre minha cintura, como se me segurando contra si, e se precisasse daquilo para saber que era real.

Tudo em Gustavo gritava por medo de eu simplesmente bater à porta e sumir. No entanto, não podia culpá-lo, pois foi exatamente o que fiz após a nossa primeira noite juntos.

Foquei nos papéis a minha frente, e a quantidade de números era absurda. Senti um leve beijo em minha nuca e me curvei, diante da resposta imediata de meu corpo para com o dele.

— Você estava ocupado e eu... — virei-me e o encarei. — Também tenho artigos para ler e adiantar um pouco do trabalho.

— Tenho uma workaholic em casa e não fui informado? — perguntou, fingindo-se de sonso e revirei os olhos. — Sabe que meus

amigos sempre falam o quanto você é focada? Daniel e Levi não cansaram de tecer elogios da época em que trabalhou na empresa deles.

— São puxa sacos. — Afirmar o óbvio, mesmo sabendo que era realmente dedicada. Conhecia-os bem o bastante para saber que gostavam de mim, e aquilo, poderia influenciar. Por aquilo, acabei finalizando o estágio e não dando continuidade naquele ano. Trabalhar como assessora de marketing de Melissa, me trazia a experiência completa de fazer algo sozinha, e sem alguém para orientar de fato. Felizmente, tinha dado muito certo até então. — E sim, eu trabalho muito, mas... Mas me dou alguns prazeres, tipo...

Parei de falar e só consegui pensar em noites com vinho branco e uma série de terror. Fiz uma careta, sentindo-me entediante diante do olhar interessado de Gustavo. Ele me parecia genuinamente interessado em qualquer coisa sobre mim.

— Sou um tédio, ok? — admiti e ele sorriu de lado, do jeito que me desestabilizava por inteiro. — Eu só saio com as meninas, as vezes uma noite com alguém aleatório, vinho, filmes, séries, algumas noites em boates...

— Já te encontrei em algumas perto daqui. — Pontuou e eu assenti.

— Lembro daquela noite e de como fugiu de mim, como se eu fosse o diabo em carne e osso. — Acusei-o, o qual apertou com vontade minha bunda, fazendo-me estreitar o olhar. Enquanto meus pensamentos voaram diretamente para aquela noite, anos atrás, presa em minha memória, o que demonstrava todo o poder dele sobre mim.

Fechei os olhos e levantei as mãos para os céus. Sorri em meio a música, cantando alto em seguida. Torcia por aquele momento depois de dias e noites presa aos estudos. Estava aprovada para o próximo semestre e só aquilo me importava. E claro, uma boa dose de tequila.

— *Eu vou ao bar.* — falei para minha colega de faculdade, Ana, que dançava com o namorado que era da nossa turma. Eles eram de família rica e tinham contatos, os quais nos traziam, para aquele clube caro do centro da cidade, e com toda certeza, não me era nada ruim poder dançar e beber a noite toda sem ter que gastar o pouco do dinheiro que tinha. Segundo eles, o pagamento merecido por eu ser a companheira de madrugada junto a eles. Eu não me colocaria de boba e negaria.

— *Três doses de tequila.* — Pedi a mulher do outro lado do balcão que sorriu, já colocando os três copinhos a minha frente. No segundo em que ela encheu o primeiro e me passou o limão com sal, já o levei a boca. O líquido me queimou, assim como os outros dois fizeram, e

sorri mais uma vez. Eu adorava apenas poder curtir uma noite sem me preocupar, depois de tantas fazendo aquilo.

Assim que me virei e encostei contra o balcão, senti um olhar pesar sobre meu corpo. Era como se na realidade, me queimasse. Procurei em meio as luzes negras perdidas, e acabei dando passos em direção aos banheiros, achando que estava começando apenas a sentir o efeito das tequilas. No segundo em que viraria em direção ao banheiro, meu corpo se bateu contra outro, e senti a mesma sensação de antes, contudo, pulsante.

Meu corpo todo ardeu, e não foi pelo esbarrão. Era por ele.

Assim que levantei o olhar, sem sequer pensar em pedir desculpas, paralisei diante dos olhos azuis quase cristalinos. Segurei uma respiração, reconhecendo-o e odiando o fato de que era ele ali. Poderia ser qualquer outro, não? Eu necessitava que fosse, mas meu corpo, mais uma vez, reconhecia Gustavo Di Lucca como seu. E ele não o era.

— Desculpe. — Ele falou, e eu assenti, dando-lhe as costas, e segurando um suspiro profundo.

Eu o via de longe, por pouco tempo, e mesmo assim, era praticamente torturante, saber que ele me queimava, mesmo sendo frio.

Era desgastante o fato de que ele nunca parecia sentir nada, absolutamente nada, enquanto eu, sentia tudo.

A quem eu queria enganar?

Daria de tudo apenas para beijar aquele homem e tirar o desejo que me rondava sobre ele de meu sistema. O que faltava? Que ele quisesse o mesmo, ou até mesmo, demonstrasse o mínimo interesse.

— Marta...

O seu toque em meu cotovelo, parando-me e puxando-me para si, fez-me não saber ao certo como acontecia. Contudo, aconteceu. No segundo em que os olhos pararam nos meus, eu notei a forma como ele parecia se segurar. A minha frente. Talvez por mim? Talvez por nada?

— O que quer, Di Lucca? — perguntei, sem conseguir me conter, dando passos até ele, até que estivéssemos a um fio de cabelo de distância.

Ele suspirou e foi a primeira vez que o vi reagir a algo. Quando pensei em levar minhas mãos ao seu peito, e trazê-lo para mim de vez, ele deu um passo atrás.

— Desculpe por isso.

Fiquei paralisada, no meio do caminho para o banheiro, naquele clube. Enquanto o sonho indecente da minha noite perfeita, apenas me

dava as costas e saía. Existiam incógnitas difíceis de serem decifradas, mas nunca encontrada nenhuma parecida com Gustavo Di Lucca.

E nem esperava encontrar, apenas, queria que ele desaparecesse de meu sistema, assim como, sempre desaparecia da minha frente.

— Já fugi de você, mas vamos combinar, que também fugiu? — indaguei, após toda aquela noite me atingir.

— Não tanto quanto você. — Acusou e acabei revirando os olhos. — Naquela noite, eu só... Só não sabia o que faria se te tocasse. Eu tinha acabado de terminar um namoro, e bom, foi por sua causa. Ainda estava me acostumando com o fato de que consegue me controlar.

— Eu? — perguntei quase em um grito, completamente surpresa. — Terminou seu namoro com a bonitona loira por causa de mim? — aquela pergunta era ridícula e fiquei incrédula no segundo em que assentiu. — Não! — falei horrorizada e ele apertou levemente meu nariz, o que parecia ser um gesto tão dele, que me pegava sempre desprevenida. — Gustavo! — seu nome saiu em tom de xingamento ou exigência por explicação e ele gargalhou. — Pelos céus, está brincando?

— Não sou tão bom em brincar como você. — falou e tocou meu queixo, o que fez meu corpo todo esperar seu beijo, enquanto minha mente lutava para ficar sã e entender o que diabos significava o fato de

ele terminar um namoro por causa de uma desconhecida que ele mal via.

— Mas eu não minto, nunca.

Suas palavras foram tão sinceras, que senti meu coração quase sair pela boca. Se existia algo que admirava nas pessoas, era a verdade. Aconcheguei-me melhor em seu colo, e passei as mãos por seu rosto, sentindo-me imersa dele. Totalmente dele.

— Vai ter que me contar tim tim por tim tim disso depois, mas agora... — encostei levemente nossos narizes e o leve gemido rouco que saiu de sua boca, fez-me querer devorá-lo.

— Agora o que, deusa? — perguntou, e puxei seu lábio inferior com os dentes, fazendo-o me apertar com ainda mais força. Sorri no segundo seguinte, e me soltei de seu toque, para me ajoelhar a sua frente. Os olhos gelo se tornaram fogo puro, enquanto eu prendia meu cabelo em um coque, e ele tocava meu queixo com maciez.

— Vou te enlouquecer.



CAPÍTULO 13

“Eu não estou fazendo nenhum joguinho

Todas as palavras que eu digo vem direto do coração

Então se você quer vir pra esses braços

Vou deixar a porta aberta”^[15]

Gustavo

— Anda mais sumido que o comum! — Caleb pontuou, tomando um longo gole de vinho e notei que não parecia tão animado quanto dias antes. Ele era um dos meus melhores amigos, e poderia dizer, que uma

das pessoas mais próximas. Conhecíamos-nos bem o bastante para eu saber que ele estava péssimo e descontando no vinho, e ele, sabia que algo de bom aconteceu comigo.

— Tem um nome... — segurei o copo de uísque e sorri, ao lembrar que o líquido escuro era quase da cor dos olhos dela. — Marta. — Complementei e assim que levantei o olhar, vi meu amigo quase cuspendo o líquido em sua boca. Gargalhei baixo, enquanto ele se recuperava, e olhava-me incrédulo.

— Depois de cinco anos, eu... Estou muito surpreso, mesmo. — falou, ajeitando-se melhor no sofá, e só consegui pensar, que talvez, mais tarde, ela estaria exatamente ali. — Espera, não me diz que esse sofá...

— Não. — Respondi à pergunta silenciosa e ele fez uma careta. — Ainda não. — Pontuei, e Caleb fingiu uma ânsia.

— Não sei por que me surpreendo se estou nessa há o que? Uma década? — indagou para o nada, mas sabia que pensava na mulher que tinha seu coração. Só nunca compreenderia, como vivia debaixo do mesmo teto que ela, sem confessar tal amor. — Mas enfim, vim aqui para te dizer que meu pai está maravilhado com os resultados dos últimos investimentos feitos através da sua empresa. — Pontuou, e sabia que era uma desculpa esfarrapada.

— Fala logo porque veio, cara. — Soltei, sentando-me na poltrona a sua frente, e vendo-o sorrir de lado. — Desembucha.

— Estava curioso e como sei que não ia contar nada por mensagens e muito menos, ligando... — soltou, como bom curioso e fofoqueiro que era. Olhei-o sabendo que não existia uma grama nele que não estava se corroendo pelo fato de eu ter desaparecido nas nossas sextas de beber para esquecer o que fosse por aí. — Qual é, Di Lucca? Não pode culpar um homem por querer distrair a cabeça, ao imaginar o que o amigo tanto faz que não seja sair com ele.

— As coisas com Victória estão tão ruins assim? — perguntei na lata, pois ele sabia que não era de meias palavras. Pela forma como piscou e terminou a taça de vinho, sabia que estavam de mal a pior. — Caleb...

— Indiferente, como sempre. — Confessou, sem deixar escapar qualquer emoção, e piscou algumas vezes, como se perdido em algo. — Mas meus problemas conjugais podem esperar, agora estou pensando em como será ser seu padrinho.

— Já está me casando... com Marta, sério mesmo? — indaguei, sabendo que ele fugia do assunto, mas resolvi não insistir. — Se eu pensar em pedi-la em namoro, ela bate à porta na minha cara e nunca mais a vejo.

— O que diabos vocês têm então? — perguntou, parecendo não compreender por completo.

— Somos amigos deixando acontecer...

Admitir aquilo em voz alta, fazia-me ter ainda mais medo de que nunca saíssemos daquele estágio. Será que ela via nos meus olhos que nunca foi apenas desejo? Será que ela conseguiria, algum dia, ver além do sexo?

No meu âmago, eu já sentia que sim, que ela talvez começasse a reconhecer o sentimento. Torcia, a cada momento, para que ela não fugisse e me deixasse para trás com o coração nas mãos. Era aquilo, a mulher poderia me destruir e nem sequer tinha noção. Se a tinha, esperava que não escolhesse por aquele caminho. Ela podia me escolher.

— Você está fodido. — falou o óbvio e eu assenti, tomando mais um pouco do uísque. — Bom, eu vim para isso... E agora, tenho que chegar antes do jantar, porque senão, Luna me mata.

O carinho em sua voz era claro, e pela primeira vez, questionei-me como seria ter alguém esperando por você, ainda mais, uma parte sua. Era claro o amor que meus amigos tinham pelos filhos, e era como se finalmente visualizasse aquilo em minha vida. Eu seria um bom pai? Eu saberia o ser?

— Ela vai botar a merda fora de você se atrasar. — comentei e ele sorriu, enquanto se levantava, e depositava a taça na mesa de centro.

Segui-o até a porta e meus pensamentos ainda estavam presos aquelas dúvidas, assim como, imaginavam Marta ao meu lado. Como eu poderia ter caído tão facilmente?

— Se precisar, de qualquer coisa. — falou, assim que abriu a porta, e se colocou do lado de fora. Assenti para meu amigo, que sorriu levemente.

— O mesmo aqui, sabe disso.

Deu-me um aceno de cabeça e vi-o seguir em direção ao elevador. No segundo em que as portas se abriram e ele se foi, fiquei parado por alguns segundos, imaginando como seria tê-la vindo até mim. Por mim.

Suspirei profundamente, fechando a porta e encarando o meu apartamento vazio. Tudo ali me remetia a ela. Tudo do pouco que vivemos juntos naqueles dias, ainda me atormentava – no melhor significado da palavra. Porque sempre existiu algo nela, desde o primeiro olhar, que fez-me ficar preso.

Um desejo sem igual.

Os olhos negros misteriosos.

Sorri sozinho, lembrando do nosso primeiro beijo. Era engraçado imaginar, que no mais inusitado e inesperado, a gente se entregou. Era bonito de pensar que existia algo nos interligando e fazendo com que fôssemos colocados frente a frente.

O seu gosto se tornou meu naquele dia e eu nunca mais fui o mesmo.

Meu olhar perdido diante dela, que sequer sabia que eu estava ali, a alguns passos de si. Permaneci encarando-a, ainda perdido no mexer daquela deusa no meio da pista de dança. Ela só podia ser definida de tal maneira. E eu? Sentia-me como seu servo.

Era como a tentação em carne e osso, me chamando. Era como a coisa mais linda que botara os olhos, e não poderia ser minha. Não queria ser minha.

Faça algo! Era um embate eterno dentro de mim, ainda mais, pelo fato de que tinha passado apenas algumas semanas que estava solteiro. Ainda mais, por tê-lo feito exatamente porque não conseguia olhar, tocar e beijar outra mulher, sem desejar a qual se entregava completamente a música a alguns passos dali.

Queria negar que eu não estava obedecendo a uma ordem nunca dada. Queria acreditar que era apenas uma desculpa que contava a mim

mesmo para sair de uma relação sem futuro. Contudo, no segundo em que os olhos negros me encontraram, dentre tantos outros corpos ao redor, eu soube da verdade – que apenas desejava ela, como nunca desejara nada antes.

Apenas parei de pensar e fui até ela. No segundo em que minha mão parou em sua cintura, e seu olhar permitiu que eu avançasse, soube que não precisava dizer absolutamente nada. Apenas precisava tê-la. O seu gosto nos meus sonhos, finalmente, se tornando uma realidade.

Suas mãos pararam sobre meu peito e queimaram-me mesmo por cima da camisa.

— Vai correr? — indagou, surpreendendo-me.

Minha resposta foi negar com a cabeça, e envolver seu pescoço com uma das mãos, fazendo-a arfar. No segundo seguinte, apenas senti o choque daqueles lábios pintados em um vermelho infernal, que me fez imaginar como seria tê-la me marcando com ele.

Sua língua na minha, e suas mãos arranhando meus braços, fazendo-me gemer em sua boca, assim como, entregar tudo de mim. Um beijo nunca foi tão erótico, possessivo e luxurioso como aquele. Era paixão. Era desejo. Era cadência.

Era amor?

Eu não sabia, mas sabia que não pararia até conseguir ter a certeza do que fato era.

Batidas na minha porta me surpreenderam e virei o olhar em direção a ela. Sorri ao recordar cada detalhe daquela noite e desejando que pudesse revivê-la. Mesmo entendendo que não passara do beijo naquela noite, ainda assim, nunca poderia esquecer.

Abri a porta, imaginando que Caleb esqueceu de me mostrar algo, mas meu coração levou um solavanco no segundo em que reconheci meus olhos negros favoritos.

— Eu ia tentar fazer surpresa, mas Caleb facilitou e...

Puxei-a para mim e para meus lábios. Seu gosto explodiu em minha boca, e seu corpo se acomodou perfeitamente ao meu, fazendo-me agradecer aos céus pela sorte de encontrar o amor tão facilmente, a minha frente. Era aquilo, se eu pudesse dizer algo ao Gustavo daquela noite, anos atrás, era que a resposta não poderia ser outra: era amor.

Sempre seria, mesmo ainda não sabendo como lidar por completo com o sentimento. Com ela, era fácil. Tudo se tornava simples.



CAPÍTULO 14

“E você levou cinco minutos
Para nos esquecer e me deixar
Segurando todo esse amor aqui, no corredor
Acho que já vi esse filme antes
E não gostei do final”^[16]

Dias depois...

Marta

— Eu que estou sumida e é minha culpa total! — falei praticamente gritando ao celular, enquanto terminava de bater minha vitamina de banana.

— *Eu já te falei para me falar o nome do cara! — minha madrinha revidou e eu gargalhei alto, desligando o liquidificador. — Sei que tem aquele ruivo, da foto de fim de ano na casa da sua amiga...*

— Como pode me conhecer tão bem? — rebati, e ela soltou um grito do outro lado da linha.

Pela primeira vez, em quase trinta anos cuidando de mim, ela me via falando de alguém. Com toda certeza estava feliz por poder me atormentar com aquele tipo de coisa. A realidade era que pela primeira vez, sentia-me pronta para dar um passo a mais.

As coisas com Gustavo simplesmente fluíam. Era como se eu finalmente encontrasse a correnteza certa do rio, desaguando diretamente nele. Suspirei profundamente, e provei a vitamina, não gostando tanto do sabor, mas mesmo assim, sabendo que seria meu café da manhã – não tinha tempo para fazer algo diferente. Muito menos naquele dia que teria de chegar cedo à faculdade, devido a uma reunião com minha orientadora de TCC.

— *E quando eu vou conhecer ele? Ele te pediu em namoro? Não vai me dizer que só tá curtindo com ele, como vocês dizem hoje em dia?*
— *ela parecia uma metralhadora de perguntas e eu comecei a rir, enquanto levava o celular para a mesa na sala, deixando-o no viva-voz.*

— A gente ainda tá se conhecendo, tata. — falei, sorrindo de sua empolgação.

Naquele momento, meus olhos bateram diretamente na pasta preta que Gustavo me mostrara na noite anterior. Nos dividíamos entre os apartamentos, ou simplesmente, aparecíamos na porta um do outro. Naquela vez, ele veio preparado, com uma pequena mochila e as coisas do trabalho. *Era estranha tamanha intimidade? Sim! Era ruim?* Nem um pouco!

— *Quero ele na minha casa no próximo fim de semana!* — exigiu, e eu olhei para o celular, notando as horas e pensando se daria tempo de passar na empresa dele antes de ir a faculdade.

Pelas minhas contas rápidas, teria cinco minutos se saísse naquele exato segundo.

— Merda! — reclamei, colocando o telefone na orelha. — Gustavo esqueceu aqui uma pasta que é *superimportante* numa reunião dele hoje, eu vou...

— *Vai apaixonada!* — gritou do outro lado da linha, desligando o telefone na minha cara.

Tata sendo tata.

Corri até o banheiro, e escovei os dentes em tempo recorde, olhando de relance se não sujara minha roupa ao comer. Pedi um táxi e felizmente, estava praticamente na porta do meu prédio. Agradei aos céus e a Daniel Lourenzinni pela ótima localização do apartamento.

Peguei a pasta preta, joguei minha mochila nas costas e o celular, saindo de casa no instante seguinte. Não demorou mais que cinco minutos para o carro estacionar à frente do prédio da imponente Di Lucca Investimentos.

Já passara por ali tantas e tantas vezes, e naquele instante, dei-me conta de que estava na cama e vida do homem que mandava em tudo aquilo. *Quando eu não me surpreenderia por ele ter uma vida oposto da minha?*

Desci do carro e sem me fazer de rogada – e de fato, sem me importar em parecer com classe – corri até a recepção. No segundo em que cheguei até lá e pensei em pedir algum direcionamento ao recepcionista, ouvi meu nome ser chamado.

— Marta Sousa?

Virei-me em direção a um elevador a cerca de dez passos de mim, e fiquei em choque.

— Sim?! — indaguei, encarando a mulher ruiva, de olhos castanhos, que sorria abertamente. *Eu a conhecia de algum lugar?*

— Tamara, prima do Guto! — falou rapidamente, e me estendeu a mão, a qual apertei e fiquei assimilando as informações. — Ele me mostrou uma foto sua esses dias e... *Ok!* Veio vê-lo?

— Na verdade, ele esqueceu isso! — levantei a pasta preta e ela assentiu, parecendo saber do que se tratava. — Pode levar para ele?

— Por que não sobe comigo? — ofereceu e eu fiquei sem fala no primeiro momento. Olhei rapidamente as horas em meu celular e ainda tinha tempo suficiente para dar um “oi” e simplesmente correr para a faculdade. Eu queria fazer aquilo? *Merda!* Sim! — Guto vai amar te ver aqui.

— Ok. — Respondi por fim, e a segui até o elevador.

No segundo em que entramos, vi-a digitar algo no painel, e foquei no teto. Algo dentro de mim se remoía e eu não sabia dizer o porquê. De repente, eu não queria estar ali. De repente, eu me sentia mal de estar indo até ele.

Assim que o elevador parou e meu corpo todo parecia se negar a caminhar até onde Tamara seguia, tentei me compreender por um segundo.

— A sala dele. — apontou para o fim de um corredor, que dava para uma porta de madeira escura. — Eu fico por aqui. — Piscou um olho, sentando-se em uma mesa transparente, que ficava há alguns passos do elevador.

Obriguei meu corpo a andar, enquanto sentia os olhos dela sobre mim, e tentei, a todo custo, afastar a sensação estranha. Era como se eu estivesse frágil, como nunca antes. Respirei profundamente, e quando pensei em bater na porta de madeira, por fim, talvez buscando que os olhos gelo me dessem o conforto necessário para tirar aquele mal, ela se abriu.

— O casamento acontece em uma semana e essa é a palavra final. — A mulher mais velha que saiu da sala falou em tom severo e pareceu nem perceber minha presença. — Tamara de branco, e você, meu filho, de terno. O sonho da sua mãe se realizando.

Senti meu mundo todo girar, e a pasta que carregava, foi diretamente para o chão. Suas palavras me acertando em cheio: *“Mas eu te perdoo por isso, até porque, não podia ter momento melhor para estar com você.”*

Seus toques por todo meu corpo, as promessas de um amor que eu nem sabia que sentia até aquele momento, mas soube, na dor, que era real.

Eu estava completamente apaixonada por Gustavo Di Lucca e ele... de casamento marcado.

O quão fodido era aquilo?

— Quem é você? — a voz de um homem que desconhecia surgiu e eu o ignorei, buscando o olhar de Gustavo entre eles, que quando me encarou, pareceu se dar conta que não me enganaria mais.

Por favor, não diga o que todos dizem! Por favor, não faça isso!
Implorei internamente, segurando as lágrimas que queriam descer.

— Marta, eu posso explicar.

— O que? — ri em desgosto e senti os olhos de todos sobre mim.
— Quero que se case e vá diretamente para o inferno! — falei por fim, sentindo toda aquela mágoa me atingir, em cheio.

Eu sabia que ele era um problema.

Eu sabia que aquilo não daria certo, desde o começo.

— Por favor. — Insistiu, e eu neguei, no segundo em que tentou se aproximar, passando pelas pessoas mais velhas, que reconhecia de relance como seus pais, ao redor. — Me escuta.

— Eu sabia que isso nunca daria certo, mas eu nunca imaginei, que seria tão... — neguei com a cabeça, e engoli o choro.

Olhei as horas em meu celular e soube que meus minutos ali se esgotaram. Minha vida esperava fora dali. A vida que eu mudei por conta dele. A vida que eu adaptei para fazer parte da dele.

O quão patética eu era?

— Felicidades aos noivos.

Dei-lhe as costas e segui em direção ao elevador. No momento em que adentrei a caixa de metal, senti meu antebraço ser segurado, e me afastei de seu toque como se me causasse asco. Pela primeira vez, o toque dele me queimava da pior maneira possível.

— Nunca mais toque em mim. — falei, encarando-o profundamente e ele se afastou. Assim que as portas se fecharam, os olhos azuis gelo ainda me acompanhavam em mente. Encostei-me contra o elevador e deixei uma lágrima descer.

Sentia-me fraca. Sentia vontade de chorar e gritar. Sentia que tudo foi uma mentira. *Por que não seria?*

Aquele mesmo desejo que me perseguiu por anos, por fim, me destruía. Assim que pisei na calçada, senti vontade de correr e fugir de toda a realidade, mas me mantive de pé. Ninguém. Nem mesmo o

homem pelo qual acabara de saber que amava, tiraria minhas lutas de mim.

Limpei lágrimas o caminho todo, dentro de um táxi. Refiz a maquiagem quando faltavam apenas dois minutos para chegar à faculdade, e respirei profundamente.

A dor tinha que esperar, porque ela não valia a minha vida. Nem mesmo ele.



CAPÍTULO 15

“Assim como no dia em que te conheci

O dia em que pensei pra sempre

(...)

Mas isso não duraria por muito tempo”^[17]

Marta

— Estamos combinadas então? — minha orientadora perguntou e eu assenti, enquanto anotava a última dica dela no meu caderno para o

TCC. Forcei um sorriso, quando a encarei novamente, e percebi que estava o fazendo desde o segundo em que adentrei sua sala.

— Então, daqui três semanas já te envio meu primeiro arquivo.
— falei, como se para conferir se estava mesmo acompanhando tudo ou se estava deixando o exterior me abalar, confundindo-me.

— Exatamente. — Levantou-se, no instante em que o fiz, e sorriu em minha direção. — Tenho uma aula agora e você, devia comer algo. — comentou, e a encarei sem entender o porquê. — Nunca te vi tão pálida, Marta.

— Praticamente pulei o café da manhã hoje, o que parece que foi um erro. — comentei a quase mentira, tentando não transparecer a dor.

Dei-lhe um aceno e saí da sala, indo em direção ao primeiro banheiro que encontrasse. Assim que o adentrei, encostei-me contra a pia, largando meu caderno, e descendo a mochila da outra mão. Segurei-me contra a bancada e encarei meu reflexo. Era como se eu estivesse sem vida. Nem mesmo a maquiagem me salvara da dor que ainda parecia incrustada dentro de mim.

Aquilo era a dor da rejeição? Aquilo era não saber como seguir em frente, quando seu coração sangra?

— Respira! — repeti a mim mesma, encarando a pia e abrindo a torneira em seguida, para molhar as mãos e levá-las até minha nunca.

Era como se me faltasse ar. A dor emocional se confundindo diretamente com a física. Perdi-me naqueles minutos, lembrando de como nos vi em um patamar que nunca imaginei ver-me com alguém. Perdi-me de mim mesma quando o deixei entrar, e de repente, não sobrara sequer a maçaneta.

Peguei meu celular em mãos e a quantidade de ligações e mensagens dele, eram o sinal de que passava da hora de simplesmente cortar aquele vínculo. Não queria ler suas mensagens. Não queria ouvir sua voz. As palavras me atingindo como se me cortando por dentro, cada parte de meu ser. Como podia doer tanto aquilo? Como eu poderia ter me sujeitado a tal coisa?

— Chega! — falei em alto e bom som, agradecendo aos céus por não ter ninguém nas cabines daquele banheiro.

Peguei meu kit de maquiagem rápida e eficaz, e tentei dar alguma cor ao meu rosto, que parecia de fato sem vida. Assim que terminei de o fazer, desbloqueei a tela do meu celular e bloqueei Gustavo.

Saí do banheiro e fui em rumo de algumas das poucas cantinas que funcionavam naquele lado da universidade. Beber um café ou quem

sabe, comer qualquer coisa que fizesse aquele gosto amargo da dor sair da minha boca. Caminhei dentre os corredores e senti meu corpo todo pesar, e minha cabeça quase explodir. Parei em um dos bancos de pedra, e fiquei por ali por alguns segundos.

Respirei uma, duas... talvez até mil vezes. Não conseguia nem mais contar. No segundo em que encarei meu celular novamente, já faltavam menos de dez minutos para as onze. Minha reunião tinha demorado tanto quanto imaginava, mas o meu tempo ali, sentada em um dos corredores, com a cabeça perdida, parecia infinito.

A voz dele em minha mente era como um refúgio, e ao mesmo tempo, meu carrasco. No segundo em que as lembranças boas me invadiram, recusei-me a aceitá-las. Sentia-me presa em uma novela de muito mau gosto, ou até mesmo um filme, série ou livro. Todos me levando para a cena dramática em que o mocinho queria se explicar.

Que as explicações fossem para o inferno!

Que se fodesse todo o romance!



Assim que o elevador finalmente subiu, percebi que venci aquele dia de merda. Soltei o ar com força, enquanto procurava as chaves dentro de minha bolsa e pensava no miojo de tomate delicioso que eu faria, e tomaria uma Coca-Cola como perfeito complemento. Sorri por lembrar de Gustavo e como foi dividir aqueles pequenos gostos meus com ele, tão normais. O sorriso morreu no segundo em que percebi que ele também era a razão por tudo ao meu redor se desintegrar.

Sua voz. Seu cheiro. Sua imagem. Tudo me intoxicando e repassando em minha mente, como se em busca de entender como não percebi que ele me usava. Como eu poderia perceber se me deixei cair de cara por ele? Quebrei cada pedaço dela, e agora, me restava, recolher cada caquinho e juntá-los.

No momento em que o elevador parou e as portas se abriram, foi como se soubesse que ele estava ali. *Eu sempre sabia*. Meu corpo todo correspondeu, mas era diferente de todas as outras vezes... eu queria fugir de vez.

Levantei o olhar e fiquei incrédula ao encontrá-lo parado à frente da porta do meu apartamento. Ele parecia acabado, como se tivesse

passado o dia todo ali, na minha porta. Revirei os olhos da cena, tentando não pensar demais e quem sabe, ainda ter a pachorra de ouvi-lo. Eu tinha orgulho e não perderia mais uma grama dele para Gustavo. Para ninguém.

Tentei simplesmente ignorá-lo e abrir a porta para entrar, mas no segundo em que fui fechá-la, seu corpo me impediu. Colocou-se entre a abertura e eu apenas fiquei ali, segurando a porta para que não o deixasse entrar mais uma vez. Deixá-lo entrar ali, mais uma vez, na minha vida, seria como aceitar que o que restara da minha cara, poderia ser dissolvido de fato.

— Aqui não é sua casa. Está errando de lugar, Di Lucca.

— Sei que ouviu coisas confusas e que pode estar pensando que eu...

— Quer mesmo adivinhar o que eu estou pensando? — rebati, encarando-o profundamente. Doía-me aquele olhar, como nunca antes.
— Eu não quero ouvir e não vou ouvir mais nada.

Ele desviou o olhar e no segundo em que aqueles olhos que eu tanto adorava me encararam, senti vontade de socar sua cara ou até mesmo chorar. Mas tudo o que consegui fazer foi ficar parada, olhando-o.

— Me deixa em paz. — Pedi, antes que tentasse qualquer discurso ou desculpa.

Se desculpar por pisar no meu coração? Ele nem sabia que eu o amava, e não lhe daria aquele gosto. Muito menos, mais do que já tinha lhe entregado diante da cena que fiz na sua empresa. Ele despertava a fragilidade que tanto lutei para esconder.

— Está fugindo da verdade, assim como sempre foge. — Seu tom foi de acusação e o encarei incrédula. Como ele ousava tentar colocar a culpa em mim? — Quando parar de querer aceitar uma desculpa qualquer, de uma conversa pela metade, como pretexto para me deixar... sabe onde me encontrar.

— Num altar? — perguntei e odiei o fato de que a dor parecesse nítida em seu olhar. *Você não o conhece de fato! Apenas deixe ir!* Minha racionalidade gritou e eu me permiti ouvir a razão, depois de tantos dias presa a um sentimento que me trouxe exatamente ali – ao nada.

— Fique bem, Marta.

Quis mandá-lo para o inferno, mas me contive, enquanto o seu corpo saía de minha visão, e toda minha raiva foi depositada diretamente na porta. Assim que a madeira se fechou, vi-me soltando o que segurava, e pior de tudo, soltando a dor.

Meus olhos se tornaram uma bagunça e caminhei até o sofá, com o que restou de mim. Quando me sentei, repassei cada detalhe e não precisei de muito, para simplesmente quebrar.



CAPÍTULO 16

“A pergunta persistente me manteve acordada

2 da manhã, quem você ama?

Pergunto-me até que eu esteja bem acordada

Agora estou para lá e para cá

Querendo você à minha porta”^[18]

Marta

— Não vou falar mais sobre ele, e é por isso que estou contando o que houve. — Dei de ombros, e os olhares de Melissa, Lilian e Victória

eram de pura confusão. — Apenas peço que respeitem isso.

— Eu... — Lili começou a falar e passou as mãos pelos cabelos loiros. — Eu sinto muito. Se eu desconfiasse por um segundo que ele seria um cachorro com você, nunca...

— Eu sei. — Cortei-a, e era clara a culpa em seu olhar. Toquei sua mão, e sorri para ela. Forçando um sorriso, que se tornara de praxe, já que de repente, sentia-me desmoronar. — Não é culpa sua, nem de ninguém. Apenas dele.

— É uma história muito mal contada. — Victória se pronunciou e eu neguei com a cabeça, sem a mínima vontade de ouvir. Eu não queria saber a opinião de ninguém sobre o assunto, apenas, necessitava seguir em frente. Se parasse para pensar, quebraria.

— Eu não sei o que dizer. — Melissa assumiu, e forcei um leve sorriso para ela, pegando o pão de queijo à frente na mesa.

— Bom, a minha vida não gira em torno dele, e muito menos, a de vocês. — Apontei o óbvio e Victória levantou as mãos em sinal de rendição. — Podemos só curtir esse dia lindo e não pensar em mais nada?

— Eu quero é saber o que Caleb aprontou com Laura e Luna, que as duas estão tão quietas no andar de cima. — Victória se pronunciou e

eu acabei rindo. Era claro o amor dela por crianças, principalmente, pela própria filha. — Mas, prefiro levar vocês três para piscina! — olhei-a intrigada, já que tínhamos combinado de apenas assistir algum filme ou algo assim, mas nem um pouco desapontada. Tudo bem que era uma terça-feira à tarde, mas ainda assim, seria bom apenas esquecer tudo. — Precisamos distrair a cabeça, principalmente, você! — apontou o dedo na minha direção. — Vamos!

Fez um sinal com a cabeça em direção as escadas da enorme casa, e eu praticamente pulei do sofá, terminando o último pedaço do pão de queijo. Lilian e Marta estavam assustadoramente quietas, o que me indicava, que com toda certeza, se culpavam pelo apoio sem fim que deram sobre meu relacionamento que sequer chegara a ser um relacionamento de fato com Gustavo.

— Esqueçam isso! — falei, assim que subi o primeiro degrau e me virei para as duas. — Estou bem e vou ter um dia de rainha na piscina enorme dessa casa com minhas amigas. O que mais posso querer?

Lilian começou a abrir um leve sorriso, mas parou no segundo seguinte.

— Ok! — bateu palmas e veio até mim, enlaçando meu braço. — Preciso me bronzear.

— Vai ficar toda vermelha, assim como eu. — falei o óbvio, enquanto subíamos as escadas, direto para o quarto de Victória. Assim que adentramos o ambiente, ela já começou a jogar várias peças de biquinis e maiôs sobre a cama. — Mulher, não precisa de tudo isso!

— Bom, a escolha é de vocês. — Piscou um olho e vi-a escolher um maiô na cor preta, enquanto eu olhei para a cama, e vi-me encarando um biquini azul bem claro. Suspirei fundo, sabendo ao que aquela cor me remetia, mas não me atentei aos detalhes. Precisava espairecer. Precisava esquecer. Estar ali, entre amigas, me traria isso.

— Esse é você todinha. — Lilian praticamente gritou, jogando um de oncinha a minha frente, sabendo que eu não usava animal print de forma alguma. Ela gargalhou alto diante da minha careta, enquanto eu peguei o biquini de cortininha na cor preta que finalmente encontrara. Básico e simples.

Vi-me rindo para elas, sabendo que apesar de tudo, e do que acontecesse, eu as tinha. Sempre fomos apenas eu e tata contra o mundo, e após tanto tempo, em uma cidade grande, diferente de tudo que conhecia, eu encontrara parte de mim, que se tornara também, pessoas pelas quais eu lutaria e que lutavam comigo.

— Se eu ainda não disse... — comecei a falar e todas me encararam de imediato. — Vocês são parte de mim, e eu... Só tenho a

agradecer por isso.

— Nunca vou saber lidar com seu lado emocionado! — Lili admitiu, vindo para mim, e quase me derrubando na cama ao me abraçar com força. Senti Mel ao nosso redor, com sua calma e serenidade, e os olhos castanhos brilhantes, claramente emocionada. Elas eram tão diferentes de mim, mas ao mesmo tempo, me completavam. Aquilo era a verdadeira amizade.

— Tá faltando uma. — Acusei, e Victória me encarou surpresa, como se não esperasse. — Qual é? A gente já aceitou que não somos mais apenas um trio. Somos um quarteto. — pisquei um olho em sua direção e a vi nos encarar com tamanho carinho, que nunca consegui desvendar antes.

No momento em que ela nos abraçou, acabei sorrindo novamente. Eu poderia quebrar meu coração quantas vezes mais fosse necessário, mas sabia que existiam outras pessoas para me ajudar a colá-lo, pedaço por pedaço. E elas estavam ali, por mim.



Gargalhei alto, no segundo em que Lilian colocou um chapéu de cowboy, que não tinha ideia de onde Caleb havia tirado, mas ele fez questão de trazer até ela, que cantava muito bêbada, uma música para lá de sofrida. Lilian *mais* bebida *mais* karaokê era pedir para rir muito.

— Preciso de uma dupla! — praticamente implorou, e Victória correu de perto dela, jogando-se para dentro da piscina. Já eram praticamente seis da noite, de uma terça, e estávamos ali. Era ponto facultativo naquele dia, que a maioria dos lugares aderiram como feriado, até mesmo, as minhas aulas não ocorreram. Eu não iria reclamar. Karaokê do lado da piscina, na qual Melissa apenas bebia seu suco de laranja, concentrada em rir tanto quanto eu da terrível performance de Lilian. — Esse clube da Winx^[19] é péssimo! — acusou e me encarou fatalmente. — Marta, eu escolho você!

— Eu sou algum tipo de Pokémon^[20] agora? — indaguei, fazendo-me de ofendida e fui até ela.

Caleb deu um leve aceno para nós, enquanto escoltava a filha e Laura para dentro da casa. As duas eram apaixonadas por sorvete, e ele as comprou facilmente com potes enormes de sabores variados. Por um

milésimo vi-me indagando como Gustavo lidava com crianças. Lembrava-me vagamente da forma como sempre foi atencioso e amoroso com as filhas dos seus amigos.

Foco, Marta!

— Eu escolho então. — falei, pegando um dos microfones em mãos, e ela assentiu de imediato, bebericando um pouco mais da caipirinha.

A minha sorte era que precisava dormir bem para estar minimamente decente no dia seguinte na faculdade. A mudança de uma aula para o período da manhã, apenas naquela semana devido ao feriado, quebrou minha agenda toda. Se não fosse por aquilo, com certeza, encheria a cara junto a Lilian.

Assim que cliquei na música e a batida começou, Lili deu um grito animado, e ouvi Victória bater palmas. Era claro que todas nós gostávamos da banda, e ainda mais, que a música era decorada. Soltei a voz, nem um pouco afinada, enquanto Lili fazia o mesmo, se perdendo por completo no ritmo, mas no segundo que o refrão chegou, o grito se tornou geral.

“E eu dizia ainda é cedo

Cedo, cedo, cedo, cedo

E eu dizia ainda é cedo

Cedo, cedo, cedo, cedo

Ah, eu dizia ainda é cedo

Cedo, cedo, cedo, cedo

Ah, eu dizia ainda é cedo”^[21]



— Você vai fechar os olhos e dormir. — praticamente ordenei a Lili, que ria alto e se revirava na cama. — Boa noite, e me chama caso precise.

— Eu tenho uma cópia da sua chave. — Sua voz saiu um pouco atrapalhada e eu ri. — Te amo, amiga!

— Eu também. — falei, dando um leve beijo em sua testa, e ela destinou os olhos bêbados para mim, logo os fechando. Era claro que ela apagaria a qualquer momento e agradeci aos céus que deu tempo de trazê-la até sua cama.

Usei a cópia que eu tinha da chave do seu apartamento, para trancá-la lá dentro, o que Lilian raramente fazia, e fui em direção ao meu. Cantava baixinho, enquanto fechava a minha porta, e sentia-me mais leve do que pensei que estaria após ter o coração perdido. *Seria fácil assim dali em diante?*

Vi-me então, cantando a música do karaokê, que foi o ponto alto daquele dia.

“Sei que ela terminou

O que eu não comecei

E o que ela descobriu

Eu aprendi também, eu sei

Ela falou: Você tem medo

Aí eu disse: Quem tem medo é você

*Falamos o que não devia
Nunca ser dito por ninguém*

*Ela me disse: Eu não sei
Mais o que eu sinto por você
Vamos dar um tempo
Um dia a gente se vê*

E eu dizia ainda é cedo... ”[\[22\]](#).

Parei de cantar e vi-me pensando nos olhos dele. O dia todo tentando fugir, e tentando esquecer, para quando chegasse ali, ter a certeza de que seu cheiro ainda estava preso a minha casa, assim como, ao meu corpo.

— Queria que ainda fosse cedo. — falei, ao me jogar contra o colchão e sentir uma lágrima descer. Mesmo que parecesse fácil, não o era. Nunca procurei o amor, e quanto o encontrei, vira-o se tornar *nada* após quase ser meu tudo.

Vi-me abrindo a nossa conversa no celular e as fotos trocadas, em momentos aleatórios do dia a dia, preencheram meu visor. Sorri em meio a uma lágrima que descia, diante de cada parte dele exposta para mim, em momentos comuns e simples, mas que por serem dele, se tornaram únicos.

Ele à frente do espelho. Os papéis por toda sua mesa de trabalho. A foto do jantar que ele comprara para nós. Fotos de ele com meu vinho branco favorito em mãos. E por fim, a nossa primeira e única foto. Eu sobre seu corpo, com apenas parte do meu rosto exposto, e ele, me encarando como se fosse seu mundo.

Seu olhar me entregava uma pura ilusão, a qual apenas me agarrei, e não sabia mais como simplesmente soltar. Contudo, eu precisava.



CAPÍTULO 17

“Estou sentada, com os olhos bem abertos
E eu estou com essa coisa na minha cabeça
Me perguntando se eu desviei de uma bala
Ou se acabei de perder o amor da minha vida, ooh”^[23]

Gustavo

Olhava para os papéis sobre minha mesa como se eles pudessem me tirar da própria miséria. Levei as mãos à cabeça, esforçando-me para não quebrar e para não discar o número dela novamente, mesmo sabendo

que me bloqueara. Dizia a mim mesmo que ia parar de tentar e esperá-la querer me ver por si. *Querer a verdade e estar nos meus braços.*

Um dia e nada.

Dois dias, e a mesma resposta.

Três dias, ecos de nós pelo meu apartamento.

Quatro dias, e eu sabia que deixara uma parte minha com ela, que talvez jamais recuperasse.

Cinco dias, encarando os papéis do trabalho como possível solução para a mente que só se prendia aos olhos negros que não queriam mais me ver.

Batidas na porta, me fizeram encostar na cadeira e melhorar minha expressão. No segundo em que ela se abriu e Victória Soares adentrou-a, fiquei sem entender sua visita. *Tínhamos alguma reunião ou algo parecido?*

— Não precisa me olhar completamente confuso. — Anunciou, vindo até mim, que me levantei, e lhe dei dois beijos no rosto. — Vim porque Marta está igual ou pior do que você.

— Vic...

— Só quero entender. — Anunciou, levantando as mãos em sinal de rendição, como se fosse um assunto de paz. Não o era. Porque a

minha paz já não era mais minha. — Você é louco por ela há anos, como simplesmente sumiu e a deixou acreditando que vai se casar?

— Acha mesmo que eu não queria simplesmente acampar na porta da casa dela e lhe dizer que foi um mal-entendido? — rebati, e Victória me encarou atenta, enquanto se sentava na cadeira à frente da mesa, e eu, engoli em seco. — No momento que ela não me deu sequer o benefício da dúvida, eu soube que tudo o que fiz foi forçá-la a me querer... Não posso continuar fazendo isso. O primeiro problema que tivemos, que seria resolvido em uma conversa, ela se agarrou por completo e escolheu me deixar. Talvez porque já estivesse procurando uma desculpa para o fazer.

— Nem você acredita nisso. — Victória falou alarmada, e a encarei, com toda sinceridade que tinha, e sabia que entendeu – eu acreditava. O silêncio e o nada do outro lado da linha eram parte da prova. — As coisas não são tão simples como pensa, Guto. — Soltou e a encarei sem entender. — Entendo agora e respeito o que faz, mas, já parou para pensar que ela não quer ouvir porque doeu demais saber que o homem que ela ama a enganou?

Sua pergunta me acertou em cheio e respirei fundo algumas vezes, como se tentando me apegar aquela esperança, que na realidade, não existia. Se Marta me amasse, ela me daria uma chance. Ao menos,

um momento para falar. Olhei para o nada e neguei com a cabeça. Não poderia enganar a mim mesmo.

— Você melhor do que ninguém, sabe que eu sou louco por ela. — falei, e Victória assentiu, pois era a mais pura verdade. Ela foi a primeira pessoa a perceber que existia algo mais entre eu e Marta. Ao menos, da minha parte. — Não posso dizer que vou suportar essa situação para sempre, mas não posso ir até ela e obrigá-la a me ouvir.

— Eu sei. — falou e suspirou profundamente. — Eu sabia que tinha algo nessa história muito mal contada e que na verdade, arranquei dela apenas um pouco. Quer falar sobre? — indagou, e neguei de imediato com a cabeça.

— Quem eu quero falar não quer ouvir. Não tenho por que te envolver nisso, Vic.

— Eu me envolvi porque quis, aliás, sabe que tem uma amiga aqui, não é? — perguntou e eu sorri para ela, um dos meus primeiros sorrisos verdadeiros em dias. — Não vou mais tomar seu tempo, mas... Ela vai vir, eu tenho certeza.

— Como tem tanta certeza assim? — perguntei, sem conseguir me conter e ela deu de ombros.

— Existem coisas maiores do que nós, às vezes, Guto. — Sorriu, e caminhou até mim, dando-me um leve abraço. — Apenas peço para que não a enxergue dessa forma, como se ela não se importasse. Vai por mim, ela se importa.

— Seria bom ouvir isso dela.

— Algo me diz que vai. — Piscou um olho e se afastou, andando até a porta.

Segui-a e meu coração estava disparado no peito, apenas pela possibilidade de que Marta pudesse realmente sentir o mesmo. Ela sentia? Ela estava com tanta dor que não conseguia me ouvir? De repente, os olhos negros magoados e com dor brilharam em minha mente, e eu passei a pensar por um lado daquela história que até então não o fiz.

Eu tinha orgulho suficiente para esperar?

Sabia que não e muito menos, o usaria. Eu tinha amor, e mesmo que ela não soubesse, era dela. Antes de qualquer coisa, talvez, ela precisasse saber. O meu maior medo diante de tudo aquilo era que meus sentimentos a pressionassem. Ou que a forma como eu a queria e desejava, fizesse-a então me querer.

Marta

Fechei o notebook, encerrando mais um dia e me alongando ainda sentada na cadeira. Meus pensamentos voaram para a conversa que tive com Victória naquela manhã, e eu não devia estar pensando tanto naquilo. Encostei-me contra a cadeira e sabia que estava sendo uma cadela com minhas amigas, na verdade, não querer falar sobre o assunto, além do que era estritamente necessário, parecia deixá-las ainda pior.

Lili nunca mais tocara no nome de Gustavo e era clara a sua culpa, toda vez que me via. Queria dizer para ela não me encarar de tal maneira, mas seria como admitir que eu ainda estava mal por ele. Eu estava, mas deixava aquela dor escondida no buraco mais fundo do meu coração, sem querer me apegar a ela ou deixar que saísse. Melissa tentara até conversar uma ou duas vezes mais acabava por desistir. Não queria ouvir, e ela pareceu entender depois da terceira vez que disse que Gustavo não existia mais para mim.

Infelizmente, ele existia.

Nos meus sonhos no meio da noite, e até mesmo, enquanto estava completamente consciente. Ele era como um dano colateral e eu não conseguia simplesmente o tirar de meu organismo. Via-me perguntando para tudo e para o nada: Por quê? Por que ele brincaria de tal forma comigo?

Lembrava da última vez que meus olhos encontraram os deles e de como simplesmente foi embora, deixando-me quebrada e sem qualquer explicação. Eu sabia, que na realidade, eu não a quis. Ele estava respeitando meu espaço e indo se casar com outra. Bastava eu, e meu coração imbecil, entendermos que não existia espaço para mim e ele em um final bonito de romance.

Nunca tinha amado, e quando o fiz, vi-me dias depois sem conseguir me reencontrar. De fato, nunca pensei que Broken Hearted-Girl faria sentido em minha vida, ou que entenderia a dor que Beyonce maravilhosamente cantara. Suspirei profundamente, levantando-me e aceitando por um momento, que podia apenas cantar a música, e depois, buscar algum sertanejo para completar a noite.

Selecionei a música no celular e soltei a voz, agradecendo aos céus por ainda não ser o horário de silêncio. Eu precisava de um vinho, música de *sofrência* no último volume e a voz rouca no fim. Nada melhor para curar amor, certo?

*“Você é tudo o que eu achava que nunca seria
E nada como eu pensei que você poderia ter sido
Mesmo assim, você vive dentro de mim
Então me diga como é isso?*

*Você é o único que eu desejo que pudesse esquecer
O único que eu adoraria não perdoar
E apesar de você partir meu coração, você é o único
E apesar de existirem momentos que eu odeio você
Porque eu não posso apagar
Os momentos que você me machucou
E pôs lágrimas no meu rosto
E mesmo agora, enquanto eu odeio você, me dói dizer
Eu sei que estarei lá no final do dia”^[24]*

Gritei junto com a cantora, enquanto rodava pelo apartamento e encarava a camisa de cor azul dele, perfeitamente dobrada em cima do sofá. Parei, enquanto a música continuava e meu coração se apertou.

Cinco dias depois e era como se aquela faca ainda estivesse no meu peito, assim como, ele continuava preso a mim.

— Por que não me disse nada? — perguntei para a camisa, como se fosse ter alguma resposta, e deixei uma lágrima descer, depois de dias segurando a dor até onde era possível.

Sentia falta dele. Sentia falta de nós dois enrolados em lençóis. Sentia falta de trabalhar e estudar tendo o seu semblante compenetrado e sério preso a um computador também. Tudo nele parecia se encaixar perfeitamente em tudo de mim. O jeito correto e comprometido com o trabalho. O jeito insano e maluco com o desejo que sentia.

Por que ele não podia me amar também?

— Estou tão na merda. — Admiti alto, e trouxe a camiseta para mim, levando-a até meu nariz, e sentindo o perfume do homem que ainda parecia preso em cada detalhe da minha casa, corpo e vida. Tudo nele ainda se repetindo em minha mente.

— *Eu vou passar a acordar feliz as cinco, por poder te ver assim, tão concentrada e sexy. — Sua voz em minha orelha, fazendo-me sorrir, mesmo no meu pior humor matinal possível.*

— *Pode passar um café, isso sim. — falei, e ele mordeu meu ombro, fazendo-me dar um pulo no lugar, e sua gargalhada soar pelo*

ambiente. — Às vezes acho que consigo te odiar o tanto quanto odeio Lili. — comentei, e seu olhar parou no meu, como se não entendesse.

A minha sorte era que ele não sabia o que o meu “te odeio” significava para com ela. Entretanto, não poderia estar realmente considerando o fato de que sentia algo daquele tanto por ele. Eu poderia?

— Não pode esquecer isso! — falei, mostrando a pasta preta que me mostrara na noite anterior, que era de suma importância em sua primeira reunião do dia.

Ele assentiu, e sorriu, tomando minha cozinha como sua, enquanto eu me concentrava em trabalhar. De repente, era simples e fácil. Abrir minha porta e deixar entrar.

— Tão fácil que agora to aqui, cheirando uma camisa e ele a dois dias de casar com outra. — Zombei de mim mesma de dias atrás, e neguei com a cabeça. Soltei a camisa sobre o sofá e fui em direção a cozinha.

A playlist estava no aleatório, e de repente, tudo o que precisava era apenas colocar para fora, de um jeito que não fosse chorando ou querendo a verdade. De um jeito que pudesse apenas esquecer.



CAPÍTULO 18

“A sua mente joga esse jogo também?

Pensa em mim e em você

(...)

Uma mesa para dois

Você me deixou esperando, mas você nem estava vindo”^[25]

Marta

Nem o tempo. Nem o vinho. Nem as músicas.

Encontrei-me afundando no estudo e trabalho, tentando praticamente limpá-lo de mim. O que não parecia possível, mesmo após dias e dias tentando. Sorri para Laura, que cantava alto com a mãe e Sophie, a namorada de Daniel, ou seja, sua mais nova tia, enquanto esperávamos o horário para irmos ao cinema. Queria estar no clima e cantar com elas, mas minha mente se tornava traiçoeira.

Naquela casa foi exatamente aonde eu o conheci. De repente, era como se ele estivesse presente em tudo, e eu, presa a um amor que não era meu. Minha boca ansiava por perguntar se era o dia do seu casamento.

As palavras da mulher, que depois de tanto buscar em minha mente, lembrara que era sua mãe, falando abertamente da semana até o casamento. *Por que ele me mostrara sua família como se fosse meu futuro? Por que ele não foi sincero?*

Perguntas que eu não teria resposta, mesmo que meu interior se contorcesse para que sim. Minha mente viajando para qualquer lugar, menos a realidade. O único momento que não pensava sobre ele ou sobre nós, era quando conseguia me conectar profundamente ao trabalho e estudo. Era aquilo, ele estava lá, como se cutucando a ferida ainda aberta em meu peito.

Olhei para Melissa e me indaguei se Levi estaria no casamento dele naquele momento. Soltei os ombros e sabia que estava a ponto de desabar, e no segundo em que ouvi a voz de Lilian e Victória, que tinham ido à cozinha preparar alguma coisa para bebermos, apenas me levantei. Não conseguia olhar para elas. Olhar para elas me lembrava ele. Tudo me lembrava ele.

Não me recordara de uma vez ter doído tanto querer saber algo e temer ainda mais pela verdade.

— Tá tudo bem, tia? — a pergunta de Laura fez-me pausar o passo, e levantei a mão, como se em busca de equilíbrio.

— Eu só...

Meu corpo todo cedeu, e felizmente, eu ainda estava ao lado do sofá, e em seguida, sobre ele.

— Meu Deus! — a voz de Sophie fez com que eu piscasse os olhos algumas vezes, e tentasse me recompor.

Era a primeira vez que ela sairia com todas nós, e eu ali, quebrando no meio de um momento tão bom, porque me matava por dentro saber que o homem que eu amava, estava se casando.

— Marta...

A voz de Lilian soou como um sopro e eu soltei o ar com força.

— É o casamento dele hoje. — Soltei, deixando uma lágrima descer, sentindo-me patética. — Não consigo parar de pensar nisso e que... E que... — não consegui admitir em voz alta, porque se eu fosse dizer que o amava, seria para ele.

— Não nos deixou falar sobre nada, lembra? — Victória indagou, sentando-se no chão a minha frente, e eu assenti. — Quer mesmo saber disso por nós? Não acha que seria melhor falar com ele ou...

— O que eu vou dizer? — perguntei como se elas pudessem me dar a verdade que sequer existia. Ele era de outra. — Dizer para Gustavo não se casar, sendo que ele me deixou e...

— Di Lucca? — Sophie se pronunciou e a encarei. — Ele e Daniel saíram para a praia hoje.

Os três pares de olhos a minha frente se viraram para ela, e eu fiz o mesmo.

Como ele poderia estar na praia se era para estar casando? Ele... Ele tinha... Minha mente se embaralhou e senti que ia apagar.

— Não to conseguindo respirar. — falei por fim, e segurei com força o estofado, e as vozes ao meu redor pareceram sumir. Tentei pedir por algo que não sabia o que era, e de repente, meu corpo cedeu.

Minha última lembrança eram os olhos azul gelo, e de repente, a escuridão.

Gustavo

— Por que não ir até ela e contar? — Daniel perguntou e eu dei de ombros.

— É tudo o que mais quero, mas... Todo dia, o medo de que eu esteja a obrigando a estar comigo, explicando isso ou... Me assusta tamanho o sentimento que tenho por ela. — admiti e ele me encarou com pesar, ao mesmo tempo que parecia entender por completo.

— Te assusta que ela possa só bater à porta na sua cara e nunca mais abrir, né? — indagou, dando um leve sorriso, e eu assenti. — De pensar que meses atrás estava arrancando os cabelos por ela, e agora...

— Entendemos Caleb, e isso, meu amigo... Nunca pensei que faria. — Ele gargalhou e assentiu, bebendo mais um pouco da cerveja. —

Eu sei que vou voltar para ela, se ela quiser me ouvir. Mas é como pisar em ovos, sabe?

— Talvez só precise ser sincero. — comentou e o encarei com atenção. — Diz o que sente, para que ela fique consciente de onde de fato tá pisando. Já parou para pensar que ela pode estar se perguntando as mesmas coisas? Que ela sente o mesmo?

— Se ela sentisse, ela me ouviria, não? — indaguei, já sem qualquer certeza sobre aquilo, e Daniel negou e assentiu em seguida com a cabeça.

— O amor não é complicado, Guto. A gente que complica, sempre.

Suas palavras me acertaram em cheio e eu soube, que assim que saísse dali, iria até ela. Tentar por ela, nunca foi de fato um sacrifício, estava mais, para uma necessidade. Meu único medo era que meus sentimentos a mandassem para metros de distância, e que nunca mais, pudesse encontrá-la.

Entretanto, como viveria fingindo que não me importava? Ou esperaria que ela me quisesse a ponto de querer me ouvir?

Daniel olhou algo no celular e vi sua expressão se modificar por completo.

— O que foi? — indaguei, no segundo em que me encarou, claramente assustado.

— Sophie está com minha irmã, Lili, Victória e...

— E? — perguntei, sem entender por que ele se levantou e me parecia pensar no que dizer. — O que houve, Daniel?

— Marta desmaiou e a levaram para o hospital.

Meu mundo todo parou e senti o ar faltar. Tive ali, a certeza, de que não poderia fingir ou fugir de absolutamente nada. Levantei-me e rumei diretamente para onde o carro estava estacionado. Daniel falava algo ao meu lado, como se tentando me acalmar, mas não conseguia ouvir. Eu só precisava vê-la. *Ela tinha que estar bem*. Soltei o ar com força, assim que me coloquei no banco do carona e Daniel deu partida.

Meu coração e alma esmagados pela possibilidade de perdê-la para sempre. A sensação esmagadora de que se eu tivesse insistido mais, se eu... Sequer conseguia pensar de fato. Os olhos negros das minhas melhores lembranças me invadindo, e eu só queria poder tê-los, mais uma vez, brilhando nos meus.



CAPÍTULO 19

“Quanto tempo até
Eu poder te abraçar forte?
Eu não estou chateado
Eu só quero tocar em você
Sem pressa, sem pressa, sem pressa
Eu apenas estou apaixonado”^[26]

Marta

— Grávida? — a pergunta saiu livremente, e a médica a minha frente assentiu. Minha cabeça girou e pensei que iria desmaiar novamente. Forcei minha mente a lembrar se não usamos camisinha em algum momento, e me vi relembrando mais do que uma vez. — Caralho! — soltei, e a médica sorriu, dando-me um leve apertar nos ombros.

— Posso chamar uma de suas amigas se quiser. — falou e eu assenti, mesmo que ainda estivesse processando a informação. A médica saiu no segundo seguinte, e eu fiquei ali, pensando em como um dos meus maiores sonhos da vida, simplesmente, caíra no meu colo.

Sequer tinha parado para pensar na possibilidade de estar grávida. Eu tomava pílula, talvez não da maneira mais correta, mas ainda assim... Levei as mãos ao rosto, pensando e repensando como seria aquilo. Uma de minhas mãos foram instintivamente para a barriga, e só consegui pensar que um pedaço meu e de Gustavo estava ali.

Tínhamos feito uma pessoa. Soltei o ar com força, no segundo em que a porta do quarto se abriu novamente e quando busquei alguma de minhas amigas, dei de cara com os olhos azul gelo, e me vi perguntando se o nosso filho teria os olhos dele.

— Gustavo...

— Sophie avisou Daniel e ele... Como você está? — perguntou, parado a alguns passos de mim, com as mãos inquietas, como se estivesse se segurando para me tocar e ver se eu estava realmente bem. — Está tudo bem ou...

— Estou bem. — Respondi, e o vi respirar fundo várias vezes, enquanto andava de um lado para o outro a minha frente. O quarto de repente, tornou-se pequeno e eu só queria as respostas que eu ainda não tinha. — Não se casou? — a pergunta saiu livremente, depois de dias e dias presa em minha garganta, mente e coração. Seu olhar parou no meu, como se finalmente me encarando.

— Não. — respondeu simplesmente, e desviou o olhar no segundo seguinte. Quando voltou a me encarar, era como encontrar meu reflexo. A dor e a saudade, por imaginar que era o fim. O nosso fim.

— Por quê?

Nunca temi e esperei tanto por uma resposta. Meu coração acelerou e soube que superá-lo era praticamente impossível. Eu o amava, e olhá-lo ali, depois de dias, fazia-me ter novamente a dimensão daquele sentimento. Amava-o como nunca imaginei ser possível amar alguém.

— Porque não tem casamento. — respondeu e passou as mãos pelos cabelos ruivos, deixando-os mais bagunçados. — Eu sei que te dei

o tempo para pensar e pode ter parecido que desisti do que a gente tem... Mas a verdade é que orgulho nenhum no mundo vale mais do que o que sinto por você. — Aproximou-se com cuidado e parou a um passo de mim. — Só peço uma chance para me ouvir até o fim, e depois, se quiser me mandar para o inferno, tudo bem. Mas...

— Sim. — Soltei, e meu corpo todo implorou pelo dele, como se precisasse daquele toque para sobreviver. Ele então fez menção de tocar meu rosto e parou no meio do caminho, como se me respeitando. Aquilo me matava por dentro – a distância.

— Está mesmo bem? — perguntou e sua mão tocou timidamente a minha, como se não conseguisse suportar o fato de não me tocar. Aquele simples gesto fez meu corpo querer seu abraço ao meu redor.

— Estou. — Respondi, não sabendo ainda como processar tudo aquilo.

— Posso te levar para casa assim que tiver alta e conversamos, se quiser. — Ofereceu e eu assenti de imediato, sem querer mais fugir.

Fugir me trouxe diretamente para uma cama de hospital. Ficar era a única opção plausível. Porque no fundo, meu coração implorava para que a verdade não fosse nem um pouco parecida com a qual acreditei ser.

— Eu só... — passou os dedos sobre os meus e notei os olhos marejados.

— Gustavo...

— Me deixa cuidar de você. Me deixa... Me dá essa chance de ver que não sou o cara que acha que eu sou. — Suas palavras me jogaram na lona, e entrelacei nossos dedos, sabendo que colocava tudo de mim, e ainda mais, em risco bem ali. Assim como, ele colocava tudo de si.

Sem saber o que dizer ou como simplesmente responder que ia, o puxei levemente para mim, e naquele abraço, eu soube, que jamais poderia sentir algo tão forte por alguém. Não poderia. Nem queria. Quando nos afastamos, e pude olhá-lo mais perto, implorei internamente para que ele fosse meu. Que ele fosse de verdade.



— Como conseguiu fazer com que Lili não entrasse primeiro no quarto? — perguntei, no segundo em que abri a porta do meu

apartamento, e ele adentrou o lugar que jurei que nunca mais o deixaria estar. Ledo engano.

Eu precisava estar em um lugar que me sentisse tão bem comigo mesma, a ponto de poder processar qualquer explicação.

— Ela sabe que eu não te enganei. — falou, e assim que fechei a porta e virei para seu olhar, vi-o parado a poucos passos, claramente, não se sentindo à vontade. Depois de tudo, era estranho não o ver apenas sendo ele, como tempos atrás, naquele mesmo lugar.

Tudo parecia ter sido em outra vida.

— Parece que todo mundo sabe de tudo, menos eu. — falei, e fui em direção ao sofá, me sentando ali. — Por favor, se sinta. — Pedi, e ele assentiu, sentando no outro sofá, que ficava a frente daquele. Notei então, que até aquela mínima distância doía.

Ele no carona do passageiro, eu no banco de trás. Ele de um lado do elevador, eu do outro. Tudo que me deixasse assim dele, sabendo que não podia apenas dar um passo e tocá-lo como queria, me deixava fraca. Encarei-o profundamente, e vi-me indagando se ele tinha noção do poder que exercia sobre mim? Já que até mesmo eu, não tinha.

— Não quis me ouvir, então... Pedi a elas para que não insistissem também. Não ia fazer com que suas amigas, te pressionassem

ou qualquer outra coisa. Elas só sabem por que Victória falou comigo.

— Faz sentido. — falei, e pensei no fato de que ela era próxima dele, ao menos, o pouco possível. — Eu não sei o que perguntar. — Admiti, e ele assentiu, enquanto ainda me encarava.

— Eu te falei brevemente sobre os meus pais, mas acho que ficou claro que sou criado e tenho como família a minha avó. Ela está nas fotos do meu apartamento e bom, é sempre sobre ela que falo quando o assunto é família. — Assenti, sabendo que aquilo era verdade. — Meus pais têm por eles que o status e dinheiro é o importante para uma linhagem de sucesso... — fez aspas com as mãos, como se achasse aquilo um absurdo, tal como, eu também achara naquele instante. — Eles têm tentado me casar com Tamara há anos. Minha prima, que você conheceu na empresa, naquele dia.

Não queria pensar naquele dia, mas era impossível. Ele nos trouxe até ali. Naquele exato ponto.

— O fato é que os pais dela e os meus tem ações na empresa, e, portanto, direito a voto em várias pautas. Levantaram essa, sobre uma empresa da família, tendo que permanecer na família, nem que isso custasse um casamento entre primos. — Olhei-o sem conseguir crer que aquilo ainda existia e ele riu sem vontade. — Tem sido anos de

discussões, e o que viu minha mãe falando aquele dia, foi apenas ela sendo ela. Vivian sempre acha que pode controlar tudo e a todos.

— Então... Nunca estive de casamento marcado ou com outra pessoa nesse tempo? — perguntei, com minha cabeça dando um nó, e sentindo-me péssima diante de cada palavra. No segundo em que ele assentiu, levei as mãos ao rosto, e me levantei, dando passos para perto da mesa. — Mas...

— Nunca te falei sobre porque é apenas uma briga familiar perdida para eles, já até tentaram convencer o próprio conselho da empresa por alguns anos, mas minha avó que mantém as ações majoritárias deu um basta nisso há algum tempo, e acabará fazendo o mesmo, se eles tentarem novamente.

Sequer consegui olhá-lo naquele instante.

— Quando disse que era o nosso momento certo, na verdade foi porque sua família não estaria mais... — olhei-o e como se entendesse exatamente o que eu queria dizer, Gustavo assentiu.

— Não era nem para eles estarem no país. — Soltou o ar com força. — Eu sinto muito pela cena que presenciou e a forma como meus pais são. Eu só... Só queria que tivesse me escutado.

Olhei-o e a mágoa clara em seus olhos, deixou-me pior do que já me encontrava.

— Não insisti porque não queria te pressionar. Você parecia tão certa em não querer ouvir, que eu... Eu pensei que usou isso como desculpa para terminar o que tínhamos. Talvez por termos pessoas próximas, temia terminar com tudo ou... Não sei nem mais o que pensei. — falou por fim, e cada palavra me acertava por inteiro. — Olhando para você agora, eu só consigo pensar que não quero te perder. O medo que senti imaginando que ia te perder de vez hoje, me fez ver que não posso mais guardar isso. Sou apaixonado por você desde quando te vi pela primeira vez. Os dias juntos só me deram a certeza que eu sempre tive — sou maluco por você, Marta. Não quero te pressionar. Não quero que fique comigo por isso, mas eu... Não posso mais agir como se não fosse vir até você. Porque eu vou.

Não sei como, mas em um segundo eu estava perto da mesa, e no outro, eu estava sobre seu colo, tocando seu rosto e com meu coração todo na boca. Eu queria gritar que eu também era apaixonada por ele, e mais, que eu o amava perdidamente. Ainda, precisava contar que estava grávida. Contudo, notando a fragilidade em seu olhar e como se entregava por inteiro, soube que não podia lhe dar tudo. Ao menos, não agora.

Ele sabia que eu era de fugir e não ficar. Ele, com toda certeza, acreditaria que eu estava ali, sobre ele, pelo nosso filho. E na realidade, só queria que ele pudesse acreditar, antes de tudo, que eu o amava.

Sua testa na minha, nossos corpos tão próximos, e o respirar profundo.

— Sinto tanto por ser assim. — admiti, deixando as lágrimas descerem. — Sinto tanto por ter te deixado pensar que eu não sinto o mesmo. — Abriu os olhos e buscou a verdade em mim, e dei-lhe tudo o que poderia naquele instante. — Sou completamente apaixonada por você.

Suas mãos em meu rosto, como se para memorizar cada pequeno detalhe meu, e eu sorri, depois de tanto tempo sem saber o que de fato era fazer aquilo verdadeiramente.

— Pode dar uma chance a essa mulher tola que nunca soube apenas ouvir e ficar? — perguntei, e uma risada reverberou do fundo da sua garganta, fazendo-me ter a mesma reação. O brilho nos olhos que eu adorava, e o coração batendo freneticamente porque estava nas mãos de alguém que cuidava. Alguém que não mentiu para mim.

— Vem cá. — pediu, fazendo-me levantar e puxou-me levemente para si, colocando minhas mãos em torno do seu pescoço. — Sempre

quis fazer isso com você.

— O que? — perguntei, enquanto ele dava um passo para o lado e para o outro, embalando-nos em um ritmo de dança que eu sequer esperava. — Dançar?

— Não esconder o que sinto. — Olhou-me profundamente, e suas mãos estavam na minha cintura, trazendo-me a um momento que nunca esperei – ao romance. Ali percebi que nós o éramos desde o começo, apenas, não tinha o reconhecido de fato.

Girou-me e puxou-me contra suas costas, fazendo-me sorrir, e sentir-me ainda mais envolvida e presa a ele. A sensação era boa. A sensação era extraordinária.

— Eu ainda estou esperando a minha resposta... — falei, então ele me girou novamente, e seus olhos me abraçaram de forma que já sabia o que faria. — Gustavo...

— Deusa. — Tocou meu rosto, e trouxe-me para perto de si, parando de dançar aos poucos. — Sabe que é só estalar os dedos que eu vou estar aqui, não é?

Olhei-o e soube que existia ainda mais naquele mar profundo do seu ser. Soube que ele não estava exagerando ou se escondendo. Soube

que ele realmente sempre esteve ali quando pedi. Sempre atendendo ao meu chamado.

— Eu sei. — Toquei seu rosto, e ele se curvou, quase encostando nossos lábios. — Eu vou cuidar do seu coração, eu prometo.

— E eu... — Suspirou, como se estivesse olhando para a coisa mais linda que já colocara os olhos, no caso, eu me sentia assim. — Eu vou cuidar de você toda.

Seus lábios finalmente encostaram nos meus e me agarrei aquele beijo como se precisasse dele para sobreviver. Talvez, eu precisasse. Talvez, faltasse em mim a entrega que ele exacerbava. Talvez, faltasse nele a minha cautela excessiva. Talvez, a gente se completasse. No desejo. No sexo. No amor.



CAPÍTULO 20

“Então eu te dou tudo e você continua provocando

Com aquele olhar nos seus olhos, porque você sabe que eu acredito nele”^[27]

Marta

Pensei que nunca passaria por aquele momento ou que ele sequer fosse real, mas ali estava eu, tendo o beijo do homem que eu tanto desejei, e que agora, também amava. De repente, não era apenas pelo

toque. Talvez, nunca tenha apenas sido por aquilo. Era seu cheiro me inebriando. Era sua pele me acolhendo. Eram seus olhos me cortando.

Uma de minhas mãos sobre o lado esquerdo do seu peito, sentindo seu coração disparado debaixo de minha palma. Sabendo que o meu, estava tão frenético quanto o dele. Se alguma vez foi *apenas uma noite e nada mais*, eu já não conseguia me lembrar. Nem mesmo, reconheceria a mim mesma naquele telefonema. A realidade era que dizia aquilo porque precisava acreditar que após uma noite de sexo, tudo do nada que existia entre nós, acabaria.

Na realidade, explodiu.

Agora, suas mãos estavam espalhadas por todo meu corpo, fazendo-me arder a cada toque e implorar para que ele me tomasse para si. Eu precisava estar com ele. Eu necessitava daquela conexão. Como se aqueles dias longe tivessem se tornado meu purgatório. Eu poderia ir ao inferno e paraíso com ele em segundos, talvez, até equilibrar ambos, mas não poderia, de forma alguma, não o tocar.

— Sabe o que pensei no segundo em que seus olhos negros pararam nos meus? — indagou em minha orelha, puxando-a com os dentes em seguida. Cravei minhas unhas em seu peito e costas, enquanto ele me tentava de todas as formas, como se querendo me matar de antecipação.

Quase o fizemos por cinco anos. Contudo, após apenas um gosto do que éramos juntos e poderíamos ser, estava arruinada. Quando seu olhar parou no meu, eu tive certeza, de que ele também.

— O que? — minha pergunta soou baixa e entrecortada, enquanto puxava sua boca para a minha, e me perdia em cada toque dos nossos corpos. Eu queimava pela sensação que ele me negava.

— Que eu nunca ia te desvendar. — admitiu, e pairou sobre mim, puxando minhas mãos para suas e entrelaçando-as. — Mas entendi, nesses dias juntos e até mesmo, separados... que nunca quis saber o que há por trás desse olhar.

— O que quer então? — perguntei, sentindo seu corpo todo se alinhar ao meu, e minha respiração falhar.

— Você toda. — Mordi a boca para segurar o grito e ele apenas parou, deixando-me a sua mercê por alguns segundos. Notei que ele tremia naquele momento, e a sensação de estarmos conectados era tão arrebatadora, que após aqueles dias, eu já estava à beira do precipício. — Cada mistério. — Veio para mim, fazendo-me arfar e segurar outro grito. — Cada palavra. — Abaixou-se mais, e minha boca buscou a dele, fazendo-me mordê-la com força. — Cada gemido. — Sua boca devorou a minha, junto ao gemido alto perdido por cada movimento. — Cada grito.

Sua voz foi como um sussurro, no segundo em que não me contive mais, e meus gritos saíram. Depois disso, não existiam mais palavras, nem nada que pudesse ser conexo. Apenas nós, banhados de suor, marcas, pensamentos entrecortados e gemidos.



— Ei, deusa.

Sua voz ao fundo, como se me chamando para si, fez-me piscar algumas vezes, e finalmente abrir os olhos. *Eu tinha apagado?* Sequer sabia que horas eram. Acostumei-me com a pequena fresta de luz que vinha do corredor para meu quarto e tive apenas a visão de seus olhos azul gelo sobre mim.

— Oi. — falei, respirando fundo e sorrindo para ele. Era tão bom poder sorrir para ele. *Por que eu fui tão tola antes?*

Senti uma de suas mãos sobre minha barriga e meu coração disparou, porque ainda precisava lhe falar sobre. Mas como eu contaria? Como eu o faria entender que não era pelo bebê que eu estava ali? Tudo

que aconteceu parecia que o levaria até aquela conclusão, assim como, o fez comigo para que o deixasse. O destino, depois de muito tempo, parecia estar imparcial a nosso respeito.

Parecia não nos colocar um à frente do outro, como sempre. Mas sim, fazer-nos lutar nossas próprias batalhas. Lutar para que aquele amor desse certo.

— Tenho que ir. — Sua frase me pegou desprevenida, e fiz uma careta no mesmo instante. Ele sorriu, tirando a mão de minha barriga e pegando a minha, dando um leve beijo. — Minha avó está para chegar. Preciso estar em casa para ela.

— Ela estava uma época na Itália, não é? — perguntei, e ele assentiu, massageando levemente meus dedos. Lembrava-me do carinho com o qual falou dela e de como, descrevia que ela era seu mundo. Ele sabia, que eu também, tinha meu próprio mundo com tata. Que aliás, surtaria no segundo em que contasse da gravidez. — Que horas são? — perguntei, completamente perdida, e me sentei na cama, espreguiçando-me levemente.

— Ainda não passou das dez da noite. — Fiquei grata ao ouvir aquilo, ao mesmo tempo que triste por saber que ele tinha que ir. — Eu quero te apresentar a ela, mas sei que talvez não seja o momento. —

falou cautelosamente e franzi o cenho. — A gente acabou de voltar ao que tínhamos.

— Não somos amigos deixando acontecer. — Esclareci, a clara pergunta em seu olhar e ele pareceu completamente aliviado no segundo seguinte. — Ei! — toquei seu rosto e me aproximei dele. — Sou uma covarde, muitas vezes. Mas quando eu decido algo, nada muda isso. Nem mesmo, a minha covardia. Não precisa medir palavras ou atitudes comigo. Eu gosto de você assim, do jeito que é. — falei, e encostei levemente nossos narizes, e aquela proximidade e intimidade me embebedava por completo.

Eu me sentia bêbada por ele.

Quando me afastei e o encarei profundamente, quis gritar que o amava. Mas ali estava eu, pedindo para ele dar tudo de si, enquanto eu temia contar-lhe que esperava um filho, e mais, falar abertamente que o amava. O quão maluca era?

Apenas humana? Talvez.

Pulei da cama, e caminhei até a sala de estar, com ele me seguindo. A cada passo que dava, apenas me imaginava pulando sobre ele e derramando tudo. Contudo, não conseguia. Não por ter medo de o amar ou pelo nosso filho. Mas sim, que a armadura que ele ainda tinha

sobre mim, pelo medo de que eu saísse correndo a qualquer momento, o cegasse.

— Te vejo assim que der? — perguntei, quando chegamos perto da porta, e meu coração diminuiu um pouco pelo fato de não poder estar a noite toda na cama com ele.

— Sim, deusa. — Tocou levemente meu rosto e eu sorri, sentindo seus lábios no segundo seguinte, em um beijo tão doce e delicado, que eu quase o puxei para mais perto e lhe beijei da forma que realmente queria. — Aliás, lembra de me desbloquear, ok? — perguntou e fiz uma careta, sabendo que errara feio em toda as atitudes que tomei, apenas por estar tão desestabilizada a ponto de não conseguir acreditar que ele também me amava.

Se eu tivesse o olhado de fato, veria, que ele sempre estava ali. Sempre.

— Manda um beijo para sua vó, por mim. — Pedi, e ele me encarou surpreso, como se não acreditasse que aquela era mesmo eu. *Ai ai*, Gustavo não tinha ideia de como eu era quando me decidia sobre algo. Ainda mais, quando amava. Era por inteiro. Era com defeito e tudo o que viesse. Era com verdade. Minha família era assim. Minhas amizades eram assim. E com ele, descobria que não seria diferente no

amor. — Para de me julgar com esse olhar de surpresa! — bati levemente em seu braço e ele sorriu.

— Fica bem, e se passar mal ou precisar de mim...

— Sei onde te encontrar. — Pisquei um olho e ele sorriu. Parecíamos apenas nós de novo. — Sei que vai vir por mim.

— Finalmente! — provocou, apertando meu nariz, e fugiu antes que eu pudesse lhe dar outro tapa no braço. Fiquei ali, encostada no batente da porta, vendo-o caminhar altivamente até o elevador.

Tudo nele era para não dar certo com tudo de mim. No fim, dava. Mais do que certo. Mais do que a perfeição traria. Assim que as portas dos elevadores se fecharam, soltei o ar com força e vi-me atravessando para o outro lado do corredor. Apenas abri a porta de Lili, que como sempre, não trancava o apartamento.

Ela estava jogada no sofá da sala e concentrada em algo na televisão, comendo seus salgadinhos favoritos.

— Lili...

Finalmente me notou e arregalou os olhos, virando-se no sofá e parecendo em alerta.

— *Ai cacete!* Não vai me dizer que Gustavo realmente é um merda e tudo o que Victória nos falou é mentira? Não aguento mais essa

vida de fanfiqueira sonhadora! — argumentou, fazendo-me rir, antes que eu pudesse raciocinar de fato.

Porém, quando me lembrei porque estava ali, a risada morreu tão rápido que ela me encarou ainda mais assustada.

— Tá me assustando...

— Tô grávida! — anunciei de uma vez, e ela soltou um “O que?” ao mesmo tempo que se virou com tudo no sofá, e caiu de cara com o chão. Não tive tempo para rir, nem para ter qualquer reação, apenas encarei a cena toda, imaginando que gargalharíamos daquilo no futuro. — E não sei como contar *pro* Gustavo, porque ele vai achar que eu resolvi ouvir ele pelo bebê e não porque eu o amo.

— E você ama? — indagou, se sentando toda atrapalhada e eu quis esganá-la.

— Não é você que deveria dizer que sabia disso antes de mim? — rebati e ela riu, dando de ombros.

— Quis inovar no script. — Piscou um olho e se levantou, vindo até mim. — Precisa me contar cada lacuna nessa história aí, mas... Você sempre disse que seu maior sonho após se formar era...

— Ser mãe. — Complementei e ela pulou no lugar, tocando meu ombro, e soltando um grito no segundo seguinte.

— Isso tá melhor que qualquer fanfic da minha cabeça! — gritou, abraçando-me com força e fazendo-me pular junto a ela.

Era aquilo. Eu tinha me tornado a fanfic que até a maior romântica que conhecia não conseguiu desvendar por si só.



CAPÍTULO 21

“Estou mantendo a calma enquanto você continua sorrindo

Dizendo tudo o que eu estou pensando (oh, querido)

Oh cara, oh cara, eu sou como você

Então vou provar do que você está sentindo”^[28]

Gustavo

— *Cazzo!* — minha avó quase gritou, fazendo-me gargalhar, enquanto a observava andar de um lado para o outro no meio da sala. — Se eu soubesse que seus pais ainda continuam nessa... Sempre me

pergunto onde errei com eles, mas no fim, não teria nem o que fazer. Eles são o que são, e apesar dos pesares, amo minha filha mais do que tudo.

— Eu sei, vovó. — falei, e sorri para ela, que passavas as mãos pelos cabelos grisalhos e logo parou o olhar surpreso em mim. — O que foi?

— Tamara me disse que sua namorada que não é namorada... — negou com a cabeça, como se não entendesse. — Depois me explica o que são. Aposto que é alguma besteira atual ou o tal *crush*... — ri de sua fala e tentei não prosseguir, porque ela me xingaria a qualquer momento. Se tinha algo de diferente de minha avó era a calma. Sempre fui uma pessoa quieta e introspectiva, criada pela mulher mais animada e animosa que poderia conhecer. — Se ela te largou por culpa de alguma merda que sua mãe disse, por que me parece tão bem?

Sabia que Tamara não guardaria segredo, ainda mais, porque ela se culpava pelo que aconteceu. No fim, não existia o culpado de fato naquilo. Talvez eu tenha errado em não ter comentado sobre com Marta. Talvez ela tenha errado por ser covarde e não me ouvir. Talvez fosse para ser exatamente assim.

— Ela voltou para mim. — Sorri abertamente e minha avó mudou por completo a expressão, como se me analisasse. — Sim, vovó. Eu a amo.

— Sabe a quanto tempo eu te cobro que ame alguém, meu querido? — perguntou, olhando-me ameaçadoramente e eu assenti. — Anos! E você não me ligou para contar que ama essa mulher por quê? Gustavo Di Lucca! — não sabia se ria ou me fazia de sério para com ela. Vovó sempre foi um furacão de emoções.

— Eu me apaixonei à primeira vista há cinco anos, mas a vida é complicada. Ela não queria ceder, eu não podia ceder por completo por conta desse casamento arranjado que tentaram me obrigar. — Dei de ombros. — Mas estamos juntos agora e... — Sorri, lembrando-me dos olhos negros. — Ela mandou um olá, aliás.

— Já gostei dessa mulher! — bateu palmas animada, e veio até mim, sentando-se ao meu lado no sofá. Sua mão veio para meu rosto, e beijei a palma levemente. — Sabe que te amo, não é, meu menino? — assenti, sorrindo para ela, e sabendo que nunca duvidara daquilo, nem em um segundo. Eu tinha muita sorte e sabia disso, principalmente, pela mulher que me criara. — E quando os bisnetos vêm? — perguntou, praticamente pulando do sofá e eu gargalhei alto, encostando-me no estofado e encarando o teto.

— A mulher mal me aceitou na vida dela, vovó. — Neguei com a cabeça e voltei meu olhar para ela. — Imagina se ela vai querer ter um filho meu?

— Detalhes, menino. — Fez um gesto de desfeita com a mão. — Aliás, nem toda gravidez é planejada. — Pontuou e eu sabia muito bem daquilo.

Vi-me ali, imaginando como seria dar aquele passo. Sorri sozinho, imaginando um pedaço de nós, com os olhos negros dela.

— Eu não tenho problemas de esperar por ela. — Levantei-me e caminhei até a cozinha, abrindo a geladeira e pegando uma água. — Ainda mais que alguém, muito inteligente, me ensinou que o amor leva seu tempo.

— Pode levar um olhar, Gustavo. — Assenti, enquanto bebia a água, e sabendo que era a prova viva daquilo. — Mas não vou te aborrecer mais hoje pedindo bisnetos, quem sabe, amanhã?

Saiu de minha visão e caminhou até o quarto que era todo dela em meu apartamento. Geralmente, ela ficava na casa que tinha na cidade, contudo, era bom tê-la ali. Fazia cerca de seis meses que ela não me visitava, e com a correria da empresa, e do outro lado do oceano, complicava ir até ela. Tê-la ali, de surpresa, não poderia ser menos feliz.

Sorri, enquanto ouvia seus barulhos no quarto de hóspedes e lembrei-me do porquê nunca duvidara do amor real. Não tive pais apaixonados por nada além do dinheiro e status, mas eu vi de perto, meus

avós se amarem por anos e anos... Até mesmo, depois que ele faleceu, há cerca de oito anos. O amor por ele ainda resplandecia em minha avó. Aquele era o tipo de amor que cresci assistindo, e pelo qual, eu me via caindo, todos os dias.

Por ela. Minha deusa.

Marta

— Então deixa eu ver se eu entendi o sermão todo... — Victória foi a primeira a falar, enquanto Melissa estava com um sorriso de orelha a orelha e parecia que ia explodir de felicidade por mim. — Está com medo de contar da gravidez porque Gustavo vai deduzir que ouviu ele por conta disso? — assenti, quase no automático. — Já parou pra pensar até quando vai esconder isso dele?

— Eu não sei. — Admiti, passando as mãos pelos cabelos. — Eu sei que fodi tudo, mesmo ele não me culpando. Tô com medo de fazer

isso, adiantando as coisas e contando. Seria melhor ele acreditar no meu amor antes, não é?

— Você tá grávida, Marta! — falou e a encarei sem entender o que queria dizer. — É o seu primeiro filho, seu sonho... No meio do seu último ano da faculdade, na qual você se dedica para caramba e mais, você trabalha muito também. Como vai conseguir conciliar tudo e ainda, não contar para o homem que finalmente admitiu amar, que está esperando um filho dele?

Fiquei sem resposta e me senti ainda mais confusa.

— E se ele achar que foi pela gravidez? — perguntei, com todo meu medo exposto na pequena mesa de quatro cadeiras. — E se ele achar que só fiquei por conta do nosso filho?

— “E se” é uma merda, vamos combinar. — Lili falou e eu assenti, vendo-a tão confusa quanto eu.

Ela tinha surtado junto a mim a madrugada toda. Ajudou-me a acalmar, enquanto eu colocava para fora tudo o que sentia. E mais, ajudou-me a programar a minha vida dali por diante. Tínhamos salvado o número de no mínimo vinte médicos para entrar em contato.

Além de, claro, ver como minha vida seguiria a partir dali. Sabia que daria conta do TCC e do trabalho, mas ao mesmo tempo, não tinha

ideia como seria dar conta *daquilo*, estando grávida. Só saberia vivendo, e era o que pretendia fazer.

— Não vai fazer ultrassom ou algo parecido? — Victória indagou e eu assenti, sabendo que era ali que me sentia presa na minha própria omissão.

— Eu queria dividir com ele, mas eu... Não sei o que fazer, essa a verdade.

— Eu sei de algo. — Melissa se pronunciou e sorriu abertamente para mim. — A gente tá grávida junto! — gritou tão alto, que com toda certeza, o corredor e o vizinho de cima ouviram.

Gargalhei alto, levantando-me e indo até ela. Aquele abraço, da mulher que conheci anos atrás e que se tornara parte de mim. Melissa era um presente, sempre foi. As mulheres em meu apartamento o eram. O homem que eu amava também o era.

Era estranho sempre lembrar dele, mas era aquilo, tinha se tornado parte das pessoas que eu não conseguia esquecer. Nunca o fizera de fato para com ele. Desde aquele primeiro olhar.

O som da campainha fez-me afastar de Mel e não ter ideia de quem poderia ser. Eram dez da manhã, e as pessoas que geralmente me

visitavam estavam praticamente todas ali. Ao menos, não Gustavo. Que pelo horário deveria estar na empresa.

Lili que estava no sofá foi até a porta, e assim que a abriu, meu coração deu um pulo no peito. Seria sempre assim? Era sempre assim?

— É. — Melissa sussurrou para mim, e então, percebi que fiz a pergunta em voz alta. — A gente acha que não vai ser, mas é. A gente nunca tá preparada para o olhar.

Olhei-a com carinho e sorri.

— E aí, CEO gostosão da minha fanfic com a rainha do marketing ali? — Lili perguntou, e ele franziu o cenho, abrindo um sorriso em seguida. — Gente, o chá que a Marta deu faz esse homem sorrir sempre!

— Lili! — seu nome saiu quase em um grito e ela deu de ombros, como se não fosse nada demais. Na verdade, não o era. Era apenas ela e toda sua sinceridade.

— É bom te ver também, Lilian!

— Lili, homem! —corrigiu-o, dando dois beijos no rosto. — Já casei você na minha cabeça há anos, e ainda fui madrinha, então... Já sabe!

— Nem vem! — Melissa se intrometeu, indo na direção dela, e Victória fez o mesmo caminho.

— Eu acho que ouvi a Lili oferecer um café novinho no apartamento da frente, e você, Mel? — Victória indagou, dando um leve abraço em Gustavo em seguida. — Bom te ver sorrindo, Guto!

— Eu aceito o café! — Melissa falou, e vi Gustavo abrir espaço para as três malucas saírem, dando um beijo no rosto de Mel, assim que ela passou por ele. — Por favor, não deem mais material para a fanfic da Lilian, ou eu vou escrever um livro em!

— Odeio vocês! — falei, enquanto Gustavo adentrava meu apartamento com um sorriso lindo, e fechava a porta atrás de si. — Você não, gostosão!

Sua expressão se transformou, e ele veio até mim, puxando-me para si com delicadeza, ao mesmo tempo que seus lábios exigiram os meus. A pegada perfeita no homem mais do que certo.

— Ao que devo esse bom dia? — perguntei, assim que nos faltou ar, e ele segurava meu queixo, do jeito que sabia que me desestabilizava com seu toque.

— Tamara mora em um prédio aqui perto. Depois que mostramos algumas novidades na empresa para nossa avó, ela decidiu que ia

interceptá-la, e me mandou aqui, para encomendar os bisnetos dela.

Sua fala engraçada teve outro efeito em mim, fazendo-me engolir em seco. Sequer consegui disfarçar o quanto a frase me atingira. Ele parou de sorrir, no segundo em que percebi o fora que dei, e eu forcei um sorriso. Contudo, Gustavo me conhecia bem o suficiente para saber que a expressão não era sincera. Naquele momento, ele me lia por completo.

Só consegui pensar que o quanto eu era boa planejando minha rotina, estudo e profissão, era péssima quando se tratava do amor. Do meu amor por ele. Nenhum plano seguia à risca. Nenhuma dúvida tinha tempo para ser pensada. Nada seguia como planejado. Absolutamente nada.

CAPÍTULO 22

“Eu sei

Eu sinto muito

Eu posso ser um hipócrita

Eu tenho coisas para trabalhar

Você tem coisas para trabalhar

Mas vamos fazer funcionar

Eu te amo”[\[29\]](#)

Gustavo

— Marta? — perguntei, enquanto ela forçava um sorriso e eu soube que não estava nada bem. Sua cor se foi e vi-me sem saber o que fazer. — Eu... — pensei no que dizer para aliviar a situação, mas faltaram-me palavras.

Passaram-se alguns segundos e ela se afastou. Fiquei ali, parado, com o sorriso da brincadeira desfeito há tempos. Não era para ser tão sério. Não mesmo. Eu só... Ela poderia não querer filhos ou até mesmo, não poder ter filhos. *Merda!*

— Eu sinto muito. — Apressei-me a dizer. — Eu nunca falei abertamente sobre filhos com ninguém e... Sei que não falamos sobre isso, e talvez, nem seja o momento. Juro que era uma brincadeira e eu... Nem sei mais o que estou falando. — Fui sincero.

Calei-me, sabendo que no fim, poderia estar piorando ou agravando ainda mais minha fala. Ela então não se virou, mas vi-a passando as mãos pelos cabelos negros soltos.

— Eu te disse que sentia o mesmo que você. — Paralisei o passo que daria, e temi que ela diria que na realidade, foi algo do momento. — Não é verdade. — Meu medo se tornando um fato, e seus olhos negros buscaram os meus.

Será que ela conseguia ver que partia meu coração?

Será que ela ia simplesmente me fazer ir? Por quê? Todas as piores questões se passaram por minha mente, e ela sorriu, deixando-me perplexo. Pensei que me pediria para ir, ou um tempo, ou o que fosse. Esperei o pior, mas a forma como ela me olhava, era o completo oposto de suas palavras.

— Eu te amo. — falou, e minha mente girou. — É a verdade, eu não sou apenas apaixonada, eu... Soube que te amava no momento em que ouvi sobre o casamento, e apenas aquela fala, me matou por dentro. Te afastei e não quis ouvir, porque tinha medo de que pudesse ouvir e ficar, medo de que perdesse meu coração de novo, para você. Mas ele já é seu... Acho que sempre foi. Desde o momento em que nos vimos.

— Marta... — seu nome como uma oração em meus lábios, e dei passos até ela, tocando seu rosto e vendo algumas lágrimas descerem. — Eu achei que estava ficando louco porque enxergava em você o mesmo que existe em mim. Eu te amei à primeira vista, mas tive medo de que fugiria porquê...

— Eu sou complicada e um tanto medrosa. — Complementou e eu assenti, enquanto ela ria em meio as lágrimas. — Eu só queria poder te provar meu amor antes... Mas eu vou enlouquecer se não contar. — Admitiu, e fiquei sem entender absolutamente nada. — Eu desmaiei porque estava me matando por dentro saber que você ia casar com outra,

naquele dia, e quando Sophie falou sobre você estar com Daniel, eu vi que... Talvez eu estivesse errada e precisasse ouvir. Mas meu corpo cedeu e... Quando voltei, você já estava lá por mim.

— Por que realmente está me falando tudo isso? — indaguei, notando a fragilidade dela e de como parecia explicar cada detalhe. Nunca a vi tão assustada e ao mesmo tempo, falando abertamente. Aquilo tirava meu sossego, porque eu só queria vê-la feliz ao meu redor. — Pode confiar em mim, sabe disso, não é?

— Eu sei. — Tocou meu rosto, e com a outra mão, segurou uma das minhas, deixando-a sobre sua barriga. — E você? Confia em mim? Confia no meu amor?

— Sim. — Respondi de relance, e notei a surpresa em seu olhar. — Eu jamais estaria aqui se não confiasse que, nem que por um segundo, você pudesse sentir o mesmo.

— Eu queria poder te dar certeza sobre esse amor antes, mas... Quanto mais te olho, quanto mais adio, e nem faz nem um dia... — riu sozinha, fazendo-me ficar ainda mais perdido. — Tô grávida!

Pisquei algumas vezes, e minha mão se mexeu instintivamente sobre sua barriga, e demorei alguns segundos para realmente falar algo. Eu sorria, e ao mesmo tempo, minha mente se embaralhava.

— Eu descobri no hospital. — Complementou e fiquei paralisado, me agarrando a todas as informações. — Sei que é cedo e que a gente mal voltou, e que nunca falamos de filhos. O meu maior sonho, sempre foi poder ser a mãe que minha mãe não pode ser para mim. Queria fazer isso depois de me formar, e dar esse orgulho a ela e meu pai, seja lá onde eles estejam, mas... Aqui estou eu, grávida do homem que eu amo no último ano da graduação.

Minha mente passou a reunir todas as coisas desconexas que ela falou, e finalmente, elas se encaixaram e fizeram algum sentido. Ela tinha medo de que eu não acreditasse no seu amor, mas sim, que estava comigo pelo nosso filho. Era claro como água, a minha frente. Eu a entendia, talvez, melhor do que ela mesma. Aquela conexão estabelecida desde o primeiro olhar, gritando entre nós.

Uma lágrima desceu e puxei-a para meu colo, sem conseguir pensar em mais nada. Girei com ela e comecei a rir alto, assim como ela o fez. Ria enquanto chorava e vi-me lembrando de como foi imaginar uma pequena versão dela, com os olhos negros que eu adorava.

Assim que a descii de meus braços, o jeito como me encarava, com adoração, era tão claro, que encostei nossas testas, enquanto minhas mãos foram para sua barriga.

— Sempre desejei ser pai. — Confessei, e vi-a sorrir novamente.
— Eu... Eu não sei o que dizer, eu só... Consigo rir e...

— Tem um pedaço nosso crescendo aqui, tem ideia disso? — indagou, fazendo-me afastar, e com uma das mãos sobre as minhas. Neguei com a cabeça e soube que estava a ponto de surtar. — Talvez uma das melhores partes. — falou, e puxei-a para mim, trazendo seus lábios para os meus.

Um beijo leve, carinhoso e cuidadoso, como se seu gosto pudesse me trazer calma para a euforia, mas não podia. Me trazia ainda mais vontade de gritar de algum parapeito que eu ia ser pai e que estava com a mulher que eu amava.

— Eu não sei o que tá acontecendo, eu sinto vontade de gritar para o mundo e...

— E surtar por que não tem a mínima ideia do que fazer? — perguntou, mordendo o lábio inferior, enquanto eu concordava. — A gente tá fodido para aprender a ser pais, não é?

Gargalhei alto e concordei com a cabeça.

— Vamos aprender juntos. — Ela tocou meu rosto, enquanto minhas mãos foram novamente para sua barriga. — Vamos aprender a não ter mais medo da reação do outro sobre algo. A gente se ama, não é?

— perguntei, e ela assentiu, olhando-me tão profundamente, que foi como se me teletransportasse para o exato momento em que aqueles mesmos olhos recaíram sobre os meus pela primeira vez.

Sempre nos via novamente lá.

Sempre me via mudando por completo desde aquele ponto.

— A gente se ama e vai aprender, todos os dias, sobre tudo... Seja eu me escondendo na sua cama, ou você se esgueirando pela minha. No fim, sempre seremos nós dois na nossa cama, juntos, e daqui nove meses...

— Vamos ser três! — praticamente gritou, e pulou sobre meu corpo.

Dividíamos muito além de desejo, amor e paixão. Tínhamos união, mesmo que nos negássemos a ela a princípio. Tínhamos o destino nos trazendo um para o outro, e *nos tínhamos* lutando um pelo outro. Nos detalhes. Nas entrelinhas. No agora, abertamente. Eu só queria poder ter aquela risada alta e gostosa, no meu ouvido, todos as manhãs e noites. E um pedaço de nós correndo pelos infinitos papéis que tínhamos espalhados.

Era como se ela tivesse o poder de transformar o mais simples em extraordinário. Para comigo, ela o fez com meu coração. Nunca esperei

amor ou procurei, mas sabia que ele existia, vívido e colorido. E lá estava ele, *nela*, fazendo-me compreender que o amor te encontra, em um dia comum, em que você apenas torce por uma chuva no fim da tarde.

No fim, era uma tempestade, mas você vai desejar se molhar para sempre.



CAPÍTULO 23

“É você, amor

E eu sou uma idiota apaixonada pelo jeito que você se move, amor

E eu poderia tentar fugir, mas seria inútil

A culpa é sua

Apenas uma dose de você e eu soube que eu nunca seria a mesma”^[30]

Marta

Fazia um longo tempo que não me via de frente para a antiga casa em que cresci, no interior repleto de montanhas e a hospitalidade sem

igual de Minas Gerais. Minhas mãos estavam geladas, talvez porque não avisei sobre absolutamente nada, e de repente, apareceria na frente da casa da mulher que me fez ser quem sou, com o homem que eu amava e um filho na barriga. Tata iria surtar com aquilo, tinha certeza. Mas antes de surtar, me culparia por não ligar e avisar.

— Não sei se ela vai ganhar da reação da minha vó. — Gustavo falou a minha orelha, como se me incentivando a finalmente bater na porta, e eu sorri levemente.

A forma como Vitoria Di Lucca reagiu à notícia de que seria bisavó quase nos mandou diretamente para o hospital. Sorri apenas com a lembrança, de Tamara e Gustavo tentando acordá-la após desmaiar.

E no segundo que ela o fez, deu um grito e praticamente voou até mim, dando-me um abraço tão fervoroso, que percebi que eu já me tornara mais que bem-vinda a sua família. Nunca imaginei, nem nos melhores sonhos, que me encaixaria, de alguma forma, em um lugar que não fosse minha zona de conforto criada com tata. Mas o encontrara.

— Ok... — falei a mim mesma, sentindo a mão de Gustavo à minha cintura, em um aperto carinhoso. Assim que levantei a mão para bater, um grito de “Que diabos é isso?” fez-me parar com a mão no ar, e me virar em direção a voz que tanto me era familiar – que era a voz que me guiara até ali.

— Tá querendo me matar do coração, *cê* já avisa! — tata falou ainda mais alto, enquanto se aproximava com uma sacola do mercado, e abriu os braços para que eu fosse até ela. Eu fui, e no segundo em que seu carinho tomou conta de mim, senti-me emocionar por completo. Dividir aquela parte de mim com ela, fazia-me dividir o mesmo com meus pais que nunca teria a oportunidade. — Por que o ruivo que você me ligou e disse que odiava tá na porta, e mais, o que *cê* veio fazer aqui no fim do mundo?

Ri de suas perguntas, claramente desconfiada sobre algo, e ela não fez menção de cumprimentar Gustavo, apenas mediu-o da cabeça aos pés. Ela sabia partes do que aconteceu, e com toda certeza, estava pensando em como agir.

— Lembra quando me contou que quando me tornei sua filha, sua vida mudou por completo, mas ainda assim, sempre soube que me teria contigo, e isso bastou? — indaguei, e ela franziu o cenho, olhando-me sem entender absolutamente nada. — Tata, eu tô grávida!

— O que? — ela praticamente berrou e a sacola em suas mãos caiu de imediato, felizmente não era nada pesado, pois senão, desceria o morro e não teríamos o que fazer. Ou então, Gustavo teria que correr atrás da sacola. A cena seria no mínimo cômica. Vi-me então parada, esperando a reação dela. Desde o segundo em que soube da gravidez,

via-me imaginando como ela reagiria. — Fatinha que me perdoe, mas eu vou ser avó por ela também! — gritou, puxando-me novamente para si, e ouvi seu choro em meio a risada sem fim.

Sabia que minha mãe, independente do que fosse, estava feliz por sua melhor amiga ser a minha nova mãe e agora, avó do meu primeiro filho. De certa forma, era como se soubesse que por mais dolorosas que as coisas foram, elas me trouxeram o melhor. Eu tinha o melhor nos meus braços.

— *Cê* ainda vai me matar. — falou, ao se afastar levemente, e tocou meu rosto. No olhar castanho, vi-me sabendo que ela sempre o teria por mim, sondando-me. — Podia ter avisado não, *peste*? Pensa no susto que eu tive, subindo o morro e dando de cara *cocê* aqui? Pensei tudo de pior!

— Desculpe, tata. — Argumentei, e ela fez uma careta, virando-se para Gustavo.

— *Cê* deve ser o cara que ia casar e pelo jeito, não casou. — Mediu-o novamente e notei a forma séria que ele se encontrava. Talvez sem a mínima ideia do que fazer diante de tamanha inspeção. — Agora me diz, a péssima história mal contada de novela mexicana que eu assisto toda tarde, era mentira, né não?

— Tata!

— Que foi? — indagou, enquanto ouvi Gustavo rir levemente, e ela se virou novamente para ele. — Marta é cabeça dura, já viu. Mesmo assim, espero que seja um bom homem para ela, se não, a gente vai se acertar em algum momento.

— Desejo ser apenas o melhor. — Ele falou e esticou uma mão para ela.

— Deixa disso, *homi*! — bateu levemente na mão dele, e puxou-o para um abraço, o qual eu fiquei surpresa, e com toda certeza, Gustavo também. Assim que ela se afastou, sorrindo para ele, olhou-o com tamanho carinho, que era como se ela soubesse que ele era o cara certo. — Seja bem-vindo a família. Somos em duas, mas já deve ter percebido, que a gente vale por uns dez. Pode se acostumar, porque gênio ruim igual o nosso com certeza vai estar no filho de vocês!

— Pelos céus, tata!

— Pelos céus nada, menina. — Rebateu, fazendo-me rir, e ela foi até a sacola, pegando-a. — Agora vamos entrar, que já demos uma fofoca para a vizinha de cima que *tá* cansada de ter que falar só sobre o clima.

Ri alto, enquanto ela abria a porta, e Gustavo me seguiu.

— Obrigado por isso. — Ele sussurrou em minha orelha, e o encarei levemente, vendo-o sorrir. — Por tudo.

No seu olhar azul gelo, dentro da casa na qual cresci e que sempre seria meu lar, eu soube que queria proporcionar o mesmo para o nosso filho. Poder dar a ele um lar, para o qual ele nunca duvidasse, nem por um segundo, que pudesse voltar. Soube também, que queria entregar aquilo ao homem que eu amava. *Eu poderia?* Sim! *Eu sabia como?* Finalmente, eu soube.



— Meu pai dizia que as rosas no quintal eram como minha mãe. — falei, lembrando-me do que tata me contara por anos e anos. — Elas só apareciam quando queriam, *mesmo*. Delicadas, bonitas, mas se não tomar cuidado, você se machuca, às vezes, profundamente. — expliquei, e senti o toque em meus cabelos aumentar e um leve beijo dele sobre eles.

Estávamos na rede do jardim, enquanto tata disse que precisava correr na casa de uma amiga para emprestar algum ingrediente secreto – que pelo jeito não era tão secreto assim – para usar no jantar. E ali estava eu, com o homem que eu amava, no mesmo jardim no qual eu sabia, que meus pais também se amaram.

— Talvez você seja uma rosa então. — Ele falou, e eu me levantei, sorrindo, enquanto caminhava até a roseira e pegava uma das rosas brancas.

— Talvez eu só seja sua e tenha demorado a aceitar. — Rebatí, e fui até ele, dando-lhe a rosa, o qual sorriu, e levou ao nariz, buscando o cheiro. — Já olhou para alguém e se perguntou, como seria, passar o resto da vida ao lado dela?

— Já. — respondeu de imediato, encarando a rosa, e em seguida a mim. — Nunca parei de me perguntar isso desde o momento em que te vi.

— Eu nunca imaginei, até perceber que quando estamos juntos, não consigo imaginar um futuro sem você nele, em momento algum... Mesmo quando acreditei que tinha quebrado meu coração.

Estiquei uma mão em sua direção, convidando-o a se levantar e vir até mim, e ele o fez, sem perguntar.

— Não sou boa em seguir padrões, nem mesmo, minha agenda tem funcionado. Sou metódica, no entanto. Mas, quando olho para você, só quero ter a certeza de que meu corpo, vai estar grudado no seu, no fim da noite. — Admiti, e envolvi seu rosto com as mãos, enquanto ele me encarava, claramente não entendendo nada. — Não precisa ser agora, nem mesmo, precisamos ter uma data. Eu só sinto, que, pela primeira vez, eu entendi porque as pessoas querem ter uma aliança no dedo, ou no mínimo, fazer o pedido.

— Marta...

— Casa comigo? — indaguei, sentindo todo meu corpo entrar em expectativa e meu coração bater freneticamente. Nunca, nem nos meus sonhos mais malucos, imaginei-me pedindo alguém em casamento. Mas ali, com ele, parecia tão certo, que não quis me negar a vontade que rondava minha mente. — Ok! Era para ser um pedido de namoro, mas...

Seus lábios vieram para os meus e senti suas mãos me tirarem do chão, enquanto sua resposta ficava ainda mais clara, acalmando meu peito. Ele sempre poderia dizer não, contudo, mais uma vez, ele me entregava a si. Tudo de si.

— Tem todos os meus “sim”, deusa. — falou, comigo ainda em seus braços, e fazendo-me derreter por ele. — Tem todo o meu coração.

— Eu sei. — falei, e senti o chão em meus pés. — Sei tanto que não quero mais fugir ou fingir que não quero ele todo. Quero tudo que quiser me dar, Gustavo.

— Por um longo tempo, apenas tive a certeza de que nunca saberia nada certo sobre você, mas agora... — suspirou profundamente, unindo nossas testas. — Agora a única certeza que tenho sobre você é que me ama.

— E eu amo. — toquei seu rosto, olhando-o como se pudesse me afogar em seus olhos. — Amo a ponto de apenas aceitar toda cafonice que vem junto.

Ele riu alto e acabei por fazer o mesmo.

— Nunca fui cafona antes. — falou, e eu assenti, entendendo-o por completo.

— E eu, depois de você... Nunca mais fui a mesma.

Seus lábios vieram novamente para os meus e eu sorri em meio ao beijo, enquanto soube que não nos importava de fato os rótulos pelo que tínhamos construído, e ainda mais, pelo que construiríamos. Importava as atitudes, um pelo outro ali, no silêncio de um jardim, na entrega completa de todas as vontades que não reconhecíamos antes.

Assim que seus olhos foram meus novamente, percebi que o desejo que sentíamos era latente, vivo e não ia nos deixar. Em meio ao fogo que o consumia e fazia o mesmo conosco, nunca foi apenas o queimar que nos manteve presos um ao outro. Foi a vontade de entender por que queimava. Foi a busca por compreender por que ardia.

Soube ali, que mesmo após o que fosse, nunca sobraria apenas desejo de nós. Sempre foi muito além daquilo. Sobraria um clichê romântico e uma família a crescer. Sobraria amor. E aquele sentimento, dentre tantos, era apenas uma parte do que nos representaria. Porque fim, sobraria nós, e aquilo bastava. Sempre.

“Mas eu sou fogo e vou manter seu
frágil coração quente...

Se sua tristeza em forma de cascatas e ondas do oceano vier

Todas essas pessoas pensam que o amor é para se mostrar

Mas eu morreria por você em segredo

O diabo está nos detalhes, mas você tem uma amiga em mim” [\[31\]](#)

Anos depois...

Era quase como um déjà vu.

Marta adentrou a cozinha e abriu a geladeira da casa de Melissa. No segundo em que pegou uma jarra de água, sorriu sozinha, ao recordar, que anos antes, estava exatamente ali, no exato local onde conheceu o homem que amava.

— Pensando em mim, deusa?

A pergunta soou tão quente quanto ele o era. Ela soltou um suspiro e negou com a cabeça, apenas para provocá-lo, e buscou um copo no armário do alto, para colocar a água. Uma maré de lembranças a acertando, enquanto era praticamente devorada e adorada pelo olhar azul gelo dele. Bebeu a água, enquanto sentia o peso da aliança em seu dedo anelar esquerdo, que brilhava, em um diamante negro, que como ele disse, lembrava os olhos que o marcaram.

Nunca foi fã de extravagância ou se viu de branco em um altar, mas assim como ele cedia parte da sua vida para ela, o fez por ele. Era um limiar mínimo, mas a diferença social entre eles, sempre foi gigante. Felizmente, se adaptaram aos poucos, e com o tempo, as coisas se tornaram naturais. A não ser pelo fato que olhá-lo nunca seria apenas um momento. Sempre sentia seu mundo girar e quase ser engolida pelo desejo que tinham.

— Mamãe!

O grito da pequena parte deles, correndo em direção a ela, para se esconder de trás de suas pernas, fê-la gargalhar, e Gustavo olhou toda a situação sem entender. Só compreendeu por completo no segundo em que Luna, filha de Caleb e Victória apareceu, gritando que ela tinha visto Ezequiel e que ele perdeu.

O filho bufou alto, fazendo Marta gargalhar ainda mais e encarar os olhos idênticos aos dela, mas que trazia os cabelos dos pais e o gênio terrível dela, como sua tata um dia previu.

— Não sou transparente, meu filho. — Ela falou, zombando dele, o qual revirou os olhos, e saiu correndo dali em seguida.

Gustavo foi até ela e a puxou pela cintura, fazendo-a quase derrubar o copo que ainda segurava, e ao mesmo tempo, ela se derreteu por completo. Mesmo após anos, eles ainda pareciam os mesmos quando olhavam um para o outro. Aquilo deixava claro que quando o amor é verdadeiro, e só ele, nada pode impedi-lo. Nem mesmo a covardia, fragilidade ou incerteza.

— Era isso que queria fazer quando me viu pela primeira vez, exatamente aqui? — ela perguntou, puxando levemente o lábio inferior dele com os dentes, e Gustavo teve de sufocar um gemido. Mesmo depois de tanto tempo, ela continuava tirando o inferno para fora dele, e o levava ao céu. — Senhor Di Lucca? — indagou, mordendo o lábio inferior e esperando que aqueles olhos lhe fizessem o que desejasse.

Que desejasse ela.

— Acho que posso dizer que fiz muito mais do que imaginei quando te vi. — Sentenciou e pegou a mão esquerda dela, trazendo-a até

a frente do rosto. — Um anel negro para os olhos negros da minha vida.

— O amor te deixa tão cafona, Gustavo. — Ela admitiu, mesmo que adorasse por completo aquilo, e ele sabia. Ainda mais, porque era apenas por ela, sempre para com ela.

— E você me ama exatamente assim — tocou seu rosto e sorriu diante da forma como o corpo dela ansiava pelo dele. Desde sempre daquela maneira, até agora e para o resto de suas vidas, de tal forma. — Pode me chamar de seu amor.

— Prefiro te chamar de gostosão ou meu. — Marta piscou um olho e ele sorriu levemente, encostando seus narizes.

— Quem é cafona agora? — indagou e ela não pode negar, também o era. Não conseguia evitar não o ser para com ele.

Seus lábios finalmente se tornaram dele e naquele encontro, no mesmo lugar onde tudo começara, sabiam que sempre poderiam se reencontrar. Em qualquer clichê romântico que fosse, ela o adoraria. Em qualquer encontro com os olhos negros, ele a amaria. Os dois se completavam, nos limites até então desconhecidos para si.

Jim

Nota II

E então?

O que acharam de conhecer o universo de Di Lucca e Marta? Espero de coração, que eles tenham chegado até o seu, e feito um pouquinho de morada. Não se esqueça de deixar sua avaliação, me contando o que achou da leitura. Agradeço por chegar até aqui, e dividir comigo o que tem de mais preciso – o seu tempo. Que tenha valido a pena.

Para quem se interessar por mais da minha escrita, tenho vários livros disponíveis aqui na amazon, incluindo o livro da Vic e do Caleb (disponível no link abaixo), e dos outros personagens, logo serão relançados também!

Com todo amor

(e espero que até a próxima rs),

Aline



REDES SOCIAIS

Instagram: @alineapadua

Tiktok: @autoralinepadua

Twitter: @alineapadua

Meus outros livros: [aqui](#)

[1] Trecho da canção intitulada ...Ready For It? da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[2] Trecho da canção intitulada Cruel Summer da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Lover, data de lançamento: 2019.

[3] Trecho da canção intitulada Never Be the Same da artista cubano-americana Camila Cabello – álbum: Camila, data de lançamento: 2018.

[4] Trecho da canção intitulada Hands To Myself da artista norte-americana Selena Gomez – álbum: Revival, data de lançamento: 2015.

[5] Trecho da canção intitulada Señorita do artista canadense Shawn Mendes feat. Camila Cabello – álbum: Shawn Mendes, data de lançamento: 2018.

[6] Trecho da canção intitulada New Rules da artista britânica Dua Lipa – álbum: Dua Lipa: Complete Edition, data de lançamento: 2018.

[7] Trecho da canção intitulada Señorita do artista canadense Shawn Mendes feat. Camila Cabello – álbum: Shawn Mendes, data de lançamento: 2018.

[8] Trecho da canção intitulada Señorita do artista canadense Shawn Mendes feat. Camila Cabello – álbum: Shawn Mendes, data de lançamento: 2018.

[9] Trecho da canção intitulada Stuck On You do artista norte-americano Giveon – álbum: When It's All Said And Done... Take Time, data de lançamento: 2021.

[10] Nem por reza brava = em nenhuma circunstância, nunca.

[11] Trecho da canção intitulada Don't Blame Me da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[12] Trecho da canção intitulada Count On Me do artista norte-americano Bruno Mars – álbum: Doo-Wops & Hooligans, data de lançamento: 2010.

[13] Trecho da canção intitulada Can't Remember to Forget You da artista colombiana Shakira feat. Rihanna – álbum: Shakira, data de lançamento: 2014.

[14] Trecho da canção intitulada Never Be the Same da artista cubano-americana Camila Cabello – álbum: Camila, data de lançamento: 2018.

[15] Trecho da canção intitulada Leave The Door Open do supergrupo norte-americano Silk Sonic – álbum: Leave The Door Open, data de lançamento: 2021.

[16] Trecho da canção intitulada exile da artista norte-americana Taylor Swift feat. Bon Iver – álbum: folklore, data de lançamento: 2020.

[17] Trecho da canção intitulada Heartbreak Anniversary do artista norte-americano Giveon – álbum: When It's All Said And Done... Take Time, data de lançamento: 2021.

[18] Trecho da canção intitulada Enchanted do artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Speak Now, data de lançamento: 2015.

[19] Winx Club é um desenho animado de [aventura](#) e [fantasia](#) criado por [Iginio Straffi](#), produzido pela [Rainbow SpA](#) e pelo canal de tv infantil [Nickelodeon](#). Fonte: Wikipédia.

[20] Pokémon é uma série de jogos eletrônicos desenvolvidos pela Game Freak e publicados pela Nintendo como parte da franquia de mídia Pokémon. Fonte: Wikipédia.

[21] Trecho da canção intitulada Ainda é Cedo da banda brasileira Legião Urbana – álbum: Legião Urbana, data de lançamento: 1985.

[22] Trecho da canção intitulada Ainda é Cedo da banda brasileira Legião Urbana – álbum: Legião Urbana, data de lançamento: 1985.

[23] Trecho da canção intitulada I Don't Wanna Live Forever do artista norte-americana Taylor Swift feat. Zayn – álbum: Fifty Shades Darker, data de lançamento: 2017.

[24] Trecho da canção intitulada Broken-Hearted Girl da artista norte-americana Beyonce – álbum: I Am... Sasha Fierce, data de lançamento: 2008.

[25] Trecho da canção intitulada Like I Want You do artista norte-americano Giveon – álbum: Take Time, data de lançamento: 2020.

[26] Trecho da canção intitulada Take Time do artista norte-americano Giveon – álbum: Take Time, data de lançamento: 2020.

[27] Trecho da canção intitulada Peer Pressure do artista norte-americano James Bay feat. Julia Michaels – álbum: Oh My Messy Mind, data de lançamento: 2019.

[28] Trecho da canção intitulada Close do artista norte-americano Nick Jonas feat. Tove Lo – data de lançamento: 2016.

[29] Trecho da canção intitulada Vanish do artista norte-americano Giveon – álbum: Take Time, data de lançamento: 2020.

[30] Trecho da canção intitulada Never Be the Same da artista cubano-americana Camila Cabello – álbum: Camila, data de lançamento: 2018.

[31] Trecho da canção intitulada peace da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: folklore, data de lançamento: 2020.